

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Cláudia Maria Pacheco da Silveira

Açores, Um destino Cultural e Paisagístico Sustentável

Dissertação apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo para a
obtenção do grau de Mestre em Turismo especialização em Gestão
Estratégica de Destinos Turísticos

Orientador: Professor Doutor Francisco Silva

Co-Orientador: Professor Doutor Vítor Ambrósio

30 de Novembro de 2011

Ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, senhor do povo açoriano sem fronteiras.

*Aos meus Pais, Constantina e Humberto, à Mãe Guardiã Ana de Jesus
à nossa confidente Paula Rêgo e ao meu irmão Gastão, cavaleiro aguerrido.*

Aos verdadeiros Açorianos que não esquecem as suas raízes.

Índice

Agradecimentos.....	6
Resumo.....	7
Abstract	8
Lista de Abreviaturas	9
1.Introdução	10
1.1 Tema e objectivos da investigação.....	10
1.2Estrutura metodológica da tese	11
2. Estado de Arte do Turismo Cultural e Paisagístico.....	14
2.1 Definições	14
2.1.1 Oferta Turística	14
2.1.2 Produto Turístico <i>Touring</i> Cultural e Paisagístico	14
2.1.3 Sector Cultural e Criativo.....	14
2.1.4 Turismo Cultural	15
2.1.5 Turismo e Património “ <i>Heritage Tourism</i> ”	16
2.2 Procura Turística	17
2.2.1 Oportunidades e Riscos no desenvolvimento do <i>Touring</i> Cultural e Paisagístico	18
2.2.2 Perfil e motivações dos Turistas.....	19
2.2.3 A importância da qualidade no serviço	20
2.2.4 Experiência e Satisfação dos visitantes	20
2.2.5 Análise das estratégias de Marketing nas atracções culturais - Caso de Estudo Sydney	21
2.3 Oferta Turística	21
2.3.1 Visão Antropológica	22
2.3.2 Visão da Geografia Cultural.....	23

2.3.3	Evolução do termo Paisagem	23
2.3.4	Paisagem e Turismo, a sua relação.....	24
2.3.5	Paisagem eco-cultural e o envolvimento da comunidade local.....	25
2.3.6	Lugares e o seu consumo turístico	27
2.3.7	Desafio entre a autenticidade e a abordagem turística.	27
2.3.8	Gestão dos recursos patrimoniais e a sua conversão em produtos turísticos.....	29
2.3.9	Gestão integrada e operacional.....	31
2.3.10	Impactos negativos e soluções	32
2.3.11	Quinze Factores Críticos no desenvolvimento do Turismo Cultural	32
2.3.12	Gestão Sustentável aplicada aos Destinos Turísticos.....	34
2.3.13	A importância das vertentes da Sustentabilidade	35
3.	Contexto da actividade Turística Cultural em Portugal	37
3.1	Enquadramento	37
3.2	Caso de Estudo	38
3.3	Vertentes do estudo.....	40
3.4	Objectivos	41
4.	Instrumentos de investigação	42
4.1	Inventário dos Recursos Turísticos Culturais e Paisagísticos do Centro Histórico de Ponta Delgada	42
4.2	Questionários.....	44
4.3	Entrevistas	45
4.4	Síntese dos resultados.....	46
4.4.1	Instrumentos qualitativos	46
4.4.1.1	Inventário dos Recursos Turísticos Culturais e Paisagísticos do Centro Histórico de Ponta Delgada	46

4.4.1.2 Entrevistas	47
4.4.2 Instrumentos quantitativos	48
4.4.2.1 Questionários.....	48
4.4.2.2 Análise Descritiva	49
4.4.1.5 Teste de Hipótese “Qui Quadrado”	53
4.4.1.6 Análise de Correspondência.....	55
5. Aplicação do Produto Touring Cultural Paisagístico nos Açores	59
5.1 Análise SWOT da oferta turística primária (Recursos Culturais e Naturais).....	59
5.2 Processo de comercialização do Produto	60
5.2.1- A importância da cadeia de valor adoptada ao produto Touring Cultural e Paisagístico nos Açores.....	61
6. Considerações finais, Limitações do estudo e Recomendações	62
6.1 Síntese	62
6.2.Resultados e Limitações do estudo	63
6.3 Conclusões e Recomendações.....	65
7.Referências Bibliográficas	67
8.Anexos.....	73

Agradecimentos

Primeiramente começo por agradecer a todos aqueles que estiveram sempre presentes comigo neste processo, os meus Pais, o meu irmão Gastão, à Mãe Ana de Jesus Barbosa que graças à sua ajuda espiritual me possibilitou a concretização deste trabalho final e a confidente Paula Rêgo. A minha família, a Madrinha Cristina e o Rui Macedo, aos meus Amigos Liliana Ávila, Kathy Lopes, Sara Medeiros e Sarah Quina Silva pela sua ajuda com o *abstract*. À Senhora Beatriz Jácome Correia pelas trocas culturais durante o Verão, às famílias adoptivas Bruno e Simões e à Mestre Elisabete Pacheco por me ter cedido gentilmente o SPSS versão 19 para poder analisar os dados estatísticos.

À Professora Doutora Rute Gregório por me ter impulsionado a escrever sobre este tema contribuindo para a autoria do título do mesmo. Ao orientador Professor Doutor Francisco Silva pela disponibilidade e prontidão com que aceitou colaborar no desenvolvimento da investigação, igualmente ao co-orientador Professor Doutor Vítor Ambrósio pela compreensão e solicitude e a ambos agradeço a paciência no decorrer deste processo até à sua finalização. Ao Professor Dr. Manuel Reis Ferreira pela sua colaboração ao indicar o seu modelo para as fichas de inventário.

Às instituições culturais, nomeadamente o Director Regional da Cultura Dr. Jorge Paulus Bruno pelo seu contributo elucidativo da realidade açoriana.

Ao Director Regional de Turismo, Dr. Miguel Cymbron pela facilitação do funcionamento da orgânica turística do Destino Açores.

Aos Agentes de Viagens pela ajuda no preenchimento dos questionários que me permitiram viabilizar, ainda em que dimensão reduzida, a realidade do subsector turístico de Operadores e Agências de Viagens de Ponta Delgada.

Ao responsável pela Associação Ecológica Amigos dos Açores, Mestre Diogo Caetano pela prontidão com que aceitou a entrevista e o seu feedback deixou antever a realidade do património natural dos Açores.

Á presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Dra Berta Cabral pelo seu testemunho e por apostar na vertente cultural do município.

Às funcionárias da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada na pesquisa de conteúdos bibliográficos, à actual directora Doutora Rute Gregório e à Dra. Catarina Teixeira pela explicação das livrarias particulares.

Em último lugar e não menos importante à cultura e à natureza açoriana que foram ao longo deste ano instrumentos de trabalho muito desafiantes e ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, a expressão cultural religiosa açoriana conhecida internacionalmente.

Resumo

A dissertação em ênfase procura demonstrar a validade da simbiose existente entre a cultura e a natureza e a sua potencialidade em termos de comercialização turística neste caso aplicado à realidade turística do Destino Açores.

Assim sendo, a investigação prende-se por aferir os benefícios que a introdução do produto *Touring Cultural e Paisagístico* acarreta e a sugestão de modelos de aplicação para a sua viabilização considerando as vertentes inerentes ao princípio da sustentabilidade, a ecológica nomeadamente a salvaguarda dos recursos naturais, a económica visando a sustentabilidade da oferta turística e a sociocultural levando ao envolvimento da população local com a actividade turística.

O estudo analisou a opinião dos intervenientes turísticos do subsector dos operadores turísticos e agências de viagens e dos responsáveis das instituições culturais. A dimensão da amostra é muito reduzida contabilizando-se 8 casos no sector turístico e apenas 1 caso do sector cultural que no entanto permitiram perceber a sua receptividade referente ao produto em estudo. Desta forma as agências de viagens inquiridas dizem respeito ao universo de Ponta Delgada na ilha de São Miguel, apresentando um total de 12 agências de viagens respondendo apenas 8. No caso do sector cultural a Direcção Regional de Cultura assumiu a totalidade das respostas.

A finalidade da investigação foi perceber o estado actual do turismo na região, os factores imprescindíveis para a sustentabilidade e diversificação da oferta turística, o que falta aos Açores para potencializar novos produtos. De que forma o *Touring Cultural e Paisagístico* pode diversificar a oferta turística, a interpretação turística através dos guias intérpretes regionais e da população local e o que falta no interface entre o turismo e a cultura.

O estudo demonstrou que existe alguma insatisfação (25%) no percurso do desenvolvimento do sector turístico, observando-se também outros 25% numa posição neutra Nem Satisfeitos/ Nem Insatisfeitos e os restantes 50% mostraram-se satisfeitos.

Ao longo da dissertação, nomeadamente através do inventário dos recursos culturais e paisagísticos do centro histórico de Ponta Delgada deixa bem patente o potencial que estes recursos reúnem não menosprezando a população local e as suas tradições, pois é através destas que se assiste à produção cultural, denotando-se no entanto a ausência da agregação dos recursos para finalidade turística.

Palavras-chave: interligação entre cultura e natureza; *Touring Cultural e Paisagístico*; modelo de comercialização; sustentabilidade dos recursos e serviços; análise dos intervenientes turísticos do subsector operadores turísticos e agências de viagens; instituições culturais; recursos sem ligação turística; destino turístico Açores (Portugal).

Abstract

The dissertation seeks to demonstrate the validity of the symbiosis between nature and culture and its economic and marketing potential applied to the Azores tourism destination reality.

Thus, the research aims to assess the benefits of the introduction of the Cultural & Landscape Touring and develop conceptual models for its application according to sustainability principles, namely environmental protection of natural resources, economic sustainability of tourism supply and through involvement of local communities with tourism activities associated with the socio-cultural pillar.

The purpose of the research was also to analyse the current state of tourism in the region, to identify the key factors for the diversification and sustainability of tourism supply, understand the lack of development of different tourism products in the Azores region and how Cultural & Landscape Touring could fulfil this gap. As well as, how local communities and regional tour guides involvement could contribute in tourism enhancement and identify the main gaps in the interface between tourism and culture.

Concerning data collection, stakeholders linked to travel agencies and tour operators, as well as, local cultural institutions were inquired. Unfortunately the dimension of the sample study was reduced due to the reluctance of many contacted stakeholders to participate.

An inventory of cultural and natural resources of Ponta Delgada's Heritage Centre in S. Miguel island performed, enable us to argue the potential of such resources although a lack of correct resource aggregation in a tourism product was identified.

Key-words: Interface between culture and nature; cultural and landscape Touring; conceptual models; sustainable touristic supply; inquired groups travel agencies and cultural institutions; lack of perception of the resources as tourism products; Azores as a tourism destination (Portugal).

Lista de Abreviaturas

AMRAA – Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores

ARDE- Associação Regional para o Desenvolvimento

ATA- Associação de Turismo dos Açores

CESTUR - Centro de Estudos de Estudos de Turismo da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

CMPDL- Câmara Municipal de Ponta Delgada

DMO- *Destination Management Organization*

DRAC- Direcção Regional da Cultura

DRT – Direcção Regional do Turismo

OMT – Organização Mundial do Turismo

OTA - Observatório do Turismo dos Açores

PENT - Plano Estratégico Nacional do Turismo

PIB – Produto Interno Bruto

POTRAA - Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores

REVIVA - Programa de Revitalização Económico e Social do Centro Histórico de Ponta Delgada

SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*

TIC's – Tecnologias de Informação e Comunicação

UE- União Europeia

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

WCED - *World Commission on Environment and Development*

1.Introdução

1.1 Tema e objectivos da investigação

O estudo centra-se na oferta do Destino Açores, uma vez que o objectivo primordial reside em aferir o estado actual dos recursos, no âmbito do *Touring* Cultural e Paisagístico. Desta forma, o inventário irá facilitar a concretização de uma parte do estudo da oferta turística dos Açores, visto que após a organização e a avaliação do aspecto referido acima torna-se possível analisar a atractividade e a competitividade dos recursos, que como referiram Richthie e Crouch (2003), são eles que ditam a escolha de um destino em detrimento de outro.

Os objectivos passam por conhecer o potencial da oferta turística dos Açores, para que no final se possa apresentar um plano de investigação passível de ser transposto para uma aplicação futura na diversificação do Destino Açores. Nesta óptica os objectivos enumerados são os seguintes:

1. Estudar a oferta turística do Destino Açores no domínio do *Touring* Cultural e Paisagístico
2. Inventariar os recursos primários (naturais, culturais e patrimoniais) do Centro Histórico de Ponta Delgada.
3. Compreender a posição da comunidade local na concepção de produtos e estratégias turísticas.
4. Averiguar o papel dos intervenientes turísticos, numa política sensível aos recursos e à sustentabilidade.
5. Delinear um modelo que permita a comercialização do produto em estudo.

Nos destinos turísticos torna-se importante a concepção de produtos turísticos, pelo que, deverá existir sinergias entre os intervenientes turísticos do sistema turístico regional no delineamento de estratégias. Seguindo uma política sustentável e no caso específico deste produto a comunidade local é a base do sucesso deste produto como mencionado por Cunningham (2009), a população local é a voz dos Destinos Turísticos. A participação da população local será muito importante no processo de identificação e de preservação dos recursos pois conhecem bem a realidade local como afirmou Cunningham (2009) e o produto em estudo está relacionado com os aspectos culturais e naturais onde estão retratadas características culturais como vários autores comprovaram.

A sustentabilidade, nomeadamente a sua vertente ambiental tem estado muito em voga e a consciencialização começa a ser quase uma prioridade para muitos turistas na escolha de um destino turístico. Um destino turístico não deve basear a sua estratégia no lucro rápido como Richthie e Crouch (2003) salientaram, visto que os recursos na sua maioria não possuem a

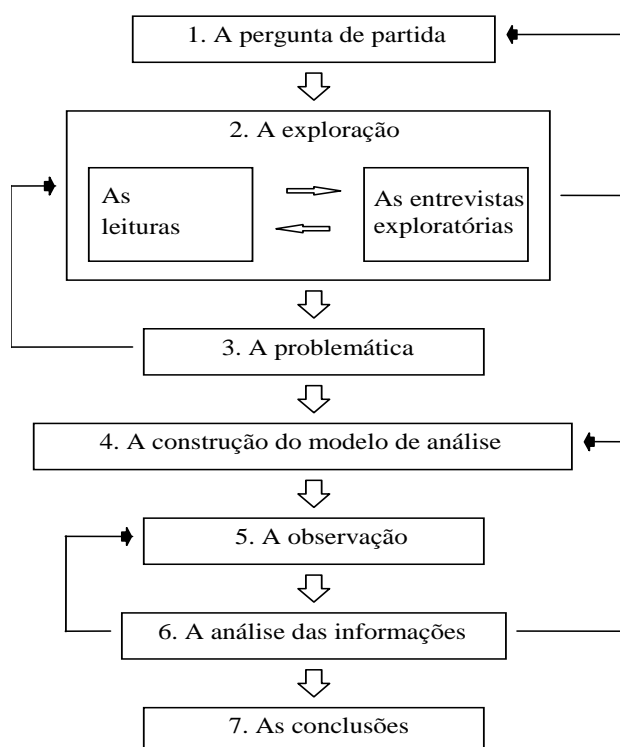
capacidade de se regenerarem. Assim os intervenientes turísticos para assegurarem a viabilidade da actividade turística a longo prazo o caminho passará pela sustentabilidade.

As informações recolhidas ao longo do trabalho, permitiram traçar orientações que podem ser úteis na aposta para a introdução do produto em estudo num futuro próximo. Com este objectivo poderei dar uma nova hipótese ao destino Açores ao diversificar a oferta turística existente seguindo a sustentabilidade da oferta turística a longo prazo.

1.2 Estrutura metodológica da tese

A investigação seguiu o esquema metodológico (Esquema 1) desenvolvido por Quivy e Campenhoudt (1992), composto por sete etapas para a efectivação do estudo.

Esquema 1. As Etapas do Procedimento da Investigação Científica nas Ciências Sociais e Humanas



Fonte: Quivy (1992).

A investigação iniciou-se com duas perguntas de partida: *O Touring Cultural e Paisagístico pode diversificar a oferta turística do destino Açores? O conceito “paisagem = natureza + cultura”, assentando numa política sustentável, resultará em comercialização turística?*

Na etapa seguinte, aprofundi os conhecimentos recorrendo a leituras para sustentar a investigação, partindo de um carácter geral para o objectivo específico do estudo do produto *Touring Cultural e Paisagístico*. Assim sendo, a revisão literária abordou áreas distintas mas interdependentes para a concretização do produto em estudo, como a antropologia (a influência do homem no espaço em que vive), a geografia (de carácter cultural pois na paisagem existe interacção entre a cultura e a paisagem), o turismo cultural (que revelou informação sobre a

procura e a oferta turística deste produto), o *Touring Cultural e Paisagístico* (através da junção dos aspectos culturais e paisagísticos) e a sustentabilidade (aplicada aos destinos turísticos).

As entrevistas exploratórias ajudaram a ter noção do produto no destino em estudo, sendo estas efectuadas a docentes ou especialistas em Turismo e História/Património Local, que foram muito importantes ficando a perceber que existe falta de interligação entre os dois campos cultura e turismo e a conjugação destes com finalidade turística. Não obstante, elaborei um inventário para estudar a potencialidade dos recursos existentes no âmbito cultural e paisagístico do centro Histórico de Ponta Delgada reunindo os recursos agregando-os deixando possíveis roteiros temáticos.

Na terceira etapa sintetizei as ideias principais transpostas na revisão literária conjugando igualmente as orientações da fase exploratória, que permitiram a validação do tema em estudo e o seu prosseguimento através da apresentação do território, o Destino Açores conhecido como destino de Turismo de Natureza com pouca procura turística a nível cultural.

A etapa posterior consistiu em interligar a problemática, ou seja as vertentes de abordagem e as hipóteses que advieram da fase anterior que resultaram na concepção de modelos conceptuais. A análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats) que ajudou a sintetizar e a identificar os pontos fortes, os pontos fracos, as oportunidades e as ameaças do *Touring Cultural e Paisagístico*. O modelo do processo de comercialização resultou da aplicação dos aspectos referidos na revisão literária e adoptados à realidade dos Açores e o processo do valor acrescentado incluindo as actividades primárias (ligadas ao sector turístico relacionadas com o produto em estudo) e as actividades conexas (as infra-estruturas que na abordagem do produto irão acrescentar valor à experiência).

Na quinta fase nas ferramentas de observação utilizei quantitativas e qualitativas, o questionário para analisar na região junto dos operadores turísticos e agentes de viagens o estado actual do turismo e a introdução do produto *Touring Cultural e Paisagístico*. A recolha de informação junto das instituições culturais visou entender se existia ligação entre a cultura e o turismo. A entrevista junto dos órgãos institucionais na área da cultura e do turismo, permitiram aferir que a produção cultural é feita a pensar no consumo local e que não existe ainda estabelecido o *interface* entre a cultura e o turismo. Os outros destinatários das entrevistas abrangeram o campo do poder local através da Câmara Municipal de Ponta Delgada que apesar de não ter nenhum plano estratégico de turismo tem vindo a desenvolver com a Associação Regional para o Desenvolvimento (ARDE) guias culturais para as suas freguesias. A Associação Ecológica dos Amigos dos Açores complementou a informação acerca do património natural, da sua sustentabilidade e da potencialidade da visão proposta pela dissertação: Paisagem = natureza+cultura.

A sexta etapa assentou na interpretação e análise dos dados de modo a averiguar se a informação reunida responde à pergunta de partida e se remete para reflexões futuras falar da resposta às perguntas de partidas. Assim sendo, a resposta à primeira pergunta de partida: *O Touring Cultural e Paisagístico pode diversificar a oferta turística do destino Açores?* em que os intervenientes turísticos admitiram unanimemente que através da introdução do produto *Touring Cultural e Paisagístico* a oferta turística beneficiará de um reforço da sustentabilidade da oferta turística. A segunda pergunta, *O conceito “paisagem = natureza + cultura”, assentando numa política sustentável, resultará em comercialização turística?* foi validada através da entrevista feita ao responsável da Associação Ecológica Amigos dos Açores.

A última etapa, considerações finais permitiu fazer uma retrospectiva dos aspectos a considerar para possíveis recomendações no prosseguimento do desenvolvimento do produto *Touring Cultural e Paisagístico* nos Açores tendo sido estabelecidos vectores para a introdução (vector criar), para o seu desenvolvimento (vector diversificar) e para o seu crescimento (vector consolidar).

2. Estado de Arte do Turismo Cultural e Paisagístico

2.1 Definições

2.1.1 Oferta Turística

A investigação insere-se no âmbito da oferta turística cuja definição de Cunha (2007), compreende bens e serviços, infra-estruturas turísticas e de suporte à actividade que satisfazem as necessidades dos turistas incluindo os recursos primários (naturais e culturais).

A oferta turística possui características muito particulares, visto que os bens produzidos não são passíveis de armazenar devido ao facto de os bens e serviços turísticos serem produzidos para consumo imediato, ou seja, para serem consumidos num determinado momento que não podem ser recuperados num momento posterior (Cunha, 2007). Acresce igualmente que o momento de produção só acontece mediante a presença do cliente justificando outra característica o facto de oferta turística ser imóvel, os consumidores têm que se deslocar para determinado lugar de forma a usufruírem dos bens e serviços turísticos (Cunha, 2007). Outra questão a considerar é que a produção e o consumo acontecem em simultâneo, isto é a produção turística e o seu consumo reportam ao mesmo lugar e ao mesmo tempo (Cunha, 2007). Relativamente ao produto turístico em si este é composto por diversos bens e serviços como as viagens, o alojamento, a restauração estando interligados, em que se uma componente falha pode comprometer o desempenho do produto. A intangibilidade é a característica de conhecimento geral do sector turístico, em que, os produtos turísticos não podem ser experimentados antes do momento de consumo (acto de compra), (Cunha, 2007).

2.1.2 Produto Turístico *Touring* Cultural e Paisagístico

A área de pesquisa será uma das componentes da oferta turística. O *Touring* Cultural e Paisagístico de acordo com o Plano Estratégico Nacional do Turismo (2007) consiste em rotas ou circuitos privilegiando locais com património natural, paisagístico, histórico e cultural.

Os Açores são o caso de estudo, uma vez que possuem como produto nuclear o turismo de natureza. Com a introdução de um novo produto, a oferta turística do destino poderá diversificar-se. O *Touring* Cultural e Paisagístico fará a ligação entre a natureza e a cultura numa óptica sustentável, baseando-se no conceito “Paisagem = natureza + cultura”.

2.1.3 Sector Cultural e Criativo

Assim sendo, o sector cultural inclui as artes tradicionais (artes visuais, de representação e património) e as indústrias culturais (edição, cinema, música, vídeo games, televisão e rádio). O sector Criativo posiciona a Cultura como um recurso produtor de bens não culturais como a moda, o design, a arquitectura e a publicidade (Nota Estatística, 2008).

2.1.4 Turismo Cultural

Para compreender melhor as motivações que o turismo cultural despoleta, Craik (1997) referiu que este consiste em “excursões organizadas com o intuito de conhecer outras culturas e lugares aprendendo sobre os hábitos quotidianos da população local, sobre a história, sobre o património e sobre as manifestações artísticas que reflectem o contexto cultural e histórico de um destino turístico em específico” (Craik, 1997,p.121). Esta definição pressupõe duas vertentes: uma educacional pois vão empreender aspectos culturais e históricos de uma nova cultura e uma experiencial na medida em que, observam o desenrolar da cultura local.

A revisão dos termos Património e Turismo Cultural surge da confusão que existe em torno destes. Christous (2006), fez uma recolha dos investigadores mais relevantes que contribuíram para a definição do Turismo Cultural. Assim, a definição de Richards (1997) é apontada como a mais expressiva, em que o Turismo Cultural origina “movimentos de visitantes para atracções culturais, que se situam fora da sua área de residência com a finalidade de reunir informações e experiências para satisfazer as suas necessidades culturais” (Richards, 1997 citado por Christous, 2006, p.6). Richards (1997) especifica ainda noutra definição as atracções culturais “(...) atracções culturais como locais históricos, manifestações culturais e artísticas que se localizam fora da sua residência habitual” (Richards, 1997 citado por Christous, 2006, p.6). Segundo Silberberg (1995), Turismo Cultural pode ser definido como aquele turismo que desperta o desejo “(...) nas pessoas que não pertencem à comunidade local, motivados pelo interesse histórico, artístico, científico ou pelas manifestações tradicionais de uma comunidade, região, grupo ou instituição” (Silberberg, 1995 citado por Christous, 2006, p.6). Por sua vez, Fridgen (1991) explica o Turismo Cultural através da perspectiva dos visitantes que para estes, “(...) a cultura de uma área pode constituir por si só uma atracção” (Fridgen, 1991 citado por Christous, 2006, p.6). Fridgen (1991) alerta ainda para a questão de a área cultural encontrar-se organizada por representações pagas e que são uma fraca demonstração do verdadeiro significado cultural (Fridgen, 1991 citado por Christous, 2006).

Desta forma, Tighe (1991) explicou que, “ a viagem por motivos culturais privilegia as visitas aos locais históricos, aos museus, às artes performativas” (Tighe, 1991 citado por Christous, 2006, p. 6). No que respeita ao turista cultural Tighe (1990) definiu-o como sendo “o que experiencia locais históricos, monumentos e edifícios; visita museus e galerias; assiste a concertos e a artes performativas; e está interessado em experienciar a cultura local do destino” (Tighe, 1990 citado por Christous, 2006, p. 7).

Hall e Zeppel (1990), deram o seu contributo definindo Turismo Cultural sob uma perspectiva mais experiencial em que a participação é estimulada pelas artes performativas, pelas artes visuais e pelos festivais (Hall & Zeppel, 1990 citados por Christous, 2006). Acrescentam ainda

que, o Turismo Cultural e o Turismo aliado aos locais patrimoniais possuem algo em comum: o factor experiência que ambos desenvolveram no sentido de estabelecer uma relação com a natureza ou a sensação que fazem parte da história daquele lugar (Hall & Zeppel, 1990 citados por Christous, 2006). Para finalizar a OMT (1985), definiu Turismo Cultural focando as motivações do turista deste segmento: “ o Turismo Cultural inclui essencialmente os movimentos de pessoas por motivos culturais como as viagens de estudo, artes performativas e outros *tours* culturais viajando para festivais e outros eventos culturais, visitando locais históricos, monumentos, viajando para estudar, perceber a natureza, o folclore ou outras manifestações como as artes ou as peregrinações (OMT, 1985 citada por Christous, 2006, p. 7).

Ritchie e Crouch (2003) começam por utilizar uma noção mais geral recorrendo ao dicionário em que se entende cultura como as “manifestações sociais reflectidas em padrões, artes, crenças, instituições e outras produções humanas características de uma comunidade ou população” (definição adoptada do American Heritage Dictionary citada por Ritchie & Crouch, 2003,p.116). Uma noção mais específica segundo os autores, será a de Kluckhohn e de Kelly (1945) defendem a cultura como um “sistema histórico construído onde estão explícitos e implícitos sinais de vivências partilhados por todos, ou especificamente por membros de um grupo num determinado momento (Kluckhohn & Kelly, 1945 citados por Ritchie & Crouch, 2003,p. 116). Ambas as definições deixam transparecer os aspectos pelos quais os turistas são atraídos quando pensam em cultura. Ritchie e Crouch (2003), apontam para a importância dos gestores de um destino perceberem quais os aspectos culturais que os residentes valorizam e os que não são residentes.

2.1.5 Turismo e Património “*Heritage Tourism*”

No que concerne ao termo turismo aliado ao património, *Heritage Tourism*, a definição de Poria et al. (2001), debruçou-se principalmente nas motivações dos turistas e não no produto em si. Desta forma, o turismo interligado com o património é um “(...) fenómeno baseado nas motivações e nas percepções que cada turista tem acerca do termo Património” (Poria et al., 2001,citados por Christous, 2006, p. 7). Outra forma de compreender um pouco melhor o turismo e o património é que ambos estabelecem uma relação entre o passado e o presente (Christous, 2006). De acordo com Nuryanti (1996), o turismo e o património fica caracterizado

por ser “(...) único e universal” (Nuryanti, 1996 citado por Christous, 2006, p. 8), porque cada local de interesse patrimonial tem as suas características próprias e que o seu significado assume diversas interpretações sendo partilhadas por todos (Nuryanti, 1996 citado por Christous, 2006).

Por conseguinte, vários autores defendem que o sentimento de nostalgia está associado ao termo património. No caso de Zeppel e Hall (1992), explicam que este segmento de mercado assenta “(...) na nostalgia do passado e no desejo de experienciar paisagens culturais” (Zeppel & Hall, 1992 citados por Christous, 2006, p. 8). Asworth e Goodall (1990), referiram que o património desperta muitas emoções entre elas, a nostalgia e o sentimento de pertença daquele lugar (Asworth & Goodall, 1990 citados por Christous, 2006). Por conseguinte, Sharpley (1993), percepcionou o património como a herança das gerações do passado (Sharpley, 1993 citado por Christous, 2006). Yale (1991), segue a mesma visão afirmando que o turismo aliado ao património é o tipo de turismo relacionado com o que nós herdamos, nomeadamente os edifícios históricos, as artes e as paisagens (Yale, 1991 citado por Christous, 2006).

Outra abordagem mais focalizada no produto em si é preconizada por Prentice (1993) dizendo que, “(...) no turismo o termo património não diz respeito apenas às paisagens, à história natural, aos edifícios, aos artefactos, às tradições e ao facto de ser uma herança cultural” (Prentice, 1993 citado por Christous, 2006, p. 8). Este defendeu que para além dos aspectos referidos acima serem passíveis de utilização na promoção como produtos turísticos, argumentou que a solução passa pela segmentação e pela diferenciação dos vários tipos de património (construído, natural e cultural), (Prentice, 1993 citado por Christous, 2006).

2.2 Procura Turística

Touring Cultures editado por Chris Rojek e Jonh Hurry (1997), notadamente o capítulo 6 *The Culture of Tourism* de Jennifer Craik , aborda o início do surgimento da vertente cultural aliada ao Turismo, as suas implicações, o crescimento deste nicho de mercado e refere alguns estudos que são úteis para traçar o perfil sócio -demográfico dos turistas culturais.

O princípio dos anos 1980 ficou demarcado por uma nova fase em termos turísticos, a que dá importância à experiência cultural (Craik, 1997). Esta nova tendência, por conseguinte acarretou uma mudança na natureza do turismo até então. Foi necessária a inclusão da cultura na construção dos produtos turísticos, rever a experiência proporcionada aos turistas, tendo em atenção os possíveis impactos do sector turístico no campo cultural e à emergência de novas tendências no Turismo (Craik, 1997). Craik lembrou que, a cultura quando capitalizada para fins turísticos assume “uma posição multifacetada em que é em simultâneo percepcionada como um recurso e como um produto sendo transposta numa experiência como resultado final da transformação de um recurso em produto turístico” (Craik, 1997, p. 115).

O sector turístico tem vindo a evoluir privilegiando como referiu Craik (1997), uma vertente mais experiencial à qual a componente cultural não fica indiferente. Craik (1997) explicou o crescimento do turismo cultural como resultado da procura dos turistas pela experiência, o

desejo de experimentar algo. Em certa medida, este novo hábito de consumo deveu-se ao facto do próprio significado do termo Turismo ter vindo a sofrer alterações (Zeppel & Hall, 1992 citados por Craik, 1997).

De acordo com as tendências da Organização Mundial do Turismo (OMT), divulgadas na Conferência sobre o desenvolvimento sustentável do Turismo Cultural em Dezembro de 2000 no Camboja, os estudos revelam que os turistas culturais procuram destinos onde possam realmente experienciar e aprender mais sobre a população local. Assim sendo, preferem optar por hotéis simples envolventes à atmosfera local, viajando de forma independente para estabelecer mais facilmente contacto com os residentes. Este segmento de mercado tem vindo a crescer à volta de 15% por ano na última década.

De acordo com o estudo realizado pela Comissão Europeia 20% dos turistas que visitaram a Europa, em 2000 fizeram-no por motivos culturais acrescentando que a cultura foi em 60% a componente principal nas viagens dos visitantes.

A tendência actual prima pela experiência, o que implicará uma reestruturação nos produtos turísticos tradicionais mais passivos.

Segundo as previsões da OMT, o Turismo em 2020 irá ser responsável pela chegada de 1.5 biliões de turistas. Este crescimento acarretará um maior congestionamento e tráfego a ter em consideração pois os recursos que compõem a oferta turística do destino na sua maioria não são capazes de se auto – regenerarem.

Torna-se então primordial aplicar na gestão e planeamento dos destinos turísticos o princípio da sustentabilidade envolvendo esforços conjuntos por parte do sector público, do sector privado e da comunidade local.

2.2.1 Oportunidades e Riscos no desenvolvimento do *Touring Cultural* e Paisagístico

A interligação entre a cultura, a paisagem e o turismo assume o seu exponencial com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em que os centros históricos ou outras áreas com interesse patrimonial recebem a classificação de Património Mundial pela UNESCO. No entanto, esta classificação acarreta várias implicações em termos de preservação lançando um desafio entre a preservação, o desenvolvimento, o turismo e a cultura (Oppitz, 1998).

As oportunidades do Turismo Cultural e Paisagístico residem no facto deste ser considerado como turismo de qualidade que vai de encontro com as políticas estratégicas de muitos destinos turísticos (Oppitz, 1998). Existem outros benefícios do Turismo Cultural e Paisagístico que envolvem a comunidade e uma região como a revitalização económica, o nível de vida da

população local, desenvolvimento técnico, as infra-estruturas existentes são melhor aproveitadas e a região estará mais na vanguarda (Opptiz, 1998).

Os riscos por sua vez centram-se na mobilidade do Turismo Cultural e Paisagístico, este segmento caracteriza-se por estadias curtas (Opptiz, 1998). A massificação é também outro fenómeno a ter em consideração, a reestruturação dos centros históricos por intermédio do Turismo como o desaparecimento das infra-estruturas que dão suporte à população local levando ao êxodo da mesma (Opptiz, 1998). Estas ameaças podem levar a um descontentamento por parte da população local em torno da actividade turística sendo o caso de muitas cidades Salzburgo, Veneza, Mónaco entre outras (Opptiz, 1998).

2.2.2 Perfil e motivações dos Turistas

O perfil dos consumidores culturais caracteriza-se por serem independentes, com um nível de educação elevado que fazem férias na época baixa (Opptiz, 1998). Este segmento de mercado não se coaduna com a situação económica que caracteriza o sector turístico no geral, visto que grande parte dos consumidores possuem um nível de rendimento disponível elevado com maior propensão de compra (Opptiz, 1998). Os estudos mencionados por Craik (1997), de Bywater (1993) e de Silberberg (1995) demonstraram que existe uma hierarquia para diversos tipos de atracções culturais. Assim, o estudo de Bywater (1993), designou como verdadeiro turista cultural “*culturally motivated tourist*” o que escolhe o destino em função dos seus aspectos culturais representa apenas cinco por cento do mercado, uma grande maioria (um terço) de turistas os “*culturally inspired*” admitem que são capazes de visitar uma vez por outra monumentos e atracções de índole cultural e dois terços de turistas os “*culturally attracted tourists*” afirmam que gostariam que o destino estivesse munido de atracções culturais, apesar de estes não serem o motivo de escolha para o destino em questão. O estudo de Silberberg (1995), estabeleceu quatro tipos de consumidores de turismo cultural incluindo turistas e residentes. Desta forma, só cinco por cento dos residentes e quinze por cento dos turistas encontram-se realmente motivados para o turismo cultural, quinze por cento dos residentes e trinta por cento dos turistas afirmam estar interessados em parte por motivos culturais e de outra ordem. Por sua vez, vinte por cento dos residentes e vinte por cento dos turistas têm diversas motivações na escolha do destino, mas que podem incluir algumas visitas a atracções culturais e vinte por cento dos residentes e vinte por cento dos turistas não planeiam nenhuma visita cultural antecipadamente. Os restantes quarenta por cento dos residentes e quinze por cento dos turistas não se encontram motivados pelo Turismo Cultural.

Desta forma, o Turismo Cultural segundo Craik (1997) assume-se como um nicho de mercado, em que as motivações primárias são regidas pela atractividade dos sítios culturais, dos eventos, da expressão das atracções em si e das experiências associadas.

Assim, ambos os estudos deixam transparecer que só apenas uma minoria de visitantes se caracterizam como turistas culturais, actuando como um nicho de mercado. No caso dos Açores poderá funcionar como complemento ao Turismo de Natureza e assumindo expressão própria em circuitos que privilegiem os recursos histórico-culturais.

2.2.3 A importância da qualidade no serviço

No que diz respeito à qualidade de serviço, à experiência do turismo cultural e à satisfação dos visitantes são pontos fulcrais e têm-se estendido a todos os segmentos turísticos (Christous, 2006). Zeithaml et al. (1990) afirmaram que a qualidade na prestação de um serviço compensa pois fideliza os clientes recomendando posteriormente aos seus amigos e familiares (Zeithaml et al., 1990 citados por Christous, 2006). A satisfação por parte dos visitantes é algo que ambos os sectores público e privado tencionam atingir. No entanto, as entidades não deverão debruçar-se apenas em melhorar a qualidade na prestação do serviço (Christous, 2006). Assim, as reacções emocionais e psicológicas devem ser tidas em conta aquando da experiência (Christous, 2006), logo se as suas expectativas não forem superadas o seu grau de satisfação ficou aquém das suas expectativas.

A questão que persiste é o equilíbrio faseado entre a qualidade do serviço e a satisfação do visitante. Existe alguma dificuldade em definir estes dois aspectos e a interligá-los (Christous, 2006). É necessário que as diversas entidades responsáveis pelo património empreendam os pontos que devem ser avaliados em termos de serviço, da metodologia e dos factores que permitam analisar o comportamento dos visitantes dos locais patrimoniais (Christous, 2006).

2.2.4 Experiência e Satisfação dos visitantes

No que concerne à experiência do visitante, a sua satisfação depende de inúmeros factores (Coccossis, 2006). A interpretação do património e a formação dos profissionais são aspectos fundamentais a ponderar na gestão de um plano com vista à satisfação dos visitantes (Coccossis, 2006). Para que a interpretação seja conseguida de forma eficaz deverá suportar-se de meios audiovisuais estando adoptados a todos os tipos de visitantes permitindo tornar a visita mais acessível e agradável (Coccossis, 2006). Os equipamentos e os serviços também se revestem de importância pois o planeamento destes facilita a gestão operacional que permite antecipar e resolver quaisquer eventuais problemas (Coccossis, 2006). De relevar que a gestão também deverá promover boas práticas ambientais e incuti-las nos visitantes (Coccossis, 2006). Os factores amplificadores como a localização, a acessibilidade, a qualidade da envolvente ambiental não devem ser descurados no planeamento reportando às competências de diversas entidades (Coccossis, 2006).

2.2.5 Análise das estratégias de Marketing nas atracções culturais - Caso de Estudo Sydney

O caso de estudo de Sydney analisado por McDonnell e Burton permitiu perceber os aspectos a considerar na aplicação de estratégias de marketing em atracções culturais. O estudo foi realizado pela European Association for Tourism and Leisure Studies (ATLAS) em 1991, 1992 e 1993 distribuindo questionários pelas Universidades e 26 atracções culturais em países europeus (Reino Unido, Itália, Holanda, Irlanda, Grécia, Alemanha e França (Richards, 1996 citado por MacDonnel & Burton, 2006). As conclusões retiradas desta investigação demonstraram que o Turismo Cultural teve o seu início ao findar a segunda Guerra Mundial, que os turistas culturais são uma parte importante neste segmento não devendo menosprezar os turistas que visitam atracções culturais como motivação secundária que têm vindo a crescer (Richards, 1996 citado por McDonnell & Burton, 2006). De relevar que a procura por atracções culturais é mais característica por parte dos visitantes pela primeira vez e que a experiência pelos hábitos quotidianos de uma população local é mais importante para os viajantes sazonais (Richards, 1996 citado por McDonnell & Burton, 2006). Outras conclusões foram retiradas acerca do tipo de visitante, o seu perfil sócio- demográfico, os canais de comunicação que utilizaram, as características da sua viagem, o seu grau de satisfação e as suas preferências em termos de experiências culturais (Richards, 1996 citado por McDonnell & Burton, 2006). A segunda parte do questionário concentrou-se nas estratégias de marketing aplicadas ao produto tentando criar mais flexibilidade nos horários das atracções culturais visando também sinergias entre estas (Richards, 1996 citado por McDonnell & Burton, 2006). No que diz respeito à promoção o estudo demonstrou que grande parte dos visitantes que escolhem o destino Austrália não o fazem pelas atracções culturais, pelo que, persiste um redireccionamento da promoção. As estratégias de preço também foram contempladas (Richards, 1996 citado por McDonnell & Burton, 2006). No final ficam algumas possíveis orientações decorrentes do estudo como uma promoção mais eficaz com o intuito de aumentar a quota de mercado por parte dos visitantes em relação a Sydney e que o mercado asiático poderá ser um mercado estratégico (Richards, 1996 citado por McDonnell & Burton, 2006).

2.3 Oferta Turística

Os recursos constituem a essência da atracção do destino turístico. Um dos grandes desafios do turismo reside em perceber os motivos que levam a escolher um destino em detrimento de outro (Ritchie & Crouch, 2003). Assim Ritchie e Crouch (2003) referem que a escolha recai nos recursos e nas atracções que compõem determinado destino despoletando o desejo de viajar para aquele lugar. Fazem alusão a sete tipos de recursos e atracções que motivam a escolha dos

turistas. A cultura surge como o segundo recurso que capta a atractividade para os destinos turísticos. Segundo o estudo de Ritchie e Zins (1978), os aspectos culturais e sociais de uma região aparecem em segundo em termos de atractividade, uma vez que a beleza natural e o clima são os primeiros aspectos que ressaltam na escolha dos visitantes (Ritchie & Zins, 1978 citados por Ritchie & Crouch, 2003). O estudo mencionando foca a importância da cultura num destino enquanto factor atractivo e estabelece doze elementos no campo da cultura que influenciam a escolha de um destino turístico. Por conseguinte, os elementos incluem o artesanato da região, a língua materna da população residente, as tradições locais, a cozinha e gastronomia típica, manifestações artísticas (artes e música), a história e os seus monumentos, as actividades económicas que caracterizam a região, a arquitectura, a religião, os trajes característicos e as actividades de lazer que demonstram os hábitos da população (Ritchie & Zins, 1978 citados por Ritchie & Crouch, 2003). De acordo com o estudo de Ritchie e Zins (1978), alertam para o facto de os residentes não valorizarem determinados aspectos culturais que acham comuns e os que não são residentes pode despertar interesse (Ritchie & Zins, 1978 citados por Ritchie & Crouch, 2003). Assim, os gestores de um destino devem adoptar estratégias que contemplem a melhor forma de a cultura posicionar-se como o recurso base apelativo para os diferentes segmentos de mercado.

2.3.1 Visão Antropológica

Desta forma para perceber e relacionar o espaço como detentor de identidade cultural, *Antropologia do Espaço* de Filomena Silvano (2010), faz alusão a visões de vários sociólogos e antropólogos sobre a temática em estudo. O tema que escolhi pressupõe uma visão sociológica e antropológica, porque tem numa fase secundária a interpretação da paisagem, que através da sua natureza, reflecte aspectos culturais. Como tal é necessário explicar a relação existente entre espaço e sociedade. Para o sociólogo Durkheim existe uma interligação directa entre o espaço e a sociedade que o habita “ (...) a organização social foi o modelo da organização espacial, que é como que um decalque da primeira” (Durkheim citado em Silvano, 2010, p.14). O espaço reflecte igualmente memórias tanto colectivas como individuais de acordo com o sociólogo Halbwachs (Silvano, 2010). Posteriormente, a cultura material é percebida como reflexo de uma determinada época, estando aqui subjacente a ideia de que, a cultura material deixa transparecer características, elementos que nos remetem para aquela época determinada (Silvano, 2010). Assim sendo, o espaço com as suas dimensões sociais e culturais e a questão da sua particularização possibilita a construção das identidades culturais intrínsecas a um espaço em específico “A relação com o espaço é assim, poderíamos dizer, universalmente garante da particularidade das identidades (...)” (Paul-Lévy & Segaud citados por Silvano, 2010, p. 71).

As limitações de transpor esses conceitos para o campo turístico passaram certamente por fazer a interpretação fidedigna dos aspectos culturais que os espaços representam, ao mesmo tempo que proporcione uma experiência sempre agradável e sustentável.

2.3.2 Visão da Geografia Cultural

Ensaio de Geografia Cultural de Paul Claval et al. (2006), aborda o subdomínio de Geografia Humana sendo interligada com o campo da Antropogeografia que relaciona os conceitos de natureza e de cultura. A Geografia Cultural dá relevância à apropriação e à mediação cultural para com o mundo natural “(...) todos os ambientes e paisagens são co-produções de natureza-cultura” (Latour, citado por Sarmiento, Azevedo & Pimenta, 2006, p.viii). Com esta nova visão por parte da Geografia conceitos como “espaço”, “lugar” e “paisagem” ganharam nova expressão tornando-se numa questão geográfica, pois reconheceu que (...) “os processos espaciais intervêm profundamente nos processos complexos e heterogêneos de formação e política de identidade” (Azevedo & Pimenta, 2006, p.5). Um dos artigos do livro foi importante para perceber o processo de comunicação para interpretar diferentes culturas e a organização espacial subjacente. Assim o papel da informação é a primeira fase em que é necessário recolher informação sobre determinado espaço e as suas transmissões culturais. Posteriormente a comunicação fará a interpretação, isto é a transmissão da informação para os seus receptores e o papel das memórias que permite guardar a informação na mente, em fotografias ou outras gravações. Com este processo poderei adoptá-lo para a comercialização do produto em estudo. A paisagem enquanto espaço social e cultural permitindo a interpretação através de um guia turístico e intérprete, transmitindo as memórias naturais e culturais numa paisagem e dum património em específico apelando aos turistas (receptores) uma experiência visual, natural e cultural.

2.3.3 Evolução do termo Paisagem

Desta forma, para perceber a evolução que o termo Paisagem sofreu ao longo do período dos anos e para ter noção do que o termo implica consultei *A ideia de Paisagem* de Ana Francisca de Azevedo (2008). A paisagem enquanto construção natural e cultural como foi referido anteriormente resultou de recentes abordagens. Por sua vez a Paisagem impele de acordo com *Malcom Andrews* a uma percepção visual, ou seja, ao acto de interpretação “mesmo quando se está simplesmente a olhar para uma porção de território já se está a modelar e a interpretar, isto porque, antes de se tornar num trabalho de arte, uma paisagem cultivada ou em estado natural é desde logo artificial, na medida em que algo significativo ocorreu quando a terra passou a ser percebida como paisagem” (Malcom Andrews citado por Azevedo, 2008, p.18).

O jardim Italiano contribuiu para a visão da nova ideia de paisagem, pois pressupõe a presença de um “(...) sujeito activo de lazer envolvido no acto de consumo da paisagem” (Azevedo,2008,p.26), suportando-se do uso de miradouros, terraços e varandas que apelavam à observação da envolvente circundante (Azevedo,2008). Por conseguinte no século XVIII, o movimento e a viagem despoletaram a experiência geográfica que se traduzia na sensação de sentido e de lugar e de territórios enquanto detentor de um espírito ou sentimento (Azevedo, 2008) aqui a paisagem já assume um carácter de experiência enquanto símbolo de pertença de um lugar. Assim sendo, os aspectos históricos e míticos inerentes à paisagem contribuem para a construção de um sentimento de colectividade como uma herança cultural (Azevedo, 2008). A paisagem como construção cultural leva a uma experiência emotiva de um lugar dando vida ao significado de natureza da paisagem que veicula imagens daquela comunidade, de uma determinada Terra Mãe (Azevedo, 2008). No princípio do período moderno, a nova experiência do território é composta por duas vertentes, o surgimento de uma cultura visual conjuntamente com a cultura de viagem e de exploração (Azevedo, 2008).

Com o trabalho que estou a desenvolver pretendo defender que os turistas não sejam meros espectadores pois com as tendências da “sociedade de Sonho” os turistas pretendem fazer parte da experiência deixando a visão estática por uma pró-activa. No fundo a ideia passará por apelar à percepção visual e individual desencadeando memórias despertando o “olho de viajante” que existe em cada um.

2.3.4 Paisagem e Turismo, a sua relação

Os conceitos de paisagem e turismo estão relacionados como pude constatar em *Representação, Imaginação e Espaço Virtual: Geografias de Paisagens Turísticas em West Cork e nos Açores* de João Sarmento (2004). Aqui é mencionada a geografia de Turismo, como sendo um objecto de estudo recente que resultou da emergente procura turística e no consumo turístico dos lugares (Sarmento, 2004). O turismo é descrito de acordo com Squire (1994) como uma actividade que se baseia em discursos de lugares, de paisagens, de culturas e a natureza dos lugares e paisagens turísticas (Squire, 1994 citado por Sarmento, 2004, p. 62). Barthes (1954; 1956) referenciou que percebe a paisagem como um processo comunicativo cuja interpretação pode-se revestir como um exercício individual e criativo (Barthes, 1954; 1956 citado por Sarmento, 2004). As imagens são uma componente do processo de interpretação, havendo dois tipos as imagens mentais e as imagens de paisagem. As primeiras dizem respeito à imagem que cada indivíduo detém de determinado lugar sendo construída através de crenças, de ideias e de impressões que têm acerca de um lugar ou paisagem em específico (Sarmento, 2004). As imagens de paisagem remetem para a importância que a imagem de um destino desempenha no consumo turístico (Pearce 1982, citado por Sarmento, 2004). Aqui também são

feitas alusões às paisagens orgânicas, ou seja, aquelas que o indivíduo experienciou na primeira pessoa e as induzidas que resultam das características relacionadas com a actividade turística (Gunn, 1972 citado por Sarmiento, 2004).

No que concerne à venda de lugares para fruição turística, remonta às suas primeiras expressões no Império Grego e na Europa Medieval (Sarmiento, 2004), adquirindo novos formatos ao longo dos períodos, uma vez que, o turismo é pautado pelas tendências das sociedades. Assim sendo, Burgess (1990) salientou a importância da promoção de um lugar assentar num sistema de comunicação cultural “ os significados são codificados e decodificados por grupos de produtores especialistas e decodificados de inúmeras formas pelos grupos que constituem as audiências desses produtos” (Burgess, 1990 citado por Sarmiento, 2004, p. 82). Por conseguinte, a ideia principal a reter é que, após a interpretação por especialistas dos aspectos naturais, culturais e sociais estes são consumidos sob a forma de produto por diversas pessoas e como afirmou Sarmiento (2004) “ a competição entre produtos é frequentemente baseada mais em valores do que em produtos (...)”, (Sarmiento, 2004, p. 82), em que os valores assumem-se como componente essencial de cada produto turístico. Segundo Harvey (1989), as diferenças que cada espaço detém são aproveitadas para promover a singularidade e o carácter único que está associado a determinada paisagem turística (Harvey, 1989 citado por Sarmiento, 2004). No entanto, aponta para o facto de as paisagens turísticas serem construídas através de histórias e mitos que não traduzem verdadeiramente a diferenciação espacial, em que não são as características do lugar que importam mas sim as narrativas que se montaram em torno deste (Harvey, 1989 citado por Sarmiento, 2004). A indústria do património, adiciona à cultura um carácter económico sendo vista como um instrumento facilitador de capitalização de ganhos económicos na venda dos lugares (Philo & Kearns, 1993 citados em Sarmiento, 2004). As representações de paisagem do passado surgem como uma forma de manipulação da cultura para consumo turístico. Philo e Kearns (1993) explicaram como a história desempenhou um papel activo na venda dos lugares em três formas, a primeira resulta na transformação de acontecimentos históricos negativos através de testemunhos, a segunda consiste na difusão de imagens históricas e na última a história adquire um papel no planeamento do território sendo essencial na construção de lugares e de identidades (Philo e Kearns, 1993 citados por Sarmiento, 2004). A questão subjacente aqui é que a história e o património devem estar interligados, sendo que, a história é vista como a matéria-prima do passado e o património enquanto recurso que resulta na aplicação da história e da cultura para consumo turístico no presente, estabelecendo uma relação entre o passado e o presente havendo a necessidade de fazê-lo de forma sustentável.

2.3.5 Paisagem eco-cultural e o envolvimento da comunidade local

O artigo do *Journal of Tourism and Cultural Change* “*Exploring the cultural landscape of the Obeikei in Ogasawara, Japan*” de Cunningham (2009), é um exemplo que mostra algumas

semelhanças com o destino turístico Açores. Desta forma, o arquipélago de Ogasawara, como o arquipélago dos Açores é um destino conhecido pela sua natureza e pelas suas actividades relacionadas com o Ecoturismo. A paisagem cultural, no entanto não é tão representativa e o autor explica que a forma de aumentar a notoriedade da região passa por enveredar pelo património, deixando perpetuar os valores sociais e as práticas diárias que caracterizam a comunidade.

O artigo demonstra que o interesse pela dinâmica de um lugar assume um carácter global, explicando a visão dos geógrafos que vêem o lugar de acordo com uma hierarquia de espaço cuja expressão máxima se espelha nas vilas e nas cidades. Aborda igualmente, a experiência que se associa ao lugar “(...) emplaced experience (...)” (Cunningham, 2009, p. 221) e Tuan (1975) é referido pela sua definição de lugar, que não se restringe à habitual definição de experiência através da percepção visual, activa dizendo também que é possível experienciar de modo passivo assentando no significado dos objectos.

Ao longo do artigo são referenciados diversos autores na definição do lugar e de Paisagem e o que implicam. Assim sendo, Stedman (2002) afirma que a relação que se estabelece com o lugar baseia-se no significado dos símbolos enquanto, Riley (1992) diz que é uma relação que se desenvolve entre os indivíduos e a paisagem que transcende grau de formação, gostos ou preferências, ou seja, qualquer indivíduo é capaz de estabelecer uma relação “paisagística”. Por conseguinte, Johnston (1992), enaltece o papel que os valores sociais desempenham na construção do património e no sentimento de pertença daquele lugar. Ingold (1993), vê a paisagem numa perspectiva inter-relacional em que as pessoas tornam-se parte da paisagem dizendo que quando se olha vivemos automaticamente nela. As várias definições resumem-se a várias palavras-chave como, a experiência através da percepção visual ou através dos objectos num modo passivo, sempre envolvendo uma relação com determinada paisagem que demonstra valores sociais de determinada comunidade e lugar.

O objectivo deste artigo passa por argumentar que a Paisagem natural e cultural identifica-se como um bem que responde a um lugar e a uma comunidade.

A componente prática deste artigo dá ênfase a uma estratégia em torno da paisagem cultural. A indústria do turismo capitalizou nesta região os seus esforços na natureza. As iniciativas de marketing despoletaram uma onda de competitividade pondo em risco o estado da natureza e da sociedade ameaçando a paisagem cultural em que muitos habitantes se sentiram deslocados nas ilhas que eram a sua casa.

Como tal, por em prática uma estratégia que envolva uma paisagem eco - cultural implica que os intervenientes responsáveis tenham em consideração a realidade local, ou seja, os valores adstritos ao lugar e a forma como a paisagem é suportada pela identidade e diversidade cultural.

O conhecimento dos intervenientes deverá ser multidisciplinar, uma vez que, a compreensão da paisagem assume diversos domínios, sendo um artifício ecológico que se materializa em cultura ao mesmo tempo que se constitui como um recurso visual. Outro aspecto muito importante na concepção da estratégia mas que geralmente de acordo com o autor do artigo é negligenciado, passa por não se considerar a população local enquanto actores participantes no processo de identificação e de protecção, assim como na construção do produto turístico, nas iniciativas de marketing e no consumo do lugar.

O autor do artigo termina dizendo que existe a necessidade de aprofundar o desempenho dos intervenientes como as vozes da comunidade do destino turístico.

2.3.6 Lugares e o seu consumo turístico

Consuming Places de Jonh Urry (1997), faz uma retrospectiva sobre as mudanças da sociedade e suas implicações no Turismo e posteriormente no consumo dos locais que visitam. Os lugares foram reestruturados como centros de serviços orientados para o consumo, podendo ser consumidos visualmente e na verdadeira acepção da palavra consumo encontrando-se aspectos relevantes em determinado lugar como a indústria, a história, os edifícios, a literatura e o ambiente que possibilita aos locais o consumo de uma identidade (Urry, 1997). MacCannell (1976;1989) faz muitas vezes alusões ao facto de se criar um cenário de autenticidade “(...) *staged authenticity*(...)” (MacCanell, 1976;1989 citado por Urry, 1997, p.140), lugares turísticos que são artificialmente construídos e que os turistas necessitam, ou seja, não desejam conhecer na íntegra a realidade local, pretendem estar num ambiente controlado e encenado que se aproxime da realidade. De relevar que também é feita referência aos turistas que primam pelo estado natural e autêntico (Urry, 1997).

Dá exemplos de vários locais na Grã- Bretanha que aliaram a componente histórica e cultural como forma de reinterpretar a cultura local promovendo o sentimento de pertença daquele lugar. Esta iniciativa resultou de uma estratégia para revitalizar os centros urbanos contando com apoio governamental. Urry (1997) alertou para o aspecto de que muitas cidades britânicas não conseguem competir com outras europeias, mesmo aquelas com grande riqueza histórica e cultural devendo-se à feroz competitividade de escala global que caracteriza o sector turístico (Urry, 1997).

2.3.7 Desafio entre a autenticidade e a abordagem turística.

Cohen (1989), aludiu para que o turismo actua como forma de persuasão dando aos turistas a tal experiência “autêntica” (Cohen, 1989 citado por Craik, 1997). Na verdade a maioria dos turistas não estão predispostos para a autenticidade *per si*, pois todas as actividades estão de alguma forma controladas criando uma *tourist bubble*, como mencionou Craik (1997), sendo exemplo disso, os Parques Temáticos como a *Disneyland*. Posteriormente a comparação de como a

cultura é difundida entre os parques temáticos e os museus Craik (1997), advertiu que no primeiro caso a cultura é recriada e no segundo apesar de preservar a autenticidade cultural muitas vezes não é capaz de despoletar atractividade devido à fraca qualidade das suas infra-estruturas. Aqui denota-se uma das implicações que se verifica quando se alia a cultura ao turismo. O processo de comercialização da cultura requer um investimento governamental acrescido no campo cultural, na formação de recursos humanos, nas infra-estruturas que usualmente foram feitas para satisfazer as necessidades das populações locais têm que ser adequadas às necessidades dos turistas.

Bywater (1993), alertou para a questão de os destinos se tornarem vítimas do sucesso pondo em causa os valores e hábitos locais (Bywater, 1993 citado por Craik, 1997). Torna-se importante definir estratégias de acordo com Hall e McArthur (1993) para gerir a capacidade de carga dos sítios a visitar e para não haver interferência nos hábitos quotidianos da população local (Hall & McArthur, 1993 citados por Craik, 1997).

Craik (1997) afirmou que o desafio reside em manter a autenticidade do lugar ao mesmo tempo que se desenvolve uma actividade comercial. Em resumo, a cultura do turismo e consequentemente o turismo cultural de acordo com Craik (1997) encontra-se mais relacionada com a cultura de origem dos turistas do que a que está intrínseca ao destino. Esta constatação deixa transparecer que, a cultura é adulterada para consumo turístico, ou seja, porque é feita a pensar numa interpretação turística perdendo muitas vezes o conteúdo original.

No que concerne à transformação da cultura como produto turístico, realçam-se os centros históricos como difusores das representações locais. Assim um centro histórico consiste num local onde se encontra retratada a identidade local assistindo-se à transformação da cultura como veículo turístico (Macdonald, 1997). As representações de património, como a história e a cultura são referidas por Maccannell's (1989) como um cenário montado chamado de autêntico (Maccannell's, 1989 citado por Mcdonald, 1997) e Greenwood (1989) frisou que os residentes podem perder os seus valores culturais como os conheceram transformando-se em “valores a cores” representados para os que visitam (Greenwood, 1989 citado por Macdonald, 1997).

A cultura considerada numa perspectiva turística assume diferentes formas e percepções. No seu estudo Ritchie e Zins (1978), descrevem três formas de como a cultura é difundida, através de animação, sem nenhum tipo de animação e de hábitos quotidianos (Ritchie & Zins, 1978 citados por Ritchie & Crouch, 2003). Desta forma a finalidade do contributo do estudo mencionado acima foi aferir a importância que os residentes e não residentes atribuíram às formas de cultura. Constatou-se que os dois grupos realçaram a animação como a forma mais relevante em termos turísticos. As outras formas de cultura diferem consoante o grupo em questão. Em termos de consumo da cultura Ritchie e Crouch (2003), salientam que está relacionado com o

conhecimento cultural que cada visitante possui. Por sua vez, os gestores de um destino terão de ter isso em conta aquando da concepção dos produtos, dos serviços e das experiências de forma a corresponderem ao conhecimento cultural de cada segmento.

2.3.8 Gestão dos recursos patrimoniais e a sua conversão em produtos turísticos.

“Managing heritage resources as tourism products”, artigo científico do *Asia Pacific Journal of Tourism Research* de Ho e de McKercher (2004), alerta que na teoria é fácil estabelecer uma relação lógica entre os recursos e a sua transformação em produtos turísticos. No entanto, na prática o processo torna-se mais complicado, pois a maioria das atracções culturais não foram construídas para consumo turístico (Ho & McKercher, 2004). O caso de Estudo aborda a potencialidade da cidade de Hong Kong apostar no produto de Turismo Cultural.

Numa sociedade contemporânea, o património tem sido associado ao seu potencial económico tendo como seu aliado o Turismo (Graham, Asworthy & Tunbridge, 2000 citados por Ho & McKercher, 2004). A exploração do património para fins turísticos se não for correctamente planeada pode correr o risco de cair na banalização contribuindo para a estandardização do património intangível (Ho & McKercher, 2004). A diferença entre as duas áreas, o património cultural e o turismo reside no sector cultural e patrimonial ter a dificuldade de tratar a herança patrimonial como um produto, um recurso de capital económico (Ho & McKercher, 2004). É necessário perceber o conceito de produto e o que este acarreta, o seu “modus operandis”.

O ponto crítico ao desenvolver o turismo cultural está na gestão do processo da transformação dos recursos em produtos turísticos com sucesso, quando a maioria do património não foi construído primeiramente para fins turísticos e a sua gestão encontra-se dividida entre o sector público e organizações sem fins lucrativos (Ho & McKercher, 2004). Posteriormente a actuação por parte de ambos os sectores necessita de estar interligada, uma vez que o sector cultural é uma indústria que se foca no produto e na sua oferta sendo responsável pela gestão do património e por assegurar um desenvolvimento sustentável (Ho & McKercher, 2004). O sector turístico por sua vez é uma indústria regida pelo marketing que dá ênfase às necessidades dos consumidores, através da promoção projectando a atractividade dos atributos dos recursos (Ho & McKercher, 2004).

O conceito de produto no âmbito de marketing é percebido como algo que é oferecido aos consumidores que através da sua aquisição, consumo ou uso pode satisfazer uma necessidade ou desejo (Kotler, 1997 citado por Ho & McKercher, 2004). No caso do turismo cultural, os turistas visitam os locais patrimoniais não pelos recursos em si, mas pela busca de experiências culturais como o contacto directo com o património e o testemunho de ideais nacionais (Timothy, 1997 citado por Ho & McKercher, 2004). Assim, um produto funciona se despoletar procura pelo benefício que oferece (Ho & McKercher, 2004). Denote-se que, o produto turismo

cultural deve manter o seu formato original e não ser modificado para fins turísticos (Ho & McKercher, 2004). Para o desenvolvimento eficaz do produto em evidência Verbeke e Lievois (1999) mencionaram como factores críticos de sucesso a definição clara de valores e dos objectivos por parte dos *stakeholders*, as características dos recursos patrimoniais, a acessibilidade e a funcionalidade e as sinergias com outras actividades turísticas e de suporte (verbeke & Lievois, 1999 citados por Ho & McKercher, 2004). Outro aspecto muito importante, será uma investigação para aferir a procura turística (o perfil dos turistas, segmentos ou nichos de mercado e as suas preferências em termos de experiências culturais), pois é muito útil para evitar as consequências como a deterioração dos recursos (Ho & McKercher, 2004).

Relativamente ao marketing e a sua aplicação ao turismo Mill e Morrison (1985), explicaram que uma abordagem que se concentre apenas nas necessidades do mercado não é viável visto que a oferta turística baseia-se nos recursos de uma comunidade (Mill & Morrison, 1985 citados por Ho & McKercher, 2004). Desta forma, Mill e Morrison (1985), defenderam que todos os aspectos da comunidade devem ser considerados e dirigidos para satisfazerem as necessidades dos turistas. No entanto, esta estratégia pode comprometer a integridade da comunidade (Mill & Morrison, 1985 citados por Ho & McKercher, 2004). O significado do termo produto indicia que os recursos passarão a ser geridos num contexto turístico (Ho & McKercher, 2004). Para que tal seja possível, a comunicação é muito importante fazendo a ligação entre os locais patrimoniais e os turistas, em que o marketing torna-se responsável por estabelecer uma mensagem e imagens associadas para atrair os turistas (Ho & McKercher, 2004).

Como referi, o caso de Estudo foi a cidade de Hong Kong e as conclusões que se retiraram recaíram na identificação de quatro factores responsáveis pelo insucesso do desenvolvimento do Turismo Cultural (Ho & McKercher, 2004). O primeiro factor recaiu no desconhecimento do segmento de mercado a atrair, é necessário identificar as necessidades dos turistas culturais (Jansen-verbeke & Lievois, 1999 citados por Ho & McKercher, 2004). Acresce ainda que antes de qualquer actuação em termos de marketing (comunicação e promoção), é importante compreender o sistema turístico e a aplicação dos recursos patrimoniais como elementos base de atracção de um destino turístico (Ho & McKercher, 2004). O segundo factor apontou a falta da avaliação do potencial atractivo dos recursos, sendo relevante a sua avaliação numa etapa anterior ao desenvolvimento do produto (Ho & McKercher, 2004). Objectivos e prioridades mal definidos são o terceiro factor, sem uma gestão eficaz onde os objectivos e as prioridades estejam bem explícitos, torna-se impossível atingir um desenvolvimento com sucesso (Ho & McKercher, 2004). Por fim o último factor assenta no desenvolvimento do produto que deve unir esforços com a promoção do mesmo (Ho & McKercher, 2004).

Neste artigo ficou demonstrado que o Turismo Cultural envolve duas disciplinas (a cultura e o turismo) e que por vezes a sua interligação não é facilitada por não haver um consenso entre as

duas partes, na estratégia de desenvolvimento do produto causando entraves ao sucesso do Turismo Cultural.

2.3.9 Gestão integrada e operacional

Muitos territórios vêem no turismo uma oportunidade atractiva mas não basta somente deter uma atracção capaz de mobilizar a procura turística. É necessário existir infra-estruturas de suporte à actividade turística sempre adequadas às necessidades dos turistas. O sucesso passará por uma estratégia de gestão integrada em que o produto turístico é composto por várias experiências de forma a abranger diferentes segmentos de mercado. Silberberg (1995), afirmou que os turistas não querem só experiências culturais admite que a estratégia correcta será a de incluir actividades de índole cultural e de outra natureza (Silberberg, 1995 citado por Craik, 1997).

A gestão operacional das atracções culturais e dos locais com interesse patrimonial é outra questão subjacente. Geralmente, as atracções culturais como os locais históricos atraem grande número de visitantes, pelo que se torna importante em termos de gestão definir medidas que atenuem a pressão face aos monumentos e ao território criando mecanismos de forma a não comprometer a experiência dos visitantes (Garrod & Fyall, 2000 citados por Coccossis, 2006). Assim sendo as medidas deverão ser adoptadas de acordo com a tipologia dos locais e atracções (Coccossis, 2006). As cidades e os centros históricos despertam maior interesse nas pessoas por concentrarem em si o património edificado, as tradições culturais, os eventos e a envolvente urbana (Coccossis, 2006). Por conseguinte, as cidades possuem a capacidade de ter atracções culturais mais dispersas, tendo um sistema de transportes que facilita a deslocação dos visitantes (Coccossis, 2006). No caso dos centros históricos devido à sua menor dimensão estão mais vulneráveis aos impactos que advêm da concentração turística como o congestionamento, o barulho e a poluição podendo pôr em causa o quotidiano da população local (van der Borg et al., 1996 citados por Coccossis, 2006). No entanto, o Turismo também pode funcionar como agente de preservação através do seu contributo para o desenvolvimento socioeconómico (van der Borg, 2004 & Russo, 2002 citados por Coccossis, 2006). Relativamente aos locais arqueológicos, aos monumentos e aos templos, podem apresentar várias dimensões podendo estar sob a alçada do sector privado ou público podendo cobrar entrada ou não (Coccossis, 2006). No que respeita ao número de visitantes que podem atrair varia consoante a sua importância (Coccossis, 2006). Os festivais ocorrem num determinado período, sendo responsáveis pela chegada de visitantes para assistirem a um evento de determinada natureza (Coccossis, 2006). Estes variam a sua expressão consoante as manifestações culturais (concertos, eventos religiosos, bailes de gala), (Coccossis, 2006). Na sua realização devem considerar os aspectos históricos, estéticos respeitando a envolvente local (Coccossis, 2006).

2.3.10 Impactos negativos e soluções

Nos problemas que resultam das visitas às atracções culturais, o mais comum é a gestão da capacidade de carga turística (Coccossis, 2006). As infra-estruturas tornam-se insuficientes pois foram inicialmente construídas para suportar as necessidades da população local e não conseguem dar resposta nos picos de maior procura (Coccossis, 2006). Para além do impacto físico (a pressão inerente ao território) persiste o problema do impacto visual que adultera por exemplo o carácter arquitectónico dos centros históricos pondo em causa a identidade que lhe está conferida (Coccossis, 2006). Conforme anteriormente mencionado, o Turismo também tem as suas vantagens pode potencializar novas infra-estruturas e serviços que estão aptos a receber uma maior afluência (Coccossis, 2006). No local em si, pode assistir-se a correntes de visitantes ao mesmo tempo provando filas nas entradas das diversas atracções culturais, o que dificulta igualmente a experiência em si, a interpretação pois existe uma limitação para que a experiência seja agradável (Lee & Graefe, 2003 citados por Coccossis, 2006). A comunidade local também sofre impactos afectando a sua qualidade de vida (Coccossis, 2006). Os conflitos sociais resultam da massificação do turismo apoderando-se de um local em específico causando alterações nos preços das áreas adjacentes, diminuindo a atractividade da cidade para a fixação de famílias e de empresas devido ao congestionamento e à poluição existentes (Coccossis, 2006).

Em resumo, existem várias medidas e ferramentas de gestão que podem minimizar os impactos descritos e ajudar na preservação do património, dos aspectos culturais que deverão ser contemplados num planeamento estratégico (Coccossis, 2006). Neste deverão estar incluídas medidas de carácter regulatório (controlo da capacidade de carga, pressão sob o território), económico (incentivos e taxas) e organizacional (sistema de reservas, formação e marketing), (Coccossis, 2006). De salientar que, o plano deverá considerar não apenas a envolvente transaccional. A envolvente contextual é muito importante pois diz respeito às alterações das conjunturas a nível mundial (Coccossis & Nijkamp, 1995 citados por Coccossis, 2006). Etapas relevantes a ponderar são o planeamento territorial, a participação da comunidade local, a monitorização e a evolução das atracções culturais, locais históricos e do produto.

2.3.11 Quinze Factores Críticos no desenvolvimento do Turismo Cultural

“The sustainable integration of cultural heritage and tourism: a meta-study” artigo científico do Journal of Sustainable Tourism de Loulanski e E.Loulanski (2011), sintetiza conceitos, políticas e estratégias após uma revisão de 483 estudos que visaram a compreensão da relação entre o património cultural e o turismo ajudando a estabelecer 15 pontos críticos de sucesso.

Os 15 factores críticos para o desenvolvimento sustentável entre o património cultural e o turismo apontam para a importância do envolvimento da comunidade local, da educação e da

formação, do equilíbrio entre a autenticidade e a interpretação. A aposta numa gestão centrada na sustentabilidade e no turismo e a sua aplicação, o planeamento e gestão integrada, a inclusão do património e do turismo em políticas que visem o desenvolvimento sustentável, o crescimento controlado do turismo. Privilegia igualmente, uma política governamental integrada e a participação de todos os intervenientes turísticos, a diversificação do produto e do mercado, um fundo de investimento suficiente e diversificado, uma política de suporte internacional. Outros pontos importantes recaíram numa abordagem correcta do capital patrimonial existente, numa gestão dos locais, das atracções e dos destinos turísticos e num vasto conhecimento teórico e metodológico.

Vários autores reconhecem a relação inerente entre o património e o turismo definindo as suas dinâmicas, estando documentado em Robinson, 2000; Smith, 2006; Timothy, 2007; Timothy & Boyd, 2003 citados por Loulanski & E.Loulanski, 2011). Persiste por um lado opiniões que demonstram conflitos e outras que defendem a cooperação (Loulanski & E.Loulanski, 2011). Os estudos contemplam o património como um dos componentes com maior importância apresentando um crescimento rápido, que necessita de uma nova abordagem em termos de gestão e de marketing (Herbert, 1997; Poria, Butler & Airey, 2003; Timothy & Boyd, 2003 citados por Loulanski & E.Loulanski, 2011). A maioria destes estudos concentrou-se no crescimento do património enquanto indústria (Asworth & Tunbridge, 2000; Hewison, 1987 citados por Loulanski & E.Loulanski, 2011), na sua oferta e na gestão da mesma, verificando-se apenas alguns no lado da procura e muito poucos estudaram conjuntamente a procura e a oferta (Loulanski & E.Loulanski, 2011).

Este artigo reuniu a informação existente em termos da integração da sustentabilidade no património cultural e no turismo definindo pontos críticos de sucesso como ponto de partida para a aplicação de medidas, políticas e estratégias neste domínio. O desafio passa por manter o equilíbrio entre todas as dimensões inerentes à sustentabilidade (cultural, social, económica e ambiental), (Cernat & Gourdon, 2005 citados por Loulanski & E.Loulanski, 2011), o seu impacto na comunidade local e a sua participação activa no processo (Hardy et. al, 2002 citados por Loulanski & E.Loulanski, 2011). Por vezes a dimensão económica transcende às restantes essa lacuna compromete o círculo da sustentabilidade pois as quatro dimensões funcionam interligadas pois dependem de cada uma (Loulanski & E.Loulanski, 2011). Desta forma, torna-se primordial uma gestão que se suporte de um planeamento estratégico e operacional a longo prazo, pois a sustentabilidade é alcançada num período a longo termo (Loulanski & E.Loulanski, 2011) sempre em consonância com a realidade do património cultural e do turismo. Assim sendo o artigo alerta que existe a necessidade de aplicar e de testar modelos de integração da sustentabilidade a nível local e regional demonstrando que é um objectivo a atingir (Loulanski & E.Loulanski, 2011).

O contributo deste artigo é de grande utilidade para os intervenientes turísticos poderem a conjugarem o património e o turismo suportado por um desenvolvimento sustentável integrado. A diferença deste artigo reside na sua objectividade, pois os 15 pontos críticos definem um modelo global para a aplicação da sustentabilidade no património e no turismo nas mais diversas realidades (Loulanski & E.Loulanski, 2011).

2.3.12 Gestão Sustentável aplicada aos Destinos Turísticos

Ritchie e Crouch em *The Competitive Destination: A Sustainable Tourism Perspective* (2003), demonstram como um destino pode atingir sustentabilidade e competitividade sempre numa visão a longo prazo tendo ambos delineado, o modelo de destino competitivo e sustentável.

Assim sendo, os autores alertam para um destino que oriente a sua estratégia a pensar no lucro rápido, ou seja, uma visão a curto prazo põe em causa o capital Natural que é base do turismo (Ritchie & Crouch, 2003). De relevar que, referiram que não basta apenas assegurar o capital natural mas sim todos os elementos que compõem a oferta turística de modo a manter a sustentabilidade das infra-estruturas e do destino aumentando a sua competitividade (Ritchie & Crouch, 2003). O termo sustentabilidade surge primeiramente no relatório de Brutland efectuado pela *World Commission on Environment and Development* (WCED, 1987) despertando o desenvolvimento sustentável a nível global (Ritchie & Crouch, 2003).

No que concerne à gestão de um destino é importante reter, que o campo de intervenção da sustentabilidade não se resume apenas ao controlo do desenvolvimento da actividade turística, servindo também para perceber quais as tipologias de turismo que privilegiam a salvaguarda dos recursos (Ritchie & Crouch, 2003). A estratégia de preservação deverá enaltecer as três dimensões associadas à sustentabilidade (a ambiental, a social e a cultural), o que permite por conseguinte fomentar a capacidade económica do destino (Ritchie & Crouch, 2003). Hunter (1997), é referido pela sua abordagem específica do turismo sustentável dando especial ênfase a três princípios básicos: tem em consideração as necessidades da comunidade local aumentando a sua qualidade de vida, ao mesmo tempo que satisfaz os requisitos da procura turística e do sector em si com o intuito de manter a regularidade dos fluxos turísticos. Não descurando a salvaguarda do ambiente, recurso indispensável à actividade turística que compreende aspectos naturais e culturais construídos (Hunter citado em Ritchie & Crouch, 2003). Os autores escolheram a definição de Swarbrooke (1999) de turismo sustentável, explicando que é “economicamente viável, que não compromete o futuro dos recursos dos quais o turismo depende, nomeadamente a envolvente ambiental e a comunidade residente (Swarbrooke, 1999 citado por Ritchie & Crouch, 2003).

A questão que prevalece como imprescindível à competitividade e atractividade do destino, passa por deter diversas actividades de carácter único e inesquecível não menosprezando as

infra-estruturas necessárias para a fruição da actividade turística (o alojamento, os transportes e a qualidade do serviço prestado), (Ritchie & Crouch, 2003). Assim o foco permanece na necessidade de o destino assegurar um mix variado de actividades devendo este reger-se de acordo com os seguintes princípios preconizados pelos autores: deverão estar em consonância com a natureza e a topografia do destino para que possam ser atractivos, considerar os valores da população residente e obedecer às regulamentações locais. Ritchie e Crouch (2003), acrescentam ainda que as actividades deverão ser executadas ao longo do ano tornando-se economicamente viáveis.

2.3.13 A importância das vertentes da Sustentabilidade

Ritchie e Crouch (2003), mencionam que a vertente ambiental tem sido muito focada devido à crescente consciencialização da pressão humana face ao meio ambiente. Desta forma, os autores estabeleceram quatro pilares fulcrais para o turismo sustentável (o ambiente, a economia, a sociocultural e a política), sempre aliados a estratégias de planeamento adequadas para atingir o patamar da sustentabilidade. O ambiente aparece referido como o primeiro pilar por Ritchie e Crouch (2003) devido à sua particular importância sendo muitas vezes a base de atracção dos destinos turísticos. Salientam ainda que os residentes têm um papel primordial na preservação da envolvente ambiental local e que a actividade turística ao longo do seu desenvolvimento deverá assegurar o mínimo impacto no meio ambiente e um incentivo económico reservado para a sua preservação e protecção. De relevar, que Ritchie e Crouch (2003) deixam a indicação de que o destino detenha estratégias que privilegiem o campo ambiental sendo coadjuvados por organizações competentes nesta área. A economia reveste-se de acordo com os autores, de igual importância ao do anterior pois é fundamental para manter a qualidade de vida da população local. Assim sendo, uma economia sustentável deve beneficiar equitativamente os fluxos económicos por toda a população (Ritchie & Crouch, 2003).

O sociocultural envolve os sistemas sociais e culturais e as instituições que lhes estão associadas. A motivação sociocultural assume um papel muito importante no desejo de viajar por parte dos turistas (Ritchie & Crouch, 2003). A experiência cultural tão desejada é muitas vezes artificial perdendo a autenticidade local que é o factor de diferenciação. Esta situação pode provocar impactos na população local e na sua cultura (Ritchie & Crouch, 2003). Assim fica mais uma vez retratado o dilema que os destinos enfrentam ao tentar conciliar a experiência cultural autêntica com as acções, os valores e as atitudes dos visitantes (Ritchie & Crouch, 2003). Uma estratégia que fomente o desenvolvimento do turismo sustentável deve ter em conta estes impactos sociais (Craik, 1995). Como tal, estas questões tornam-se mais relevantes em lugares onde a actividade turística tem uma posição preponderante, tendo que responder e solucionar desafios culturais e sociais que advém com a fruição do turismo como a prostituição, o crime, a perda da cultura local entre outros (Ritchie & Crouch, 2003). Torna-se assim

necessário, manter os pilares socio culturais neste caso, sem os manter cativos no espaço temporal que representam, aplicando sempre escolhas sustentáveis adequadas à actualidade.

O último será a Política que raramente aparece associada aos pilares da sustentabilidade (Ritchie & Crouch, 2003). A abordagem política, no entanto varia consoante o seu regime. O regime democrático rege os seus poderes tendo em consideração os pilares mencionados, porém nos regimes totalitários já não se verifica (Ritchie & Crouch, 2003). O entrave é certamente chegar a um consenso entre todas as partes partidárias, o que por si só não representa sustentabilidade (Ritchie & Crouch, 2003).

3.Contexto da actividade Turística Cultural em Portugal

3.1 Enquadramento

Actualmente, o Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), foi alvo de revisão devido às mudanças que ocorreram durante os cinco anos, desde a concepção da primeira versão do mesmo em 2006. É notório e encontra-se descrito na revisão, que o Turismo adquiriu um papel fulcral na economia portuguesa contribuindo para as exportações, para a sustentabilidade, para a inovação e para a criação de emprego (Trindade, 2011).

Assim sendo, de acordo com o balanço feito pelo Turismo de Portugal na revisão do PENT (Propostas para a revisão no horizonte 2015), Portugal nestes últimos cinco anos demonstrou um investimento na oferta turística com vista a melhorar a qualidade do sector e a fazer face às últimas tendências do mercado. No que diz respeito aos mercados, destaca-se o crescimento sustentado do mercado interno o que ajudou a assegurar o desenvolvimento sustentável das várias regiões e pólos numa conjuntura económica difícil. Por sua vez, a conjuntura teve as suas repercussões no mercado externo principalmente no ano 2009 (Turismo de Portugal, 2011).

A estratégia de produtos prioritários para as regiões e pólos prevê como produtos estratégicos para o destino Açores (região de investigação) o *Touring* – Turismo Cultural e Religioso e o Turismo de Natureza. A novidade reside na junção do turismo religioso com o *Touring*. Como tal, este produto turístico assume agora uma vertente experiencial nos itinerários seguindo a tendência actual do turista activo ao invés do passivo (Turismo de Portugal, 2011).

A nota estatística baseada no estudo “ A Economia da Cultura na Europa” apresentado pela Direcção Geral da Educação e Cultura da Comissão Europeia pretendeu aferir o contributo da cultura para as economias nacional e europeia com dados correspondentes aos anos de 2003 e 2004. Relativamente ao desempenho económico do sector cultural e criativo em 2003 verificou-se na União Europeia 25 um volume de negócios próspero de 636 146 milhões de euros, correspondendo 6 358 milhões de euros a Portugal (Estudo “A Economia da Cultura na Europa citado em Nota Estatística, 2008). Por conseguinte registou-se um crescimento médio do volume de negócios (1999- 2003) superior em Portugal com 10,6% e a UE 25 com 5,4 %, como se pode constatar no quadro 1. (Estudo “A Economia da Cultura na Europa citado em Nota Estatística, 2008).

Quadro 1- Taxa de Crescimento do sector cultural e criativo de 1999 a 2003.

	Crescimento Médio do Volume de Negócios (1999-2003)	Crescimento Médio do VAB para o PIB (1999-2003)
U E 25	5.4	6.6
Portugal	10.6	6.3

Fonte: Estudo “ A economia da Cultura na Europa)

Relativamente ao contributo do sector em evidência para o Produto Interno Bruto (PIB) e Emprego em Portugal constatou-se um contributo 1,4% que em comparação com outras indústrias nacionais ultrapassou a indústria química (0,8%) e as TIC's (0,5%), (Estudo “A Economia da Cultura na Europa citado em Nota Estatística, 2008).

No que concerne ao emprego no sector cultural referente ao ano 2004 verificou-se que quando o turismo cultural se encontra associado ao sector cultural e criativo o contributo aumenta subindo de 1,4% para **2,3%** sendo responsável por quase 116 mil empregos, como se pode verificar no quadro 2. (Estudo “A Economia da Cultura na Europa citado em Nota Estatística, 2008).

Quadro 2. Emprego no sector cultural (2004)

	Emprego (Milhares)		% Total do Emprego	
	Cultura	Cultura e Turismo Cultural	Cultura	Cultura e Turismo Cultural
U E (25)	4 714	5 885	2.5	3.1
Portugal	76, 2	115, 8	1.4	2.3

Fonte: Estudo “A economia da cultura na Europa”

Como tal o Turismo Cultural possui alguma relevância para a economia nacional apesar de demonstrar algumas lacunas no que diz respeito ao nível de qualificação da mão-de-obra sendo inferior aos países da UE 25 e uma maior tendência para o trabalho de carácter temporário (Estudo “A Economia da Cultura na Europa citado em Nota Estatística, 2008).

Após a revisão literária que demonstra a validade do tema escolhido para a investigação, concentro-me agora no âmbito mais específico da abordagem: a oferta turística, o produto em estudo e como a sua aplicação ao destino Açores se irá processar.

3.2 Caso de Estudo

O arquipélago dos Açores é o caso de estudo escolhido para a introdução do produto *Touring Cultural* e Paisagístico, com a finalidade de diversificar a oferta turística.

A aposta no sector turístico por parte do Governo Regional dos Açores, é relativamente recente pois a economia encontrava-se concentrada na agricultura, na pecuária devido à tão característica paisagem pastorícia e no sector de pescas resultante de uma Zona Económica Exclusiva Marítima de 100 milhas.

Assim sendo, o turismo dos Açores reconhece no produto turismo de natureza a sua força nuclear, isto é, apresenta-se como o produto *core*, cujo desenvolvimento da oferta turística tem sido feita em torno deste. Desta forma, o turista que procura o destino açores prima pelo

contacto com a natureza e é sensível às questões da sustentabilidade (neste domínio, especial enfoque na vertente ambiental) “ (...) Os Açores são um caso por excelência em que o turismo vive do ambiente. Sem ambiente não podemos, sequer, pensar o turismo nos Açores” (Governo Regional dos Açores, 2008, p. 169), não veiculando a imagem de um destino turístico massificado “(...) a baixa densidade turística é o que faz dos Açores um destino especial” (Um “paraíso natural”: no Atlântico: Açores, a “Meca da Natureza”, 2010, para. 25), afirmou a Associação de Turismo dos Açores – *Convention & Visitors Bureau* (ATA) entidade privada sem fins lucrativos, responsável conjuntamente com a Direcção Regional do Turismo (DRT) dos Açores por levar a cabo a promoção da Região no mercado nacional e internacional.

No que diz respeito, ao ciclo de vida do destino turístico tendo por base o artigo de Dimitrios Buhalis (2000), os Açores encontram-se ainda numa fase de introdução mas que se aproxima do desenvolvimento, uma vez que, o destino Açores começa a ganhar alguma notoriedade.

A fruição do destino pauta-se pelo turismo sustentável, cuja definição preconizada pela OMT salienta que todos os tipos de turismo deverão fomentar a sustentabilidade, tendo em vista os impactos da actividade “per si” , “ (...) Turismo que assegure uma perspectiva a longo prazo económica, social e ambiental tendo em conta os seus impactos, satisfazendo as necessidades dos visitantes, da indústria, do ambiente e das comunidades locais” (OMT,2010,p.1).

Considerando o Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores (POTRAA), destacam-se objectivos como a qualidade dos produtos turísticos em torno de critérios de satisfação dos clientes potenciais em mercados segmentados, a conservação da natureza, assim como a qualidade ambiental, **a salvaguarda do património histórico -cultural e das identidades culturais e a identidade e diferenciação da oferta turística.**

Relativamente ao património cultural, as acções governamentais demonstram preocupação em termos de inventariação, de classificação e valorização do mesmo tendo uma iniciativa pioneira a nível nacional a Lei de Bases do Património Cultural (2001). No que respeita à simbiose entre a cultura e o turismo, as políticas governamentais demonstram a sua importância e a necessidade de criar e promover marcas que divulguem o que os Açores têm para oferecer, um património cultural aliado a um património natural. A sustentabilidade e o turismo de qualidade são aspectos igualmente considerados relevantes no âmbito do sector turístico.

Com a dissertação pretendo dar visibilidade à junção entre o património cultural e natural num produto turístico afirmando que a natureza também tem aspectos culturais associados, de forma a aumentar a atractividade do destino ao mesmo tempo que diversifica a sua oferta. Desta forma, aspectos como a preservação, o planeamento, a oferta turística (pacotes turísticos), a promoção e as sinergias farão parte integrante do estudo.

Esta abordagem entre a natureza e a cultura, como agentes culturais será inovadora no caso dos Açores pois nunca se optou por esta estratégia constituindo-se como uma oferta diferenciadora sempre de acordo com os parâmetros sustentáveis.

O artigo científico de Menezes, Moniz e Vieira (2008), aponta para o facto dos turistas cuja deslocação aos Açores se baseia no património cultural da região, apresentarem estadas curtas ao invés dos turistas que procuram o destino pela natureza. Esta constatação demonstra que o destino já está consolidado relativamente a turismo de natureza.

A gestão do destino terá que ser reestruturada com planos, medidas e estratégias que contemplem um novo produto turístico delineando orientações para os actores do sistema turístico do destino atingirem um patamar sustentável e competitivo.

A iniciativa como a criação do Caminho dos Romeiros, na ilha de São Miguel referente ao concelho de Ribeira Grande, resultou de um estudo em parceria com o Observatório do Turismo dos Açores (OTA) e o Centro de Estudos de Estudos de Turismo da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (CESTUR). Segundo Ambrósio, autor do estudo, uma das vantagens reside na criação de um caminho específico, que proporcionará aos romeiros um percurso mais seguro evitando as estradas mais perigosas. Seguindo o princípio da economia de recursos, os turistas teriam também a oportunidade de tirar partido do trilho temático. Ficou também patente a recomendação de os outros concelhos adoptarem a mesma iniciativa. De acordo com Ambrósio poderá vir a constituir um produto único e diferenciado nos Açores divulgando o património natural e cultural. (Ambrósio,2010).

3.3 Vertentes do estudo

Posteriormente, as vertentes a analisar serão a económica, a sócio-cultural e a ambiental, para aprofundar aspectos no desenvolvimento do *Touring* Cultural e Paisagístico num destino de turismo de natureza.

Na económica dar-se-á atenção aos benefícios que o produto acarreta. O contributo a nível de postos de trabalho e os reflexos na economia local, ao mesmo tempo que o destino fica mais competitivo e sustentável. Deverá adoptar-se uma economia de recursos com um sistema de sustentabilidade integrado. Não obstante esta vertente nunca deverá ser transcendente em relação às restantes. Assim, saberei se o produto consegue ampliar a cadeia de valor do destino.

Na sócio-cultural, considerar-se-á a promoção dos valores e recursos culturais e naturais que enriquecerão a experiência do turista. Aqui será perceber se a formação existente assegurará o processo de informação, de interpretação e a recepção da mensagem por parte dos turistas. A comunidade local deve também fazer parte do processo como pude constatar na fase da revisão literária, pois são estas que conhecem as realidades culturais e naturais características de

determinado espaço. As associações culturais poderão ser agentes cooperadores e facilitadores na introdução do produto em estudo.

Na ambiental, a salvaguarda dos recursos a longo prazo para assegurar a competitividade do produto e do destino. A maior parte dos recursos não possuem capacidade de se regenerarem sendo sensíveis tendo que existir um planeamento adequado. Neste caso, aferirei se os intervenientes turísticos têm uma atitude consciencializada e se desenvolvem mecanismos de gestão que visem a definição de estratégias e objectivos realísticos, o planeamento estratégico (visão a curto e a longo prazo), a monitorização e a reestruturação dos objectivos por influência das variáveis externas.

O tema levantou duas perguntas de partida: O *Touring* Cultural e Paisagístico pode diversificar a oferta turística do destino Açores?

O conceito “paisagem = natureza + cultura”, assentando numa política sustentável, resultará em comercialização turística?

3.4 Objectivos

Os objectivos passam por conhecer o potencial da oferta turística dos Açores, para que no final se possa apresentar um plano de investigação passível de ser transposto para uma aplicação futura na diversificação do Destino Açores. Nesta óptica os objectivos enumerados são os seguintes:

1. Estudar a oferta turística do Destino Açores no domínio do *Touring* Cultural e Paisagístico
2. Inventariar os recursos primários (naturais, culturais e patrimoniais) do Centro Histórico de Ponta Delgada.
3. Compreender a posição da comunidade local na concepção de produtos e estratégias turísticas.
4. Averiguar o papel dos intervenientes turísticos, numa política sensível aos recursos e à sustentabilidade.
5. Delinear um modelo que permita a comercialização do produto em estudo.

Nos destinos turísticos torna-se importante a concepção de produtos turísticos, pelo que, deverá existir sinergias entre os intervenientes turísticos do sistema turístico regional no delineamento de estratégias. Seguindo uma política sustentável e no caso específico deste produto a comunidade local é a base do sucesso deste produto como mencionado por Cunnigham (2009), a população local é a voz dos Destinos Turísticos. A participação da população local será muito importante no processo de identificação e de preservação dos recursos pois conhecem bem a realidade local como afirmou Cunnigham (2009) e o produto em estudo está relacionado com os

aspectos culturais e naturais onde estão retratadas características culturais como vários autores comprovaram.

A sustentabilidade, nomeadamente a sua vertente ambiental tem estado muito em voga e a consciencialização começa a ser quase uma prioridade para muitos turistas na escolha de um destino turístico. Um destino turístico não deve basear a sua estratégia no lucro rápido como Richie e Crouch (2003) salientaram, visto que os recursos na sua maioria não possuem a capacidade de se regenerarem. Assim os intervenientes turísticos para assegurarem a viabilidade da actividade turística a longo prazo terão que apostar na sustentabilidade.

As informações recolhidas ao longo do trabalho, permitirão traçar orientações que podem ser úteis na aposta para a introdução do produto em estudo num futuro próximo. Com este objectivo poderei dar uma nova hipótese ao destino Açores ao diversificar a oferta turística existente seguindo a sustentabilidade da oferta turística a longo prazo.

4. Instrumentos de investigação

Os instrumentos de investigação visaram o enfoque no inventário que preencherá a validação da atractividade dos recursos culturais e naturais para a sua transformação em produto turístico. Os questionários e as entrevistas que auscultarão ambos os sectores públicos e privados e a sua posição no processo de introdução do *Touring Cultural* e Paisagístico e no seu desenvolvimento sustentável.

4.1 Inventário dos Recursos Turísticos Culturais e Paisagísticos do Centro Histórico de Ponta Delgada

No que diz respeito às ferramentas de investigação e suas finalidades, uma etapa fundamental no decorrer da dissertação será a inventariação dos recursos turísticos de forma a compreender a oferta turística cultural e paisagística do centro histórico de Ponta Delgada. Desta forma, um país ou uma região são dotados de recursos ou actividades com potencialidade turística. No entanto os recursos têm capacidades de atracção diferentes, ou seja, um recurso pode ser capaz de mobilizar sozinho procura turística pelo que se justifica a diversidade de actividades em torno deste de modo a responder às necessidades da procura (Cunha, 2008). Posteriormente, existem recursos que actuam como complemento da oferta existente.

A definição de recursos quando aliada a uma perspectiva económica inclui todos os meios tangíveis e intangíveis que percorrem um processo de transformação em bens e serviços capazes de satisfazer necessidades humanas (Cunha, 2008), ou seja, não basta existirem somente têm que ter a capacidade de se transformarem para satisfazerem necessidades (Zimmermann citado por Cunha, 2008). No caso da actividade turística os recursos turísticos consistem em elementos de ordem natural ou de intervenção humana que são responsáveis por deslocação de visitantes (Cunha, 2008).

Existe uma distinção importante contemplada pela OMT (1978) entre património turístico e recurso turístico (OMT citada por Cunha, 2008). Assim, o património turístico é descrito como “o conjunto potencial (conhecido ou desconhecido) dos bens materiais ou imateriais à disposição do homem e que podem utilizar-se, mediante um processo de transformação, para satisfazer as necessidades turísticas” (OMT citada por Cunha, 2008, p. 25). Por sua vez, o recurso turístico consiste em “todos os bens e serviços que, por intermédio da actividade humana, tornam possível a actividade turística e satisfazem as necessidades da procura” (OMT citada por Cunha, 2008, p. 25). Desta forma, o património funciona como a “matéria-prima” que cada país ou região dispõe e que através da intervenção humana recorrendo a meios técnicos, humanos e financeiros é transformado em recursos turísticos (Cunha, 2008).

Outra questão fundamental é que, por vezes para potencializar os recursos, nomeadamente os naturais é necessário proceder-se à construção de infra-estruturas que permitam a deslocação e a permanência dos visitantes como as acessibilidades, as facilidades, o alojamento e a restauração (Cunha, 2008). O principal aspecto aqui a reter, é que sem os últimos elementos referidos não existe actividade turística mas poderá haver deslocação (Cunha, 2008).

O primeiro inventário dos Recursos Turísticos de Portugal Continental iniciou-se em 1993 pela Direcção Geral do Turismo (órgão institucional já extinto), sendo o inventário descrito como uma etapa básica no sector do turismo (Umbelino, Portugal, Ferreira e Sousa, 1993). No caso dos Açores não se encontra até à data nenhum inventário dos recursos turísticos registando-se já algumas iniciativas no campo do património como o Inventário dos Património Imóvel dos Açores e o levantamento da Arquitectura Popular dos Açores, ou seja os intervenientes turísticos não possuem uma informação centralizada sobre a oferta dos recursos turísticos, uma lacuna numa Região que vê no Turismo a sua grande aposta. A importância do inventário reside na informação que após o levantamento dos recursos contém, sendo útil para o delineamento de objectivos, estratégias e programas operacionais da oferta turística (Umbelino, Portugal, Ferreira e Sousa, 1993).

A identificação dos recursos turísticos processa-se através do inventário como já mencionei anteriormente, importante será a sua organização em categorias a que cada recurso corresponde tendo em consideração as suas características e a sua capacidade de atracção para mobilizar procura turística (Cunha, 2008). No inventário inclui-se apenas os recursos (por exemplo uma praia e um monumento) excluindo as actividades como os hotéis e restaurantes que são infra-estruturas (Cunha, 2008). Por vezes, é difícil escolher a metodologia e os critérios de avaliação. No meu trabalho o inventário e as fichas respectivamente (ver anexo 1) basearam-se na metodologia de Ferreira (2005). A escolha deste método está ligada à opção do autor pela conjugação dos parâmetros entre a cultura e o turismo. A avaliação dos recursos foi feita de

modo subjectiva, tendo por base fontes bibliográficas e o meu conhecimento pessoal dos mesmos.

Assim sendo, de acordo com o método citado existem três categorias, respectivamente com as suas classificações adjacentes a todos os recursos. A capacidade atractiva sendo medida pela capacidade de motivar a deslocação de visitantes. Neste caso, atribui-se a classificação de internacional quando se denota deslocações de outros países, a de Nacional no caso de deslocações a nível de todo o país, a de Regional, em toda a região, mais concretamente de ilha (devido ao território em estudo), a de Local respeitante às deslocações dentro do Concelho e a de Nula quando não possui nenhum potencial atractivo. Por conseguinte na categoria de Singularidade, respeitante ao valor intrínseco que os elementos patrimoniais possuem, sendo classificados de Bom na classe quando têm valor a destacar, de Média detendo elementos com alguma singularidade e de Vulgar, no caso de não terem nada a assinalar. Por fim a categoria de Notoriedade, foca o grau de conhecimento que os mercados emissores possuem da região, atribuindo-se aos recursos a classificação de Elevada quando todos o conhecem na região, de Média se o seu conhecimento for mais limitado, por exemplo às pessoas que residem no concelho ou que por ele passam e de Fraca quando existe pouco conhecimento por parte das pessoas.

O inventário cingiu-se apenas ao centro Histórico de Ponta Delgada, sendo um ponto de partida para futuros estudos, esperando um dia conseguir estendê-lo a toda a Região Autónoma, pois é necessário ter conhecimento dos recursos turísticos primários para posteriormente delinear e definir estratégias.

4.2 Questionários

Os questionários consideraram questões que visaram a compreensão da oferta turística, relativamente ao subsector dos operadores turísticos e dos agentes de viagens de Ponta Delgada e das instituições culturais existentes nas nove ilhas.

Como tal, a abordagem do questionário no primeiro caso (operadores turísticos e agentes de viagens), processou-se a partir de um âmbito geral para um âmbito específico. O panorama geral pretendeu aferir informação geral sobre o sector turístico, nomeadamente a satisfação dos intervenientes perante o desenvolvimento da actividade turística na região, a percepção dos mesmos referente à aposta de produtos e os factores facilitadores para uma oferta sustentável.

Posteriormente, na abordagem mais específica a recolha de informação contribui para perceber o estado actual da procura do produto em estudo, os benefícios que os intervenientes e o destino podem usufruir através da estruturação e da aposta no *Touring* Cultural e Paisagístico, o desempenho da interpretação turística (guias interpretes regionais) e uma possível sinergia com a comunidade local.

No que concerne aos questionários no sector cultural seguiram igualmente a mesma metodologia referida acima partindo de um carácter geral para um mais específico. Assim sendo, na primeira parte a recolha de informação incidiu no desempenho do sector cultural, nos seus atributos, nas iniciativas e na promoção da cultura açoriana. Por conseguinte, procurou-se reunir dados sobre a interligação da cultura e do turismo com o intuito de perceber os aspectos que permitiriam a aplicação da cultura para consumo turístico atendendo sempre à sustentabilidade da particularidade das manifestações culturais terminando com a auscultação da oferta cultural actual conciliada com as tendências e exigências do turismo.

4.3 Entrevistas

As entrevistas foram direccionadas às entidades governamentais como a Direcção Regional do Turismo (DRT), a Direcção Regional da Cultura (DRAC), a Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores (AMRAA) e a Câmara Municipal de Ponta Delgada (CMPD), de forma a retirar conclusões respeitantes às áreas de actuação de cada, quais os desafios, as oportunidades e as ameaças que ajudaram a desenvolver um modelo de comercialização do produto em estudo. No sector privado as entrevistas irão ser dirigidas à Associação de Turismo dos Açores (ATA), e à Associação Ecológica Amigos dos Açores. De relevar que a revisão do PENT contempla agora o *Touring* como produto prioritário para os Açores.

As perguntas visaram reunir informação qualitativa sobre o desempenho do Destino Açores, as estratégias em desenvolvimento, os produtos turísticos a potenciar e se existe actualmente alguma estratégia que correlacione o turismo e a cultura no panorama regional, no caso da Direcção Regional do Turismo e da ATA.

A Direcção Regional da Cultura será uma peça importante pois corresponde à outra parte da oferta turística pois são os responsáveis pelas instituições culturais o que permitirá compreender como o sector cultural regional funciona, as suas dificuldades e a sua posição numa política de cooperação de esforços entre a Cultura e o Turismo. No que diz respeito aos Amigos dos Açores a sua contribuição foi no sentido de avaliar a situação do património natural, a sustentabilidade dos Açores enquanto destino turístico e a perspectiva da associação perante o facto de a paisagem conter elementos culturais integrantes.

4.4 Síntese dos resultados

4.4.1 Instrumentos qualitativos

4.4.1.1 Inventário dos Recursos Turísticos Culturais e Paisagísticos do Centro Histórico de Ponta Delgada

Com a concepção de um simples inventário de carácter turístico, reuniu-se os recursos culturais e paisagísticos do centro histórico de Ponta Delgada, com potencialidade turística (ver anexo 1) e compilei-os em fichas de inventário de modo ao recurso ter um carácter informativo e proactivo através de possíveis sugestões. A finalidade dessa iniciativa passou pela lacuna da ausência do mesmo. Assim sendo no campo do Património Imóvel, nas suas diversas categorias foram identificados 27 recursos. O Património Cultural Móvel compreendeu 8 recursos, nas suas várias categorias. No que diz respeito aos Museus, Centros Culturais e Exposições a recolha identificou 7 recursos. Relativamente aos Bens Imateriais foram passíveis de inventariação 6 recursos. No campo do Património Natural e Paisagístico os recursos contabilizados foram 10.

De relevar os inúmeros recursos culturais e paisagísticos apenas na área do centro histórico, demonstrando a viabilidade da aposta no produto em ênfase.

Posteriormente agregaram-se os recursos e elaboraram-se possíveis roteiros (ver em anexo 2. Síntese do inventário e agregação dos recursos em produtos turísticos):

- “Elite Micaelense”, que envolve os solares e palácios inventariados (Palácio do Canto, Clube Micaelense, Casa Real João Borges e Medeiros, Solar dos Faria e Castro, Casa e Ermida de S. Joaquim, Solar dos Bicudos e Solar de Santa Catarina) procurando levar os visitantes aos bastidores da vivência de outrora da sociedade micaelense.
- “Recantos da Cidade” assenta em deambular pelos pontos mais emblemáticos da cidade de Ponta Delgada reunindo várias tipologias de recursos como as Portas da Cidade, os Paços do Concelho, Forte de S. Brás, Fábrica Melo Abreu e Calçada Artística dos passeios de Ponta Delgada.
- “Agentes Culturais Incontornáveis”, tem como finalidade descobrir a casa onde o ilustre pintor Domingos Rebelo viveu e as livrarias particulares de Antero de Quental, de Ernesto do Canto e de José do Canto na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- “Arquitectura Religiosa”, pretende captar atenção dos visitantes para os pormenores de ornamentação e estrutura que remetem para determinadas características das diferentes fases dos estilos arquitectónicos.

- “Ermidas Citadinas”, procura mostrar aos visitantes que mesmo em pequena dimensão também têm o seu encanto e estão envolvidas no ambiente citadino que nos desperta a curiosidade.
- “Coisas da nossa Gente” permite dar uma espreitadela pelos elementos etnográficos, privilegiando o contacto com a cultura local através de instrumentos musicais (viola da terra), da linguagem local (linguajar micalense), da gastronomia (gastronomia tradicional) e do artesanato (presépios, registos do Senhor Santo Cristo dos Milagres e bordado a matiz¹).
- “Ambientes Culturais” dar a conhecer os palcos da produção cultural local e internacional.
- “Tradições Religiosas” são manifestações religiosas muito particulares e características da ilha de S. Miguel e dos Açores, sendo de especial destaque o Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres.
- “Cultura e Paisagem” reúne os elementos culturais e os elementos paisagísticos dos espaços verdes, observando-se exemplos de estatuária micalense sendo envolvidos num ambiente também natural através da flora existente.

4.4.1.2 Entrevistas

A entrevista ao responsável da Associação Amigos dos Açores, Mestre Diogo Caetano (ver anexo 10 Entrevista ao responsável pela Associação Ecológica Amigos dos Açores Mestre Diogo Caetano), permitiu aferir que o estado de conservação do património natural varia de ilha para ilha e que o desenvolvimento do turismo nos Açores não tem considerado as vertentes da sustentabilidade. No fundo o responsável insistiu bastante na falta de uma estratégia unificadora que permita a ligação na interface entre a cultura e o turismo.

No que diz respeito à entrevista ao Director Regional do Turismo, Dr. Miguel Cymbron, não me foi permitido a gravação áudio, pelo que tirei breves apontamentos durante a conversa (ver anexo 12 ao Director Regional de Turismo Dr. Miguel Cymbron) realçando ao longo da conversa que a actual orgânica do sector turístico tem correspondido às exigências dos mercados turísticos, que o destino turístico encontra-se numa fase de crescimento, considerando o seu ciclo de vida. Quando questionado acerca de possíveis estratégias que aliem o turismo e a

¹ É designado por “bordado típico da ilha de São Miguel”, sendo bordado a matiz em linho com dois tons de azul. A mentora desta arte foi a Sra. Lily Bensaúde em 1930. O bordado azul tem como elementos caracterizadores os trevos, as cravinas, florinhas, avencas, pequenos ramos e algumas aves devendo-se estes motivos à ornamentação utilizada na louça chinesa.

cultura respondeu que existem já algumas mas que a nossa diferença cultural não nos permite causar um impacto forte ao invés do Turismo da Natureza.

No sector cultural a entrevista ao Director Regional da Cultura, Dr. Jorge Bruno (ver anexo 14 Entrevista ao Director Regional da Cultura Dr. Jorge Bruno) no seu testemunho ficou demarcado a ausência de interligação entre a cultura e o turismo, deixando bem patente que a produção cultural é feita a pensar no consumo local e não a pensar na potencialidade turística. Quando confrontado com a questão relacionada com o inquérito de satisfação dos turistas no Destino Açores desenvolvidos pelo Observatório de turismo dos Açores com a colaboração do Centro de Estudos de Economia aplicado do Atlântico, referente ao Inverno de 2007/2008, em que a cultura apresentou valores baixos (1,53) considerando as motivações dos turistas, respondeu que a interpretação desse resultado era da competência do sector turístico. Em suma, o aspecto transversal é que existe produção cultural, mas denota-se uma lacuna de *interface* entre a cultura e o turismo.

A entrevista da presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Dra. Berta Cabral (ver anexo 16 Testemunho escrito pela Dra. Berta Cabral, Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada), permitiu perceber que apesar de não deter nenhum departamento em específico no âmbito do Turismo, a visão turística está presente nas directrizes. Destacando várias iniciativas no âmbito cultural e de lazer, sendo uma das últimas intervenções um guia cultural para as 20 freguesias do Concelho realizado pela Associação Regional para o Desenvolvimento (ARDE), uma forma de alargar o interesse turístico às zonas rurais adjacentes. Na valorização do património construído imóvel existe o programa de reabilitação do Centro Histórico de Ponta Delgada (REVIVA), que já contribui para a revitalização de vários imóveis.

No fundo, a entrevista fica demarcada pela noção de que a actividade turística é uma mais-valia para o município, apostando fortemente na valorização cultural, no incentivo à produção cultural artística e na conjugação de esforços entre o património cultural e paisagístico.

Por motivos de agenda, não foi possível à Presidente da ATA conceder-me a entrevista, acabando por restringir um pouco as considerações e ilações que poderei formar acerca do tema em estudo. Acresce igualmente a AMRAA, pois não obtive qualquer *feedback*, após terem sido contactados várias vezes.

4.4.2 Instrumentos quantitativos

4.4.2.1 Questionários

O universo da amostra, ou seja o universo alvo do estudo centrou-se na oferta turística dos Açores referente ao produto *Touring* Cultural e Paisagístico. Por conseguinte o universo

inquirido foi constituído pelas agências de viagens de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel e pelas instituições culturais das nove ilhas.

Desta forma, o número de inquiridos totalizou-se em 8 (N= 8) do lado do subsector de Operadores turísticos e agentes de viagens. Existem, actualmente 12 agências de viagens a funcionar em Ponta Delgada, de acordo com a lista divulgada pela ATA (ver anexo 4 Lista de Agências de Viagens Operacionais divulgada pela ATA em Ponta Delgada).

De mencionar que um interveniente turístico não tem nenhum responsável destacado para os Açores, sendo directamente dirigida pelo Continente Nacional, pelo que não foi possível obter colaboração. Nos restantes casos alegaram ser incompatível com o preenchimento das suas agendas laborais.

No caso do sector cultural, o Director Regional da Cultura disse expressamente que não se justificava recolher impressões sobre os órgãos culturais em separado (ver anexo 8. Ofício enviado pelo Director Regional da Cultura), pelo que a sua resposta ao questionário valeria pela totalidade, reduzindo a amostra para 1 resposta. A amostra é reduzida, pelo que a análise de dados será mais de carácter gráfico de modo a identificar qual é o padrão, ou moda das perguntas, podendo assim constatar quais os factores que os intervenientes turísticos dão mais valor na introdução do produto *Touring Cultural* e Paisagístico, o estado actual do sector turístico na região e os Açores enquanto destino turístico.

O tratamento dos dados estatísticos foi suportado pelo *software* SPSS 19.0 (*Statiscal Package for the Social Sciences*) como instrumento que permite recolher, organizar, descrever e interpretar um conjunto de dados, neste caso a opinião dos intervenientes turísticos do subsector de Operadores Turísticos e Agências de Viagens acerca do desenvolvimento do Turismo e a oferta turística do destino Açores, nomeadamente a introdução do produto *Touring Cultural* e Paisagístico.

4.4.2.2 Análise Descritiva

A primeira parte do questionário diz respeito às informações gerais, mais concretamente ao ano em que iniciaram a actividade turística e em que tipos de Turismo são especializados, denotando-se um registo temporal de início de actividade bastante diferenciado (ver em anexo 6, quadro 2 Ano em que iniciou a sua actividade), assim como a empregabilidade dos mesmos (ver em anexo 6 Análise de Dados dos Questionários dos Intervenientes Turísticos com suporte ao Sistema SPSS, quadro 4 Número de Trabalhadores).

Por conseguinte a segunda parte aferiu a opinião sobre o estado actual do Turismo na região e neste âmbito as respostas dos inquiridos, demonstram como se pode constatar no quadro 3, que

nenhum dos inquiridos escolheu a opção muito satisfeito. Assim sendo, dos 8 inquiridos apenas 4 se mostraram satisfeitos e os restantes 4 dividiram-se deixando transparecer alguma insatisfação e indiferença perante o desenvolvimento do sector turístico.

Quadro 3. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Insatisfeito	2	25,0	25,0	25,0
Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	2	25,0	25,0	50,0
Satisfeito	4	50,0	50,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quando questionados acerca dos aspectos que consideravam muito importantes na constituição da oferta turística sustentável do destino Açores as respostas foram unânimes em vários aspectos. Destaca-se no entanto, as sinergias entre as actividades turísticas e as de suporte (comércio local) com uma resposta de Pouco Importante – Quadro 4 e a variável investimentos governamentais obteve uma resposta de Muito Pouco Importante.

Quadro 4. Sinergias entre actividades turísticas e de suporte (comércio local)

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Pouco Importante	1	12,5	12,5	12,5
Medianamente Importante	1	12,5	12,5	25,0
Importante	1	12,5	12,5	37,5
Muito Importante	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Relativamente à visão da sustentabilidade e a sua aplicação ao Destino Açores as variáveis imprescindíveis para a integração do modelo recaíram no investimento, na consciencialização, estratégias governamentais e privadas, na formação e na política unificadora entre todo o sistema turístico regional. A variável com apenas 1 resposta de 8 inquiridos foi um mecanismo de gestão estratégica e operacional de um destino a DMO (*Destination Management Organization*), o que não deixa de ser curioso, pois geralmente este organismo é que tenta articular as estratégias do destino com os intervenientes turísticos.

Quadro 5. DMO (Destination Management Organization)

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	7	87,5	87,5	87,5
Sim	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Na pergunta o que falta para os Açores apostarem em novos produtos a escolha da variável inovação foi predominante, no entanto aspectos básicos e essenciais como os descritos nos quadros 6 e 7 os resultados não demonstram uma opinião generalizada naquelas etapas fulcrais descritas na revisão literária como sendo as mais importantes na concepção dos produtos turísticos.

Quadro 6. Percepcionar os recursos como elementos base da atracção do destino turístico

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	3	37,5	37,5	37,5
Sim	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 7. Aferir o seu potencial turístico

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	6	75,0	75,0	75,0
Sim	2	25,0	25,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Na questão em que medida os Açores podem beneficiar com a introdução do produto Touring Cultural e Paisagístico a variável que ressaltou foi a competitividade, na medida em que os 8 inquiridos responderam que não aumentaria a competitividade do Destino Açores (Quadro 8). Dando importância às restantes variáveis como o aumento da cadeia de valor, os novos segmentos de mercado que obteve opiniões mais dissociadas (Quadro 9), o reforço da sustentabilidade da oferta turística e a revitalização da economia regional.

Quadro 8. Maior Competitividade

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	8	100,0	100,0	100,0

Quadro 9. Novos segmentos de mercado alvo

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	4	50,0	50,0	50,0
Sim	4	50,0	50,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Respectivamente à procura registada unicamente por motivos culturais, os resultados contidos no quadro 10 deixam transparecer que, a maioria dos inquiridos (4) denotam uma procura baixa considerando o âmbito cultural situando-se entre os 0 e 10%. Assim sendo, o sector cultural do Destino Açores não desperta ainda muita procura turística, sendo por isso uma oportunidade como a resposta anterior demonstrou (quadro 49) para diversificar os segmentos de mercado do destino.

Quadro 10. Em média, qual a percentagem de procura turística que regista por motivos específicos de índole cultural?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
0-10%	4	50,0	50,0	50,0
11-20%	1	12,5	12,5	62,5
21-30%	2	25,0	25,0	87,5
51-60%	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

No que concerne à introdução do produto *Touring* Cultural e Paisagístico e os factores imprescindíveis para o seu desenvolvimento realça-se o quadro 11 (Interligação entre o sector turístico e o sector cultural) em que 7 dos inquiridos à excepção de 1 consideraram a interligação entre o sector turístico e o sector cultural como uma das etapas fundamentais para o desenvolvimento do produto. No entanto, o quadro 12 (Sustentabilidade de Recursos e Serviços) demonstrou resultados surpreendentes, visto que, apenas 1 interveniente dos 8 inquiridos considerou a sustentabilidade dos recursos e dos serviços como factor imprescindível ao fomento do *Touring* Cultural e Paisagístico.

Quadro 11. Interligação entre o sector turístico e o sector cultural

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	1	12,5	12,5	12,5
Sim	7	87,5	87,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 12. Sustentabilidade dos recursos e dos serviços

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	7	87,5	87,5	87,5
Sim	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

4.4.1.5 Teste de Hipótese “Qui Quadrado”

O teste de hipóteses “Qui Quadrado” de independência visa estudar duas características diferentes da mesma população e pretendemos verificar se não existe nenhuma relação entre as mesmas. Desta forma as hipóteses são fixadas através da hipótese nula (H_0) e da hipótese alternativa (H_1), a título exemplificativo:

H_0 : As variáveis são estatisticamente independentes

H_1 : As variáveis são relacionadas estatisticamente

A próxima etapa passa por especificar o nível de significância α do teste, sendo neste caso de 0,05. Assim sendo, se o valor-P for menor ou igual a α rejeitamos a H_0 prevalecendo a H_1 prevalecendo então a hipótese de que as variáveis são relacionadas estatisticamente. Neste caso como a amostra é muito reduzida menos do 25 casos por uma questão de fiabilidade devemos considerar na análise o *Likelihood ratio* (Hill & Hill, 2002).

Considerando então a sua aplicação ao questionário em estudo, associou-se a pergunta em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores com a variável formação de recursos humanos respeitante à questão qual o grau de importância que atribui aos aspectos abaixo enumerados para a consolidação de uma oferta turística diversificada e sustentável no destino Açores. Desta forma a formulação de hipóteses é a seguinte:

H_0 : A variável em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do turismo nos Açores e a variável formação de recursos humanos são independentes.

H₁: A variável em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do turismo nos Açores e a variável formação de recursos humanos encontram-se relacionadas.

Por conseguinte, o valor de significância α neste caso ultrapassa os 0,05 pelo que, a H₀ é rejeitada logo as variáveis encontram-se relacionadas (H₁) como se constata os valores apresentados no quadro do Teste de Qui-Quadrado, sendo o valor de significância de 0,196 sendo um dos valores mais baixos do questionário mas não prova que as variáveis são independentes.

Quadro 13. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Formação de Recursos Humanos

		Formação de Recursos Humanos		Total
		Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	1	1	2
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	2	2
	Satisfeito	0	4	4
Total		1	7	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado	3,429 ^a	2	,180
Rácio de Verossimilhanças	3,256	2	,196
Associação Linear	2,273	1	,132
N de Casos Válidos	8		

Considerando ainda a mesma associação de pergunta com uma nova variável, Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com a variável investimentos governamentais a formulação da hipótese adquire a expressão:

H₀: A variável em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do turismo nos Açores e a variável investimentos governamentais são independentes.

H₁: A variável em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do turismo nos Açores e a variável investimentos governamentais encontram-se relacionadas.

Os valores correspondentes do teste Qui-Quadrado confirmam que a H₀ (Hipótese Nula) é rejeitada observando-se a validação da H₁ (Hipótese Alternativa), em que o valor de significância α é de 0,086 sendo maior do que o valor de teste fixado de 0,05. De relevar que esta associação foi a que apresentou os valores mais baixos na correlação das duas variáveis.

Quadro 14. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Investimentos Governamentais

		Investimentos Governamentais				Total
		Muito Pouco Importante	Medianament e Importante	Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	0	0	2	0	2
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	0	0	2	2
	Satisfeito	1	1	0	2	4
	Total	1	1	2	4	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado	10,000 ^a	6	,125
Rácio de Verosimilhanças	11,090	6	,086
Associação Linear	,364	1	,546
N de Casos Válidos	8		

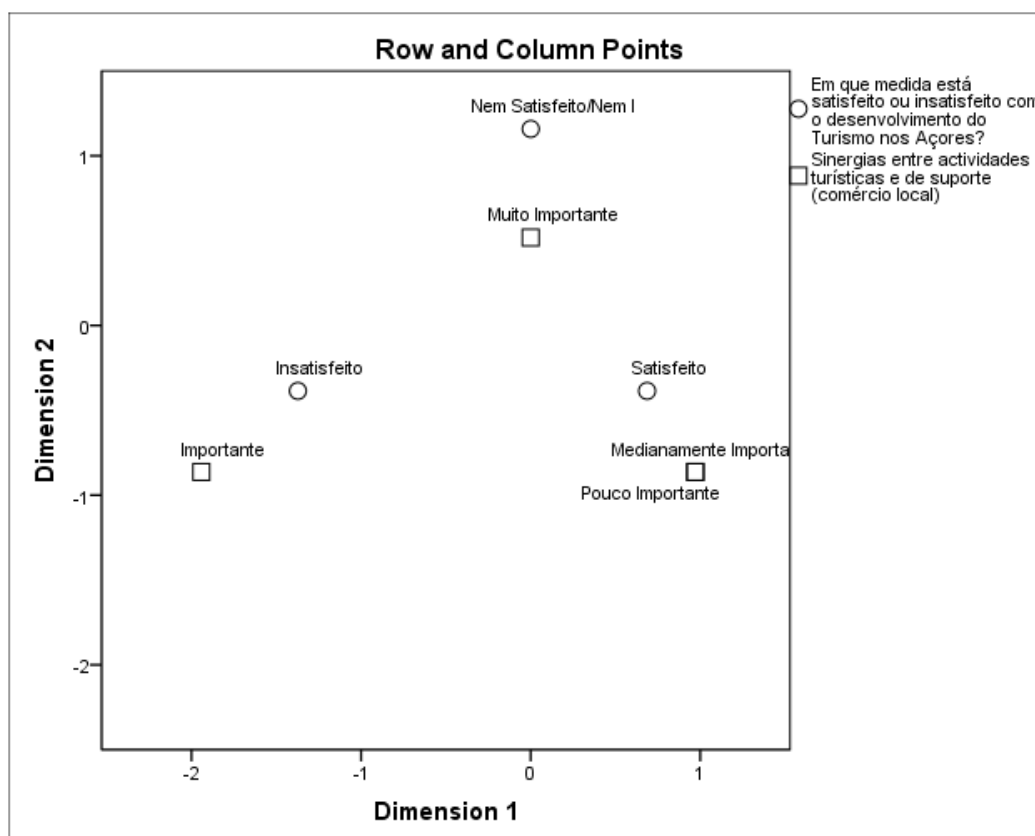
4.4.1.6 Análise de Correspondência

Jean-Paul Benzecri (1930), foi o estatístico francês que desenvolveu o método de análise de dados designado por análise de correspondência. A análise de correspondência é uma técnica estatística descritiva onde se pode observar as tabelas de contingência que nos permitem reconhecer a frequência com que as variáveis qualitativas surgem num conjunto de elementos (Peña, 2002). Aplicando ao tema de investigação, só foi possível fazê-lo com as variáveis categóricas que demonstraram maior diversidade de respostas, devido à dimensão reduzida dos casos. Desta forma, constata-se através da representação gráfica que os que encontravam

insatisfeitos com o desenvolvimento do turismo na região consideraram como importante as sinergias entre as actividades turísticas e de suporte (comércio local). Os que se demonstraram Nem Satisfeitos/Nem Insatisfeitos reconheceram as sinergias entre as actividades turísticas e de suporte (comércio local) como muito importante e os que se mostraram satisfeitos com o desenvolvimento turístico identificaram as sinergias entre as actividades turísticas e de suporte (comércio local) como medianamente importante e pouco importante para a consolidação da diversificação de oferta turística sustentável para o destino Açores.

Quadro 15. Tabela de Correspondência

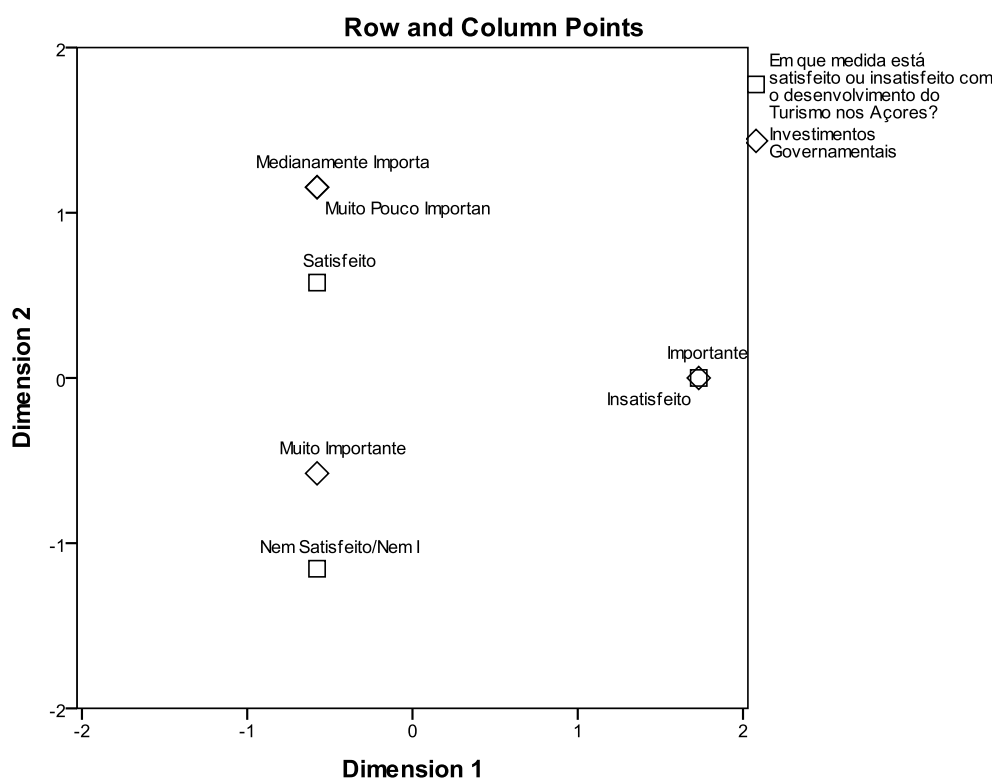
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Sinergias entre actividades turísticas e de suporte (comércio local)					
	Muito Pouco Importante	Pouco Importante	Medianamente Importante	Importante	Muito Importante	Margem Activa
Muito Insatisfeito	0	0	0	0	0	0
Insatisfeito	0	0	0	1	1	2
Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	0	0	0	2	2
Satisfeito	0	1	1	0	2	4
Muito Satisfeito	0	0	0	0	0	0
Margem Activa	0	1	1	1	5	8



Quadro 16. Tabela de Correspondência

Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Investimentos Governamentais					
	Muito Pouco Importante	Pouco Importante	Medianament e Importante	Importante	Muito Importante	Margem Activa
Muito Insatisfeito	0	0	0	0	0	0
Insatisfeito	0	0	0	2	0	2
Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	0	0	0	2	2
Satisfeito	1	0	1	0	2	4
Muito Satisfeito	0	0	0	0	0	0
Margem Activa	1	0	1	2	4	8

As outras variáveis que permitiram a análise de correspondência foram a satisfação do desenvolvimento do turismo na região e os investimentos governamentais. Assim sendo, os que optaram por uma decisão neutra Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito com o desenvolvimento turístico responderam que os investimentos governamentais são muito importantes. Ao invés dos que se encontram satisfeitos com o percurso do sector turístico consideraram que os investimentos governamentais são muito pouco importantes e medianamente importantes. Por sua vez, os que demonstraram insatisfação com o desenvolvimento do turismo nos Açores realçaram a importância dos investimentos governamentais como a representação gráfica comprova.



Em suma, o questionário aos intervenientes turísticos, ainda que com um universo de estudo serviu para ficar com uma noção dos intervenientes do subsector de Operadores Turísticos e Agências de Viagens numa primeira parte as informações gerais, seguidamente da sua opinião em termos do desenvolvimento do Turismo na Região e por fim o Destino Açores relativamente à sua oferta turística, nomeadamente com a introdução do produto *Touring Cultural* e Paisagístico.

De relevar igualmente, que existiam pequenos pontos ao longo do questionário de resposta qualitativa que de um modo geral perguntava como se podia concretizar a cooperação entre a população local e os intervenientes turísticos, sendo apontadas várias sugestões que serão consideradas aquando das recomendações propostas no final do estudo.

5. Aplicação do Produto Touring Cultural Paisagístico nos Açores

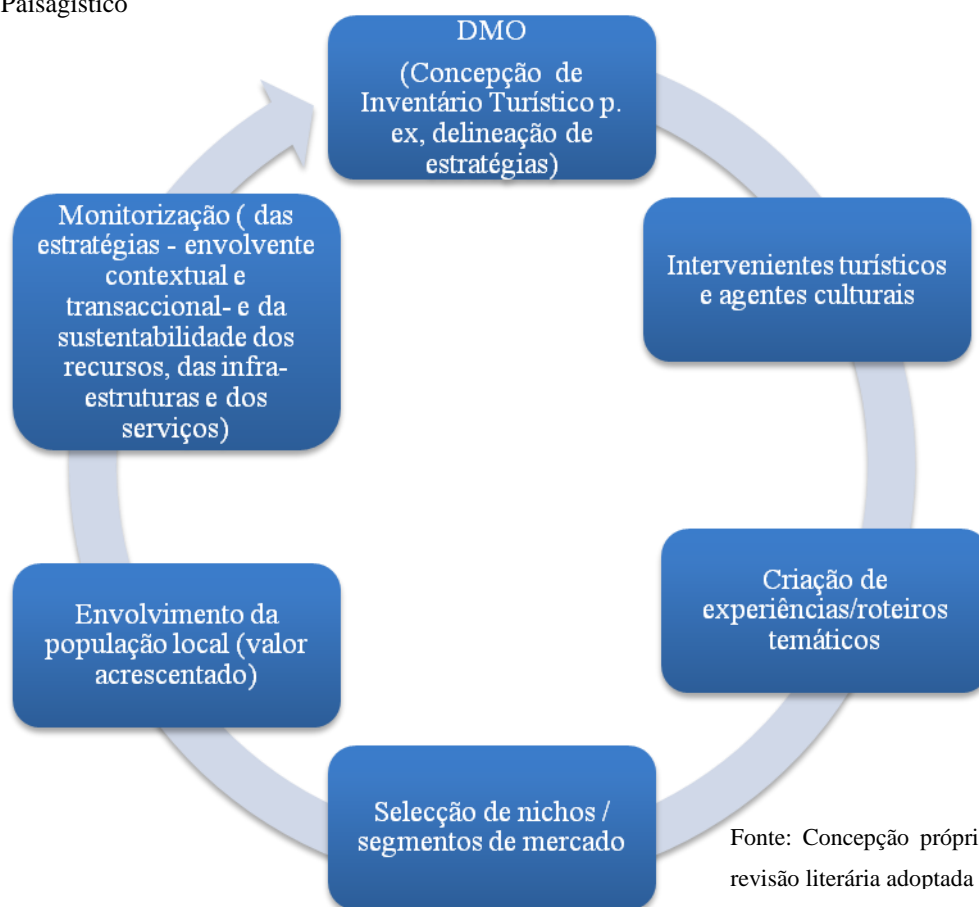
5.1 Análise SWOT da oferta turística primária (Recursos Culturais e Naturais)

<p>Pontos Fortes (Strengths)</p> <ul style="list-style-type: none"> • A diversidade de recursos culturais e naturais (9 ilhas) • Paisagem Cultural da Vinha da Ilha do Pico, património mundial (UNESCO) • Cidade de Angra, património mundial (UNESCO), sendo • Reservas da Biosfera (UNESCO), Ilha da Graciosa, das Flores e do Corvo • Diversificação da oferta turística através da aposta do <i>Touring Cultural e Paisagístico</i> • Recursos artesanais certificados • Mito da “Atlântida Perdida” 	<p>Análise SWOT</p>	<p>Pontos Fracos (Weaknesses)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não existir um inventário turístico • Falta de ligação entre o sector cultural e o sector turístico • Pouca notoriedade em alguns recursos • Inexistência de interpretação turística na maior parte dos recursos • Gestão do património natural não integrada vista isoladamente • Não existirem trilhos urbanos que contemplem os recursos culturais e naturais. • Abordagem do Turismo exclusivamente “paisagista” • Existirem poucos guias intérpretes regionais que dominam os idiomas dos segmentos de mercado que visitam actualmente os Açores, tendo que recorrer a guias estrangeiros
<p>Oportunidades (Opportunities)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Construir um inventário turístico • Tornar os recursos culturais em produtos turísticos • Criar roteiros que explorem os recursos culturais e paisagísticos • Consciencialização da população local para a preservação das tradições culturais • Workshops para revitalizarem os espaços urbanos tanto os culturais como os paisagísticos • Apostar na interpretação turística • Promoção dos Açores englobando o <i>interface</i> entre cultura e a natureza, visando a captação de novos segmentos de mercado. 		<p>Ameaças (Threats)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recursos com notoriedade internacional • Destinos Culturais consagrados • Perda de algumas tradições e de características naturais • Insustentabilidade dos recursos e dos serviços • Actual conjuntura económica - financeira poderá reprimir a aposta em novos projectos

5.2 Processo de comercialização do Produto

O processo de comercialização do produto *Touring Cultural e Paisagístico* (Esquema 2) deverá ter como primeira etapa a concepção de um inventário turístico, tendo sido já referido a importância deste instrumento na delimitação de estratégias, pois os recursos podem ser agregados e transformados em produtos turísticos posteriormente. Os intervenientes turísticos principalmente os operadores turísticos e agentes de viagens, desempenham um papel muito importante na distribuição do produto, sendo também a hotelaria e a restauração outros subsectores turísticos fundamentais num destino turístico. A criação de roteiros e experiências temáticas que possibilitem a retenção da nossa produção cultural e paisagística local, sendo adequado consoante os nichos/segmentos de mercado. O envolvimento da população local acrescentará valor à experiência pois são eles os produtores culturais e conhecem os aspectos que fazem toda a diferença. A monitorização das estratégias, da envolvente contextual e transaccional, pois a procura turística actualmente é muito heterogénea sendo pouco previsível e igualmente procurar minimizar factores externos ao sector turístico como a actual conjuntura económica financeira. Outra monitorização transversal passa por assegurar a sustentabilidade dos recursos, das infra-estruturas e dos serviços.

Esquema 2. Estrutura explanatória do processo de comercialização do produto *Touring Cultural e Paisagístico*

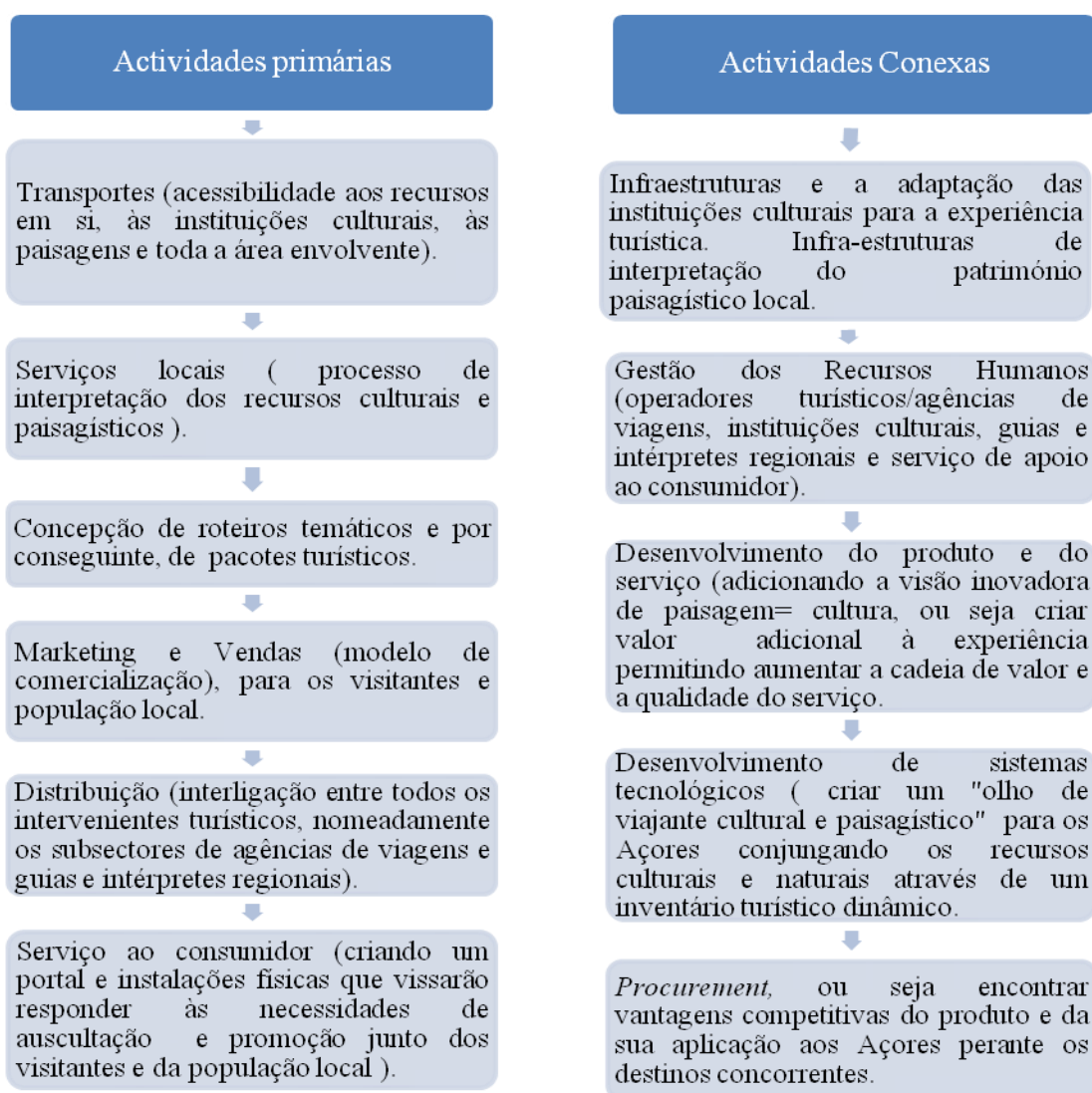


Fonte: Concepção própria, baseada na fase da revisão literária adoptada ao destino Açores.

5.2.1- A importância da cadeia de valor adoptada ao produto Touring Cultural e Paisagístico nos Açores.

Poon (1993) adoptou a cadeia de valor de Porter para a indústria turística. Neste caso em específico resolvi delinear um possível esquema (Esquema 3), com os aspectos necessários para facilitar a consolidação do produto em estudo no destino Açores. Assim sendo, as actividades primárias dizem respeito ao que é fulcral para a viabilização dos recursos culturais e paisagísticos enquanto produto turístico e as actividades conexas, são as estratégias, as infra-estruturas e abordagem ao produto que irá acrescentar valor, a diferença perante a experiência dos visitantes e posteriormente do destino através da recomendação dos visitantes.

Esquema 3. Cadeia de Valor de Poon (1993) adoptada ao produto Touring Cultural e Paisagístico nos Açores



Fonte: Adaptada de Evans (2003), pág. 63

6. Considerações finais, Limitações do estudo e Recomendações

6.1 Síntese

A abordagem da dissertação em relação ao tema em estudo prendeu-se inicialmente com a fase da revisão literária fazendo alusão aos vários campos do estudo como a oferta turística, a procura turística e as questões inerentes ao princípio da Sustentabilidade. A preocupação nesta primeira fase foi comprovar a validade do tema escolhido e deixar transparecer que existe potencialidade na junção dos elementos naturais com os culturais assentando no produto *Touring Cultural* e Paisagístico atendendo às tendências de uma procura mais heterogénea e menos passiva onde a experiência é a palavra-chave de sucesso sempre aliada à qualidade do serviço.

O capítulo seguinte fez a transposição da abordagem de carácter geral para mais específico, nomeadamente a realidade do sector cultural em termos turísticos com o intuito de demonstrar o contributo do turismo cultural para a economia do país. De relevar que recentemente o sector cultural já não possui em termos de estrutura orgânica um ministério. Posteriormente evidenciou-se a apresentação do caso de estudo, a aplicação do *Touring Cultural Paisagístico* nos Açores de forma sustentável enumerando-se os objectivos, as vertentes do estudo e as perguntas de partida que suscitou.

A investigação empírica focou-se na oferta turística mais concretamente na análise dos intervenientes turísticos do subsector de Agências de Viagens e Operadores Turísticos, das instituições culturais, do poder local e da comunidade local (Associação Ecológica). O inventário facilitou a agregação dos recursos culturais e paisagísticos do Centro Histórico de Ponta Delgada e a construção de possíveis roteiros temáticos e a análise dos dados permitiu a formulação de hipóteses.

Após os resultados apresentados o capítulo posterior procurou através da concepção de modelos delinear uma estratégia de aplicação e comercialização do produto em estudo.

Assim sendo, as considerações finais consistiram nas conclusões que se retiraram do estudo, nas respostas às perguntas de partida, nas limitações e nas recomendações para um possível prosseguimento da investigação.

6.2. Resultados e Limitações do estudo

Inicialmente a investigação empírica tinha sido pensada para as nove ilhas, mas tive que limitar a área territorial de pesquisa concentrando-me na ilha de S. Miguel com a esperança de a longo prazo poder alargar o universo do estudo às restantes ilhas, pois o Destino Açores é composto por nove ilhas.

A dissertação fica demarcada pela dimensão reduzida da amostra do lado das instituições culturais, pois o órgão institucional (DRAC) assumiu a totalidade de resposta contabilizando-se apenas uma resposta contrapondo-se com as oitros respostas registadas. Assim sendo, a aplicabilidade dos testes estatísticos ficou limitada resultando numa análise um pouco estática.

Os resultados dos intervenientes turísticos, ainda que em dimensão reduzida, permitiram aferir dados com alguma particularidade, que foram fundamentais para a obtenção das respostas das perguntas de partida. Desta forma, quando questionados acerca de que a aposta dos Açores se deveria basear apenas no Turismo de Natureza verificou-se que na sua maioria optaram por discordar (37,5%) ou por uma posição neutra (37,5%) existindo embora curiosamente quem respondesse que o caminho acertado seria apenas apostar nesse produto (25%). Outra questão que demonstrou resultados elucidativos foi a procura turística por motivos culturais, em que 50% responderam que registam apenas 0-10% deixando transparecer que é necessário apostar neste produto sendo uma forma de diversificar a oferta do destino turístico. Relativamente à introdução do produto *Touring Cultural* e Paisagístico a resposta que obteve mais consenso foi o reforço da sustentabilidade da oferta turística seguindo-se a revitalização da economia regional. Por fim a interligação entre o sector turístico e o sector cultural, foi apontada como resposta unânime como etapa fundamental no prosseguimento do desenvolvimento do produto em estudo.

Assim sendo, considerando as perguntas de partida:

O Touring Cultural e Paisagístico pode diversificar a oferta turística do destino Açores?

O conceito “paisagem = natureza + cultura”, assentando numa política sustentável, resultará em comercialização turística?

A primeira pergunta não necessitará de reformulação, pelo que os resultados da investigação permitiram reunir informação, pois os intervenientes turísticos admitiram unanimemente que através da introdução do produto *Touring Cultural* e Paisagístico a oferta turística beneficiará de um reforço da sustentabilidade da oferta turística.

A resposta à segunda pergunta foi conseguida através da entrevista realizada ao responsável pela Associação Ecológica “Amigos dos Açores”, em que afirmou que na questão paisagística existem aspectos culturais reflectidos mas que existe a necessidade de o fazer sustentadamente.

No que diz respeito, ao inventário dos recursos culturais e paisagísticos tive que definir uma área mais pequena pois o método que adoptei não consistiu apenas em reunir uma lista dos recursos disponíveis, mas sim construir um instrumento de consulta para facilitar aos visitantes e aos intervenientes turísticos a experiência turística. A ficha em anexo contém informações, nomeadamente sobre os dados históricos de cada recurso e também reuniu itens que poderão servir de orientação para os intervenientes turísticos na definição de estratégias.

No que concerne às entrevistas, houve limitações visto que houve órgãos que por falta de disponibilidade e nalguns casos nunca obtive nenhum *feedback*, o que limitou as conclusões e posteriormente as recomendações.

6.3 Conclusões e Recomendações

A presente dissertação pretendeu humildemente expor ao Destino Açores uma nova potencialidade para o desenvolvimento e sustentabilidade da sua oferta turística.

Transversalmente as conclusões a reter desta investigação científica foi ter possibilitado uma imagem mais clara do estado actual do sector turístico e ter avançado com propostas referentes às etapas necessárias para a concretização de um efectivo *Touring* Cultural e Paisagístico nos Açores. Desta forma, descrevendo de forma sucinta a cultura nos Açores é vista isoladamente, não havendo por isso uma interligação entre o sector cultural e o sector turístico. A produção cultural é efectuada não sendo concebida para finalidade turística, assim como os recursos culturais não estão hierarquizados e agrupados em produtos turísticos, pelo que, a procura turística registada por motivos culturais não excede os 10%.

Assim sendo, a parte paisagística está praticamente desenvolvida, pois os Açores são conhecidos por serem um destino de turismo de Natureza, mas com a nova abordagem paisagem = natureza+ cultura, irá proporcionar o valor acrescentado que a experiência necessita, em que a vertente cultural terá que ser potencializada para consumo turístico. O inventário turístico dos recursos culturais e paisagísticos do Centro Histórico de Ponta Delgada dá início a uma possível estratégia que deverá ser uniformizadora devido à importância mencionada sendo descrita como uma etapa fundamental para organizar a oferta turística vocacionando os recursos para produtos turísticos.

Desta forma, as recomendações surgem no sentido de apontar orientações futuras assentando em três vectores **criar, diversificar e consolidar**:

Criar

- Desenvolver um estudo de mercado, para perceber quais as necessidades sentidas do lado da procura turística deste segmento de mercado;
- Aplicar o inventário a todos os recursos com potencialidade turística para uma gestão eficiente do Destino Açores;
- Incentivar uma política de cooperação junto da população local com os intervenientes turísticos na inventariação dos usos e costumes e também numa possível parceria na interpretação turística de forma os visitantes experienciarem uma vertente mais autêntica;
- Construir roteiros temáticos após a fase de agregação dos recursos em produtos turísticos;
- Insistir na interligação dos vários sectores subjacentes aos diversos produtos turísticos;

- Criar workshops e outras iniciativas que estimulem o consumo da cultura e da paisagem mantendo sempre os padrões da sustentabilidade;
- Trabalhar em conjunto com as escolas, com os colégios e outras instituições no departamento da educação da população local de forma a dar a conhecer as suas raízes culturais;
- União entre as várias ilhas, pois no fundo representam nove realidades diferentes, incutindo encontros facilitadores de *brainstorming*, traçando conjuntamente o melhor caminho para a consolidação dos Açores como um Destino Sustentável em todas as suas dimensões.

Diversificar

- Delinear estratégias para a potencialidade dos produtos turísticos detectados no inventário turístico;
- Abordagens inovadoras e únicas no Destino Açores como a sugerida “Paisagem = natureza+cultura”;
- Aproveitar os nossos recursos primários diversificando-os e tornando-os acessíveis aos que nos visitam através de infra-estruturas e interpretações que transportem os visitantes para aquela vivência, naquele tempo particular;
- Desenvolver o mito da “Atlântida Perdida”, não através da recriação de cenários mas fazendo perceber aos visitantes alguma veracidade levando-os a explorar e a ajudarem a tirar ilações;
- Criar um mapa cultural dos Açores mostrando as diferentes interpretações adicionando igualmente a vertente paisagística;
- Assinalar com placas identificativas os trilhos urbanos à disposição dos visitantes;
- Apostar em experiências que apelem aos sentidos, à alma e às emoções.

Consolidar

- A oportunidade de reunir esforços juntos de novos segmentos de mercado;
- A preservação do património cultural imóvel, móvel, imaterial e natural;
- A consciencialização dos intervenientes turísticos e da população local para a Sustentabilidade;
- Sinergias entre as actividades turísticas e as conexas, através de um cartão que permita a mobilidade e a facilidade usufruindo de descontos, à semelhança do que se faz em várias capitais culturais, promovendo o comércio local, as instituições culturais e as actividades turísticas;
- As infra-estruturas existentes de acordo com a linguagem cultural e turística actual;
- A marca Açores com as novas possíveis abordagens de comercialização.

7.Referências Bibliográficas

- Academia das Artes dos Açores (s/d),”ADA” disponível em: <http://academiadasartes.no.sapo.pt/ada.html>, acedido a 22 de Julho de 2011
- Albergaria, I. (2000), *Quintas, Jardins e Parques da Ilha de São Miguel (1785-1885)*, Quetzal Editores, Lisboa.
- Albergaria, I. (2005), *Parques e Jardins dos Açores*, Argumentum, Lisboa.
- Ambrósio, V. (2010) Turismo Religioso em São Miguel/Açores, in *Dinâmicas de Rede no Turismo Cultural e Religioso – Actas das II Jornadas Internacionais de Turismo, Vol. II*, Eduardo Cordeiro Gonçalves (ed.), Maia, ISMAI .pp. 27-37.
- Azevedo, A. (2008) *A ideia de paisagem*, Livraria Figuerinhas, Porto.
- Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (s/d), “Livrarias Particulares” disponível em: http://www.bparpd.azores.gov.pt/documents/antero_de_quental.html, acedido a 26 de Setembro de 2011.
- Brent, J. e Crouch ,G. (2003),“ Part II The Sustainable Destination”, in Press, C. (Ed.), *The Competitive Destination: a sustainable tourism perspective*, CABI Publishing, Cambridge, MA, pp. 33-49.
- Brent, J. e Crouch ,G. (2003),“ Core Resources and Attractors: the Essence of Destination Appeal”, in Press, C. (Ed.), *The Competitive Destination: a sustainable tourism perspective*, CABI Publishing, Cambridge, MA, pp. 110-128.
- Buhalis, D. (2000), “Marketing the competitive destination of the future”, *Tourism Management*, Vol. 21, No. 1, pp. 97- 116.
- Christous, E. (2006), “Heritage and cultural tourism: a marketing-focused approach”, in Sigala, M. e Leslie, D. (Ed.), *International Cultural Tourism: management, implications and cases*, Elsevier, Oxford, UK, pp. 4-15.
- Claval,P.,Curry,M., Linehan, D., Sarmiento, J., Azevedo, A., Pimenta, J. (2006) *Ensaio de Geografia Cultural*, Livraria Figuerinhas, Porto.
- Coccosis, H. (2006), “Operational management of cultural and heritage sites”, in Sigala, M. e Leslie, D. (Ed.), *International Cultural Tourism: management, implications and cases*, Elsevier, Oxford, UK, pp. 54-65.
- Correio dos Açores (2010), “Um “paraíso natural”: no Atlântico: Açores, a “Meca da Natureza” disponível em: <http://www.correiodosacores.net/view.php?id=28591>, (acedido a 12 de Março de 2011).

- Craik, J (1997), “The Culture of Tourism”, in Rojek, C. e Urry, J. (Ed.), *Touring Cultures, transformations of Travel and Theory*, Routledge, New York, NY, pp. 114-136.
- Cunha, L. (2007), “ A Oferta Turística”, in Fabrigrafiza (Ed.), *Introdução ao Turismo*, 3ª edição, Editorial Verbo, Lisboa – São Paulo, pp. 175-188.
- Cunha, L. (2008), “Avaliação do Potencial Turístico”, *Journal of Tourism Studies* , Vol. 1, No.1, pp. 21-40.
- Cunningham, P. (2009), “Exploring the cultural landscape of the Obeikei in Ogasawara, Japan”, *Journal of Tourism and Cultural Change*, Vol. 7, No. 3, pp. 221-234.
- Decreto Legislativo Regional nº 38/2008/A, “Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores (POTRAA)” disponível em: <http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/sredrt/textoImagem/Plano+de+Ordenamento+Turístico+da+Região+Autónoma+dos+Açores+%28POTRAA%29.htm>, (acedido a 6 de Abril de 2011).
- Dias, F. (1996), *Ponta Delgada 450 Anos de Cidade*, Câmara Municipal de Ponta Delgada, Ponta Delgada.
- Dias, H., Figueiredo, G. e Maia, M. (2004) *Teatro Micaelense*, Teatro Micaelense - Centro Cultural e de Congressos, SA, Ponta Delgada.
- Dias,T. (2006), *Registos do Senhor Santo Cristo dos Milagres*, Secretaria Regional da Economia | Centro Regional de Apoio ao Artesanato, Ponta Delgada.
- Direcção Regional da Cultura (2001), “Bordado a Matiz” in Secretaria Regional da Economia, Centro Regional de Apoio ao Artesanato e ARDE, ADELIAÇOR e ASDEPR (Ed.), *Bordado Antigo dos Açores, Elementos para um Inventário Artístico e Técnico*, Publicações Dom Quixote, Lda., Lisboa, pp. 83- 90.
- Evans, N., Campbell, D. e Stonehouse, G. (2003),*Strategic Management for Travel and Tourism*, Butterworth- Heinemann, Oxford.
- Ferreira,M. (1990), A Viola de Dois Corações, Separata de Boletim Despertar nº100, Ponta Delgada.
- Ferreira, M. (1993) *Os Cem Anos da Melo Abreu*, Coingra, Ponta Delgada.
- Ferreira, M. R (2005) *Plano Estratégico de Turismo do Município de Santiago do Cacém*, Centro de Estudos de Turismo e Cultura, Instituto Politécnico de Tomar.
- Freitas,J., Freitas, R. (2007), *Estatuária Micaelense*, Câmara Municipal de Ponta Delgada, Ponta Delgada.

Galeria Fonseca Macedo (2010), "Fonseca Macedo Arte Contemporânea" disponível em: <http://www.fonsecamacedo.com/paginainicial.php>, acessado a 21 de Julho de 2011.

Governo Regional dos Açores (2008), "Programa do X Governo dos Açores" disponível em: <http://www.azores.gov.pt/NR/rdonlyres/46C8FA62-263F-4C8AB5D96AAAF961EEC/0/ProgramadoXGovernoRegionaldosAçores.pdf>, (acedido a 23 de Março de 2011).

Hill, M. e Hill, A. (2008), *Investigação por Questionário*, Edições Sílabo, Lisboa.

Ho, P. e McKercher, B. (2004), "Managing heritage resources as tourism products", *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, Vol. 9, No. 3, pp.255-266.

Inforgeo VI - Umbelino, J., Portugal, L., Ferreira, M. e Sousa, J. (1993), "O inventário dos Recursos Turísticos de Portugal Continental" disponível em: http://www.apgeo.pt/files/section44/1235567141_INFORGEIO_06_p093a099.pdf, (acedido a 10 de Maio de 2011).

Instituto Cultural de Ponta Delgada (s/d), " Quem Somos " disponível em, <http://www.icpd.pt>, (acedido a 27 de Outubro de 2011).

Leal, J. (1994), "Breve resenha dos factos que poderão ter influenciado a alimentação na ilha de S. Miguel", in Tilgráfica SA (Ed.), *As festas do Espírito Santo nos Açores: Um estudo de antropologia social*, Publicações Dom Quixote, Lda., Lisboa, pp. 20-22

Leal, J. (1994), "Parte II. Outras Ilhas, Outras Festas", in Tilgráfica SA (Ed.), *As festas do Espírito Santo nos Açores: Um estudo de antropologia social*, Publicações Dom Quixote, Lda., Lisboa, pp. 167 –190.

Leal, J. (1994), "Parte III. São Miguel: Romarias Quaresmais e Festas do Espírito Santo", in Tilgráfica SA (Ed.), *As festas do Espírito Santo nos Açores: Um estudo de antropologia social*, Publicações Dom Quixote, Lda., Lisboa, pp. 239 – 255.

Link (1999), "DGT Inventário de Recursos Turísticos, um instrumento de planeamento estratégico" disponível em: <http://www.link.pt/upl/%7B2c15963a-3ee1-4dcc-9d49-497126a122d6%7D.pdf>, (acedido a 10 de Maio de 2011).

Loulanski, T. e Loulanski, V. (2011), "The sustainable integration of cultural heritage and tourism: a meta- study", *Journal of Sustainable Tourism*, Vol. 19 No. 7, pp. 837-862.

Macdonald, S. (1997), "A People's Story: Heritage, Identity and Authenticity", in Rojek, C. e Urry, J. (Ed.), *Touring Cultures, transformations of Travel and Theory*, Routledge, New York, NY, pp. 156-175.

- McDonnel, I. e Burton, C. (2006), “The marketing of Australian cultural tourist attractions: a case study from Sydney”, in Sigala, M. e Leslie, D. (Ed.), *International Cultural Tourism: management, implications and cases*, Elsevier, Oxford, UK, pp. 17-25.
- Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada, Ponta Delgada.
- Mello, J. (2008) *Presépios na Ilha de São Miguel Séculos XVIII-XIX*, Publiçor Editores, Ponta Delgada.
- Menezes, A., Moniz, A. e Vieira J. (2008), “The determinants of length of stay of tourists in the Azores”, *Tourism Economics*, Vol. 14 No. 1, pp. 205-222.
- Ministério da Cultura, Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (2008), “Economia da cultura: nota estatística” disponível em: <http://www.gpeari.pt/>, (acedido a 23 de Março de 2011).
- Moniz, A. (2009), *A Sustentabilidade do Turismo em Ilhas de Pequena Dimensão: o Caso dos Açores*, Centro de Estudos de Economia Aplicada do Atlântico, Ponta Delgada.
- Moreira, H. (2000a), “A queda da imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres”, in Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres (Ed.), *O Convento de Nossa Senhora da Esperança - Imagem e Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres - Colectânea de artigos*, Ponta Delgada, pp. 233-236.
- Moreira, H. (2000b), “A primeira procissão do Senhor Santo Cristo”, in Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres (Ed.), *O Convento de Nossa Senhora da Esperança - Imagem e Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres - Colectânea de artigos*, Ponta Delgada, pp. 297-300.
- Nunes, J.,C, J.P Constância, M.P. Costa, P.Barcelos, P.A.V Borges, F.Ferreira, (2011) *Roteiro das Cavidades Vulcânicas dos Açores*, Associação Os Montanheiros e GESPEA, Angra do Heroísmo.
- Opptiz, W.(1998), “Cultural and sightseeing Tourism- Chances and Risks of a Market Segment”, *World Leisure & Recreation*, Vol. 40, No. 3, pp. 16-18.
- Organização Mundial do Turismo (2000), “Conferência sobre o desenvolvimento sustentável do Turismo Cultural em Dezembro de 2000 no Cambodja” disponível em: <http://pub.unwto.org/WebRoot/Store/Shops/Infoshop/Products/1240/1240-1.pdf>, (acedido a 28 de Março de 2011).
- Organização Mundial do Turismo (2010), *Joining Forces- Collaborative Processes for Sustainable and Competitive Tourism*, OMT, Madrid.

Pavão, J. (1981), “Aspectos Populares Arcaizantes do Falar de S.Miguel”, in Secretaria Regional da Educação e Cultura (Ed.), *Aspectos Populares Micaelenses*, Angra do Heroísmo, pp. 57 –107.

Peña, D. (2002), “Análisis de Datos Multivariantes”, Concepción Fernández (Ed.), *Análisis de Correspondencias*, McGraw-Hill Interamericana de España, pp. 193-217.

Pintor Domingos Rebêlo (2011), “Biografia de Domingos Rebêlo (1891 – 1975): A Infância”, disponível em: <http://domingosrebello.com/?p=432>, acedido a 27 de Outubro de 2011.

Quivy,R. e Campenhoudt, L. (2008), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2ª edição, Gradiva, Lisboa.

Rego, V. e Sousa, N. (2000), *Calçada Artística nos Passeios de Ponta Delgada*, Açores - Criações Tur’Arte, Ponta Delgada.

Rodrigues, J. (2003), “Terceira Parte Capítulo 1. Casa e Família, 2. Casas brasonadas, quintas e ermidas” in Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ed.), *São Miguel no século XVIII: Casa, Elites e Poder*, Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada, pp.551-576.

Sarmento, J. (2004), *Representação, Imaginação e Espaço Virtual: Geografias de Paisagens Turísticas em West Cork e nos Açores*, (Tese de Doutoramento, Universidade de Cork, 2001).

Presidência do Governo Regional dos Açores (2005), *Roteiro dos Museus dos Açores*, Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada.

Silvano, F. (2010), *Antropologia do Espaço*, Assírio & Alvim, Lisboa.

Sousa, N. (1986), *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Sousa, N., Oliveira, A. e Oliveira, M. (2006), *Igreja do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada: Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado*, Direcção Regional da Cultura, Angra do Heroísmo.

Teatro Micaelense (2007), “Serviço Educativo “, disponível em: <http://www.teatromicaelense.pt/>, acedido a 1 de Agosto de 2011.

Turismo de Portugal (2007), *Plano Estratégico Nacional do Turismo*, Turismo de Portugal IP, Lisboa.

Turismo de Portugal (2011), “Plano Estratégico Nacional do Turismo, propostas para a revisão no horizonte 2015- versão 2.0” disponível em:

http://www.turismodeportugal.pt/Português/turismodeportugal/Documents/PENT_Revisão.pdf,
(acedido a 10 de Março).

Urry, J. (1997a), "Time and Space in the Consumption of Place", in Rowe, A. (Ed.), *Consuming Places*, Routledge, New York, NY, pp. 1-30.

Urry, J. (1997b), "Tourism, Travel and the Modern Subject", in Rowe, A. (Ed.), *Consuming Places*, Routledge, New York, NY, pp. 141-162.

8. Anexos

Anexo 1. Inventário dos Recursos Turísticos Culturais e Paisagísticos do Centro Histórico de Ponta Delgada

Tipologia	Categorias	Recurso	Localização	Capacidade Atractiva	Singularidade	Notoriedade
1. Património Cultural e Histórico	1.1 Património cultural imóvel (Inventário do Património Imóvel dos Açores)					
	unidades paisagísticas construídas	Palácio do Canto	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
		Clube Micaelense	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
		Casa Real João Borges e Medeiros	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
		Solar dos Faria e Castro	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
		Casa e Ermida de São Joaquim	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
		Solar dos Bicudos	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
		Solar de Santa Catarina	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
	conjuntos edificados	sistemas urbanos povoações	Centro Histórico de Ponta Delgada	Regional	Média	Média
	conjuntos de edifícios ou de outras construções					
	edifícios isolados					
	arquitectura doméstica	Casa de Domingos Rebelo	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
		Portas da Cidade	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Média
		arquitectura pública civil	Paços do Concelho	Centro Histórico	Regional	Média

		PDL			
	Igreja do Colégio dos Jesuítas		Regional	Bom na classe	Elevada
	Igreja Paroquial da Matriz de S. Sebastião	Centro Histórico PDL	Regional	Bom na classe	Elevada
	Igreja Paroquial de S. Pedro	Centro Histórico PDL	Regional	Bom na classe	Elevada
	Igreja Paroquial de S. José	Centro Histórico PDL	Regional	Bom na classe	Elevada
	Igreja do Convento de Nossa Senhora da Esperança	Centro Histórico PDL	Internacional	Bom na classe	Elevada
	Igreja do Convento de Santo André	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Média
arquitectura religiosa	Igreja de Nossa Senhora do Carmo	Centro Histórico PDL	Local	Média	Média
	Ermida de Santa Ana	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
	Igreja de Santa Bárbara	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
	Ermida da Mãe de Deus	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
	Ermida do Desterro	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
	Ermida de São Brás	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
	Convento da Graça	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
arquitectura militar	Forte de S. Brás	Centro Histórico PDL	Local	Média	Média
construção utilitária (infra- estruturas e mobiliário) agrária, piscatória e de produção artesanal					
arquitectura industrial	Fábrica Melo Abreu	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca
aquedutos e pontes					
estradas e mirantes	Calçada artística nos passeios de Ponta Delgada	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca

elementos isolados ou pontuais
 vestígios arqueológicos

1.2 Património cultural móvel (Lei de Bases do Património Cultural nº 107/2001)

espécies artísticas

presépios

Presépios dos séculos XVIII-XIX

Centro Histórico
 PDL

Local

Média

Fraca

estátuas/bustos

Estatuária Micaelense
 Registos do Senhor Santo Cristo dos
 Milagres

Centro Histórico
 PDL

Local

Média

Fraca

etnográficas

Trajo característico do Folclore
 Micaelense

Centro Histórico
 PDL

Regional

Bom na classe

Elevada

científicas e técnicas

Viola da Terra

Centro Histórico
 PDL

Local

Bom na classe

Fraca

espécies arqueológicas

arquivísticas

Centro Histórico
 PDL

fundos

coleções bibliográficas

Livraria particular de Antero de
 Quental
 Livraria particular de Ernesto do
 Canto

Centro Histórico
 PDL

Local

Bom na classe

Fraca

Livraria particular de José do Canto

Centro Histórico
 PDL

Local

Bom na classe

Fraca

fotográficas

fonográficas

cartográficas

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

Museu Carlos Machado	Centro Histórico PDL	Regional	Bom na classe	Média
Centro Municipal de Cultura	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Média
Galeria Fonseca Macedo	Centro Histórico PDL	Regional	Bom na classe	Média
Academia das Artes dos Açores	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Média
Coliseu Micaelense	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Média
Teatro Micaelense	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Média
Instituto Cultural de Ponta Delgada	Centro Histórico PDL	Local	Média	Fraca

1.4 Bens imateriais (Convenção para a salvaguarda do Património Cultural e Imaterial UNESCO)

Tradições e expressões orais Artes do espectáculo folclore filarmónicas grupos de cantares populares orquestras Práticas sociais, rituais e eventos festivos	Linguajar micaelense	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Fraca
--	----------------------	-------------------------	----------	-------	-------

2. Património Natural e Paisagístico (R.A.A)
Plano de Ordenamento Turístico da










<p>religiosas</p> <p>Conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo</p> <p>gastronomia</p> <p>Aptidões ligadas ao artesanato tradicional</p> <p>Bordados</p>	Festas do Divino Espírito Santo	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Média	
	Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres	Centro Histórico PDL	Internacional	Bom na classe	Elevada	
	Romarias Quaresmais	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Fraca	
	Cozinha Tradicional	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Fraca	
	Bordado a Matiz	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Fraca	
	Vales					
	Serras					
Praias						
Baías						
Lagoas						
Ribeiras						
Cascatas						
Fajãs						
Fenómenos Naturais						
Elementos Singulares e Monumentos Naturais	Gruta do Carvão (cavidade vulcânica)	Centro Histórico PDL	Regional	Bom na classe	Média	
Piscinas Naturais						
Parques e Jardins Públicos	Jardim José do Canto	Centro Histórico	Regional	Bom na classe	Média	

		PDL			
	Jardim de Santana	Centro Histórico PDL	Regional	Bom na classe	Média
	Jardim António Borges	Centro Histórico PDL	Regional	Bom na classe	Média
	Jardim Sena Freitas	Centro Histórico PDL	Regional	Média	Média
	Jardim do Campo Mártires da Pátria	Centro Histórico PDL	Local	Média	Média
	Jardim Antero de Quental	Centro Histórico PDL	Local	Média	Média
	Alameda Duque de Bragança/Relvão	Centro Histórico PDL	Local	Média	Média
	Jardim da Universidade	Centro Histórico PDL	Local	Bom na classe	Média
	Campo de São Francisco	Centro Histórico PDL	Local	Média	Média

Anexo 2. Síntese do inventário e agregação dos recursos em produtos turísticos.

Recurso	Capacidade Atractiva	Singularidade	Notoriedade
Palácio do Canto	Local	Média	Fraca
Clube Micaelense	Local	Média	Fraca
Casa Real João Borges e Medeiros	Local	Média	Fraca
Solar dos Faria e Castro	Local	Média	Fraca
Casa e Ermida de São Joaquim	Local	Média	Fraca
Solar dos Bicudos	Local	Média	Fraca
Solar de Santa Catarina	Local	Média	Fraca
Centro Histórico de Ponta Delgada	Regional	Média	Média
Casa de Domingos Rebelo	Local	Média	Fraca
Portas da Cidade	Regional	Média	Média
Paços do Concelho	Regional	Média	Média
Igreja do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada	Regional	Bom na classe	Elevada
Igreja Paroquial da Matriz de S. Sebastião	Regional	Bom na classe	Elevada
Igreja Paroquial de S. Pedro	Regional	Bom na classe	Elevada
Igreja Paroquial de S. José	Regional	Bom na classe	Elevada
Igreja do Convento de Nossa Senhora da Esperança	Internacional	Bom na classe	Elevada
Igreja do Convento de Santo André	Regional	Média	Média
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	Local	Média	Média
Ermida de Santa Ana	Local	Média	Fraca
Igreja de Santa Bárbara	Local	Média	Fraca
Ermida da Mãe de Deus	Local	Média	Fraca
Ermida do Desterro	Local	Média	Fraca
Ermida de São Brás	Local	Média	Fraca
Convento da Graça	Local	Média	Fraca
Forte de S. Brás	Local	Média	Média
Fábrica Melo Abreu	Local	Média	Fraca
Calçada artística nos passeios de Ponta Delgada	Local	Média	Fraca
Presépios dos séculos XVIII-XIX	Local	Média	Fraca
Estatuária Micaelense	Local	Média	Fraca
Registos do Senhor Santo Cristo dos Milagres	Regional	Bom na classe	Elevada
Viola da Terra	Local	Bom na classe	Fraca
Livraria particular de Antero de Quental	Local	Bom na classe	Fraca
Livraria particular de Ernesto do Canto	Local	Bom na classe	Fraca
Livraria particular de José do Canto	Local	Bom na classe	Fraca
Museu Carlos Machado	Regional	Bom na classe	Média
Centro Municipal de Cultura	Regional	Média	Média
Galeria Fonseca Macedo	Regional	Bom na classe	Média

Academia das Artes dos Açores	Regional	Média	Média
Coliseu Micaelense	Regional	Média	Média
Teatro Micaelense	Regional	Média	Média
Instituto Cultural de Ponta Delgada	Local	Média	Fraca
Linguajar micaelense	Regional	Média	Fraca
Festas do Divino Espírito Santo	Regional	Média	Média
Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres	Internacional	Bom na classe	Elevada
Romarias Quaresmais	Regional	Média	Fraca
Cozinha Tradicional	Regional	Média	Fraca
Bordado a Matiz	Regional	Média	Fraca
Gruta do Carvão (cavidade vulcânica)	Regional	Bom na classe	Média
Jardim José do Canto	Regional	Bom na classe	Média
Jardim de Santana	Regional	Bom na classe	Média
Jardim António Borges	Regional	Bom na classe	Média
Jardim Sena Freitas	Regional	Média	Média
Jardim do Campo Mártires da Pátria	Local	Média	Média
Jardim Antero de Quental	Local	Média	Média
Alameda Duque de Bragança/Relvão	Local	Média	Média
Jardim da Universidade	Local	Bom na classe	Média
Campo de São Francisco	Local	Média	Média

Legenda	
	Roteiro "Elite Micaelense"
	Roteiro "Recantos da Cidade"
	Roteiro "Agentes Culturais Incontornáveis"
	Roteiro "Arquitectura Religiosa"
	Roteiro "Ermidas Citadinas"
	Roteiro "Coisas da nossa Gente"
	Roteiro "Ambientes Culturais"
	Roteiro "Tradições Religiosas"
	Roteiro "Cultura e Paisagem"

Anexo 3. Fichas de inventário turístico do Centro Histórico de Ponta Delgada

Fichas de inventário¹

DENOMINAÇÃO

Palácio do Canto



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

Imóvel que remonta aos últimos anos do século XVIII de influência barroca. Este palácio recebeu em 1832 a visita de D. Pedro I do Brasil e nasceram aqui figuras influentes da cultura açoriana como Ernesto e José Canto. Presentemente, a sua funcionalidade recai no tribunal de contas. De relevar que existe uma capela com invocação a Nossa Senhora do Amparo com um retábulo do século XVII.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Unidades paisagísticas construídas

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são inexistentes pois não é possível visitá-lo.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

¹ Método de Ferreira, M. R (2005) *Plano Estratégico de Turismo do Município de Santiago do Cacém*.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento importante de visita do património cultural do centro histórico. Situa-se perto do Convento da Graça, actual Academia de Artes que também faz parte do roteiro de património cultural da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros no âmbito turístico e cultural.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Sensibilização junto do proprietário (Governo Regional), para a sua vocação turística.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Clube Micaelense (antiga casa de cidade dos Faria e Maia)



Fonte: Fotografia particular

DESCRIÇÃO

Este imóvel foi em tempos a casa de cidade da família Faria e Maia apresentando uma estrutura de casa de “praça”, sobrada e com quintal. Actualmente é a sede do clube micaelense, que funciona como uma sociedade recreativa com acesso aos respectivos sócios.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Unidades paisagísticas construídas

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são inexistentes pois não é possível visitá-lo, sendo um edifício com acesso restrito.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento importante de visita do património cultural do centro histórico. Situa-se perto da Igreja da Matriz de São Sebastião, das Portas da Cidade e dos Paços do Concelho.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros no âmbito turístico e cultural.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Criar um museu que repercutisse os acontecimentos sociais da elite micaelense no passado e no presente. Assim sendo, a população local e os visitantes podiam ficar a conhecer melhor os aspectos culturais e recreativos da sociedade micaelense.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Rodrigues, J. (2003), “Terceira Parte Capítulo 1. Casa e Família, 2. Casas brasonadas, quintas e ermidas” in Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ed.), *São Miguel no século XVIII: Casa, Elites e Poder*, Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada, pp.551-576.

DENOMINAÇÃO

Casa Real João Soares de Sousa Ferreira Borges e Medeiros



Fonte: Fotografia particular

DESCRIÇÃO

É um imóvel com uma ermida em anexo alusiva a Nossa Senhora de Guadalupe. Através da descrição de Nestor Sousa a sua estrutura de casa apalaçada com um andar nobre destacando-se as suas janelas de sacada.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Unidades paisagísticas construídas

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é razoável a julgar pela sua fachada exterior, apresentando alguns sinais de degradação

A apresentação e interpretação turística são inexistentes pois não é possível visitá-lo, sendo um edifício com acesso restrito.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Existem outros pontos de interesse que se situam nas suas proximidades como os Paços do Concelho, as Portas da Cidade e a Igreja da Matriz.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros no âmbito turístico e cultural.

ACÇÕES RECOMENDADAS

A sua localização é estratégica sendo propícia para a vocação turística ou então para servir a comunidade através dos organismos oficiais, de forma a facilitar a preservação do imóvel.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Rodrigues, J. (2003), “Terceira Parte Capítulo 1. Casa e Família, 2. Casas brasonadas, quintas e ermidas” in Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ed.), *São Miguel no século XVIII: Casa, Elites e Poder*, Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada, pp.551-576.

DENOMINAÇÃO

Solar dos Faria e Maia



Fonte: Fotografia particular

DESCRIÇÃO

Casa datada do século XVIII, na rua do contador concentrando em si na altura o solar, um pátio e quintais, ou seja, espaços verdes jardins sendo estes de especial destaque.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Unidades paisagísticas construídas

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são inexistentes pois não é possível visitá-lo, tendo sido ocupado por organismos governamentais.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se perto do Museu Carlos Machado, do núcleo museológico de Santa Bárbara e do Instituto Cultural de Ponta Delgada.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros no âmbito turístico e cultural, pois actualmente foi aproveitado para uma instituição privada de solidariedade e para um jardim-de-infância.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Criar um roteiro que englobe as casas, quintas brasonadas como forma de conhecer o passado nobiliárquico da sociedade micalense ou então criar programas de incentivos para alojamento turístico patrimonial e histórico como forma de assegurar a sua requalificação.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Rodrigues, J. (2003), “Terceira Parte Capítulo 1. Casa e Família, 2. Casas brasonadas, quintas e ermidas” in Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ed.), *São Miguel no século XVIII: Casa, Elites e Poder*, Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada, pp.551-576.

DENOMINAÇÃO

Casa e Ermida de São Joaquim



Fonte:
skyscrapercity.com

DESCRIÇÃO

Este imóvel pertence de acordo com as suas características ao segundo quartel de setecentos, no final deste século a casa e a ermida pertenciam a José de Gomes de Matos, cavaleiro da Ordem de Cristo.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Unidades paisagísticas construídas

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são inexistentes pois não é possível visitá-lo, sendo propriedade privada.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se perto do Palácio de Santana e do Jardim José do Canto.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros no âmbito turístico e cultural.

ACÇÕES RECOMENDADAS

No dia em que se comemora o dia Mundial da Cultura por exemplo podia abrir-se uma excepção e seria possível facilitar uma visita guiada aos imóveis que em tempos presenciaram as tradições da elite micaelense.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Rodrigues, J. (2003), “Terceira Parte Capítulo 1. Casa e Família, 2. Casas brasonadas, quintas e ermidas” in Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ed.), *São Miguel no século XVIII: Casa, Elites e Poder*, Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada, pp.551-576.

DENOMINAÇÃO

Solar dos Bicudos



Fonte:

<http://www.pousadasjuvacoeres.com>

DESCRIÇÃO

O Solar dos Bicudos possui uma ermida alusiva à Nossa Senhora do Parto ostentando também um brasão referente ao seu proprietário de então Pedro Borges Bicudo da Câmara. Actualmente o imóvel foi reabilitado e é o edifício da Pousada da Juventude.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Unidades paisagísticas construídas

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, boa de automóvel fácil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são inexistentes, apesar de funcionar como alojamento turístico.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se perto de vários pontos de interesse cultural e Paisagístico como a ermida do Desterro, A Igreja da Nossa Senhora do Carmo, do Largo Mártires da Pátria, do Centro Municipal da Cultura e do Jardim Padre Sena Freitas.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros no âmbito turístico e cultural.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Adicionar uma vertente cultural histórica criando uma linguagem histórica adoptada para os jovens de forma a criar valor acrescentado viabilizando o passado histórico do imóvel partilhando com os hóspedes do mundo actual.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Rodrigues, J. (2003), “Terceira Parte Capítulo 1. Casa e Família, 2. Casas brasonadas, quintas e ermidas” in Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ed.), *São Miguel no século XVIII: Casa, Elites e Poder*, Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada, pp.551-576.

DENOMINAÇÃO

Solar de Santa Catarina



Fonte:

<http://www.exercito.pt/EP/Paginas/monumentos.aspx>

DESCRIÇÃO

Este solar segundo a investigação de José Rodrigues, admite-se a hipótese de a sua construção reportar ao século XVIII tendo uma ermida anexada com invocação a Santa Catarina de Sena com o respectivo brasão de todas as famílias que foram proprietárias no decorrer dos tempos, como os Rebelos, os Castros, os Câmaras e os Borges. Actualmente é utilizado pelo Comando Militar dos Açores.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Unidades paisagísticas construídas

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom, mas apresenta já indícios de degradação.

A apresentação e interpretação turística são inexistentes pois não é possível visitá-lo, uma vez que é uma propriedade de regime privado.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se perto do Jardim Padre Sena Freitas, do Campo de São Francisco, do Santuário da Esperança, da Igreja de S. José e do Forte de S. Brás.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros no âmbito turístico e cultural.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Abrir no dia comemorativo de Santa Catarina de Sena ao público com marcação prévia de visitas.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Rodrigues, J. (2003), “Terceira Parte Capítulo 1. Casa e Família, 2. Casas brasonadas, quintas e ermidas” in Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ed.), *São Miguel no século XVIII: Casa, Elites e Poder*, Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada, pp.551-576.

DENOMINAÇÃO

Centro Histórico de Ponta Delgada



Fonte:
<http://cm-pontadelgada.azoresdigital.pt/Default.aspx?Module=Artigo&ID=722>

DESCRIÇÃO

Ponta Delgada foi elevada a cidade em 1546, pelo Rei D.João III no dia 2 de Abril, tornando-se assim na capital da ilha de S.Miguel. Destacam-se ao longo dos séculos até actualmente, a fixação de várias ordens religiosas (séculos XVII e XVIII). No século XIX fica demarcado pela extinção das mesmas e o ordenamento da cidade sofre alterações, pela criação dos primeiros jardins públicos. Na primeira metade do século XX o destaque vai para a urbanização das avenidas. De 1945 em diante a preocupação da cidade viria a recair nos planos de urbanização devido ao crescimento e desenvolvimento da cidade de Ponta Delgada.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Conjuntos Edificados

Sistemas Urbanos

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel fácil estacionamento, dispendo de parques de estacionamento em áreas dispersas.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são um pouco inexistentes pois na sua maioria os monumentos ainda não se encontram vocacionadas para actividade turística.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Dispõe de vários pontos de interesse histórico, natural, arquitectónico.

COMPLEMENTARIDADES

A visita ao centro histórico poderá ser articulada com a Lagarta, comboio turístico que faz visitas aos pontos mais importantes do centro histórico, dispendo de vários circuitos.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros no âmbito turístico e cultural.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Dar enfoque à interpretação turística através de painéis informativos dos principais dados históricos em cada monumento patente no centro histórico. Criar um cartão que facilitasse a visita aos monumentos históricos, incentivando igualmente a actividade económica do comércio local.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Dias, F. (1996), *Ponta Delgada 450 Anos de Cidade*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Casa de Domingos Rebelo



Fonte:

<http://domingosrebelo.com/?p=432>

DESCRIÇÃO

Esta casa situa-se na rua da Arquinha e foi aqui que o célebre pintor micalense Domingos Rebelo viveu durante 25 anos. O quintal foi testemunha de muitas brincadeiras entre Domingos Rebelo e os seus três irmãos. O seu Pai trabalhava na alfândega daí ter surgido o famoso quadro “Os Imigrantes”.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios Isolados

Arquitectura doméstica

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, má de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são inexistentes.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no Centro Histórico de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Nas suas proximidades existem outros pontos interessantes para visitar como o jardim José do Canto e o Palácio de Santana.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros no âmbito turístico e cultural.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Criar um roteiro, recriando os passos e as experiências de Domingos Rebelo.

Falar com o actual proprietário sobre a possibilidade de torná-lo como um Centro Recreativo de Arte.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Portal de Domingos Rebelo, disponível em:

<http://domingosrebelo.com/?p=432>, acedido a 27 de Outubro de 2011.

DENOMINAÇÃO

Portas da Cidade



Fonte:

cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

A sua edificação inicial é datada em 1783, visto que se encontravam a alguma distância do lugar que agora ocupam sendo por isso deslocadas e reconstruídas em inícios da década de 1950, passando por aqui várias personalidades desde figuras régias a presidentes da República. A estrutura é composta por três arcos, cujo central apresenta motivos decorativos mais trabalhados como as armas de Portugal e as do Município de Ponta Delgada.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

Edifícios Isolados

Arquitectura Pública Civil

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são inexistentes pois não existe nenhum painel informativo com os seus factos históricos.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento importante de visita do património cultural do centro histórico. Situa-se perto dos Paços do Concelho, da Igreja Paroquial da Matriz de S. Sebastião e das Portas do Mar.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros no âmbito turístico e cultural.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Apostar e divulgar a potencialidade dos *City Tours*, criando trilhos urbanos.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Paços de Concelho



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

Primeiramente situava-se em frente da igreja matriz. Assim o edifício actual dos Paços de Concelho de Ponta Delgada foi edificado nos finais do século XVII e nos inícios do século XVIII. Na sua estrutura ressalta-se as janelas de avental e na porta central um brasão com as armas do Município, que é um exemplar de estilo Manuelino.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

Edifícios Isolados

Arquitectura Pública Civil

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são inexistentes pois não existe nenhum painel informativo com os seus factos históricos.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento importante de visita do património cultural do centro histórico. Situa-se perto das Portas da Cidade, da Igreja Paroquial da Matriz de S. Sebastião e das Portas do Mar. O rés-do-chão do edifício costuma a receber exposições.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros no âmbito turístico.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Apostar e divulgar a potencialidade dos *City Tours* vitalizando já o roteiro de património cultural elaborado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Igreja do Colégio dos Jesuítas em Ponta Delgada



Fonte:

museucarlosmachado.azores.gov.pt

DESCRIÇÃO

Igreja seiscentista, que remonta ao antigo colégio dos Jesuítas. De realçar o decorativismo barroco na sua fachada e no interior o altar da capela-mor com relevo em talha, destacando-se a abóbada em caixotões, painéis de azulejos alusivos a temáticas e o retábulo que perpetua a época barroca portuguesa mais concretamente o estilo dito joanino.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Elevada**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística só são possíveis a partir do interior. Para ter acesso ao interior da igreja é necessário dirigir-se ao núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada. É utilizada usualmente para concertos líricos e de música erudita.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento importante de visita do património cultural do centro histórico. Situa-se perto de uma instituição ligada à área da cultura a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada e é parte integrante do Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado. Poderá articular-se com eventos temáticos para além dos habituais.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Apostar no consumo da cultura com finalidade turística, neste caso da arte sacra.

Continuar com os trabalhos de restauro e manutenção para não se assistir à sua degradação.

Como igreja com invocação a todos-os-santos pelo facto de assinalar o dia em a primeira pedra da sua construção foi lançada, realizar no princípio do Mês de Novembro um festival de recitais que difundissem o conteúdo histórico da Igreja e da Ordem Religiosa Jesuíta.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e colocação de um painel que facilitasse a interpretação turística com um resumo histórico e dos principais apontamentos que poderão encontrar aquando da visita ao interior.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Sousa, N., Oliveira, A. e Oliveira, M. (2006), *Igreja do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada: Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado*, Direcção Regional da Cultura.

DENOMINAÇÃO

Igreja Paroquial da Matriz de S. Sebastião



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

Edificada posteriormente à ermida de invocação a S. Sebastião, passando a actual igreja por várias obras durante os séculos XVII, XVIII e XIX.

Igreja quinhentista, que representa o gótico português característico do reinado de D. Manuel. Destaca-se o seu portal central de estilo Manuelino e nos laterais predomina o barroco.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e

Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Elevada**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. No que diz respeito à interpretação turística, apesar de ser visitável existe pouca informação, apenas no painel de entrada explicando muito resumidamente.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada, sendo um elemento emblemático na baixa de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento importante de visita do património cultural do centro histórico. Situa-se perto de outros monumentos histórico-culturais que contribuem para a história do concelho como as Portas da Cidade e o Edifício da Câmara Municipal. Já faz parte do roteiro do património cultural elaborado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Aproveitar e dar “vida” ao museu de paramentos que se encontra sem nenhuma utilização conjuntamente com a colocação de um guia local.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e colocação de um painel que facilitasse a interpretação turística com um resumo histórico e dos principais apontamentos que poderão encontrar aquando da visita ao interior.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Sousa, N. (1986), *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*, Universidade dos Açores.

DENOMINAÇÃO

Igreja Paroquial de S. Pedro



Fonte:

cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

Igreja seiscentista sendo posteriormente reconstruída no período joanino entre 1737 e 1748/50 de estilo barroco. De relevar a capela-mor a estrutura mais antiga da igreja, apresentando revestimento em talha dourada barroca.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Elevada**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. No que diz respeito à interpretação turística, apesar de ser visitável existe pouca informação.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada, tendo uma vista destacada da Avenida Infante D. Henrique e das Portas do Mar.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento importante de visita do património cultural do centro histórico. Já faz parte do roteiro do património Cultural da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Apostar na colocação de um guia local, nomeadamente na época alta do turismo e pelas festividades religiosas. Divulgar o roteiro de património cultural já existente.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e colocação de um painel que facilitasse a interpretação turística com um resumo histórico e dos principais apontamentos que poderão encontrar aquando da visita ao interior, pela ausência de um guia local.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Sousa, N. (1986), *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*, Universidade dos Açores.

DENOMINAÇÃO

Igreja Paroquial de S. José



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

Antiga igreja do convento dos Franciscanos, que em 1834 passou a paroquial da freguesia de S. José com a extinção das ordens religiosas. A capela-mor apresenta uma abóbada de caixotões rectangulares com elementos floralistas, nas paredes realçam-se os azulejos alusivos a temáticas religiosas. A talha dos retábulos dos altares destaca-se pela sua ornamentação abundante de querubins, cachos de uva, folhagens e flores.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Elevada**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel fácil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. No que diz respeito à interpretação turística, apesar de ser visitável existe pouca informação.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada, tendo vista privilegiada para o Campo de São Francisco.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento importante de visita do património cultural do centro histórico. Situa-se perto de outros elementos que fazem parte do roteiro do património Cultural da Câmara Municipal de Ponta Delgada, como o Santuário do Convento da Esperança e o Forte de S. Brás.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Apostar na colocação de um guia local, nomeadamente na época alta do turismo e pelas festividades religiosas. Divulgar o roteiro de património cultural já existente.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e colocação de um painel que facilitasse a interpretação turística com um resumo histórico e dos principais apontamentos que poderão encontrar aquando da visita ao interior, pela ausência de um guia local.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Sousa, N. (1986), *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*, Universidade dos Açores.

DENOMINAÇÃO

Igreja do Convento de Nossa Senhora da Esperança



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

A sua capela – mor encontra-se revestida de talha barroca de estilo nacional, destacando-se os panos de azulejos alusivos à história da virgem. De relevar também ao longo da nave até ao coro baixo os painéis que figuram a construção do coro baixo para o Senhor Santo Cristo dos Milagres perpetuando a sequência dos acontecimentos.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Internacional**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Elevada**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel fácil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. No que diz respeito à interpretação turística, apesar de ser visitável existe pouca informação.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada, tendo vista privilegiada para o Campo de São Francisco.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento importante de visita do património cultural do centro histórico. Situa-se perto de outros elementos que fazem parte do roteiro do património Cultural da Câmara Municipal de Ponta Delgada, como o Santuário do Convento da Esperança e o Forte de S. Brás.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Apostar na colocação de um guia local, nomeadamente na época alta do turismo e pelas festividades religiosas. Divulgar o roteiro de património cultural já existente.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e colocação de um painel que facilitasse a interpretação turística com um resumo histórico e dos principais apontamentos que poderão encontrar aquando da visita ao interior, pela ausência de um guia local, visto que é uma das igrejas que mais visitantes recebe por ter no seu coro baixo a imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Sousa, N. (1986), *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*, Universidade dos Açores.

DENOMINAÇÃO

Igreja do Convento de Santo André



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

As igrejas conventuais concentram o seu destaque na capela-mor. Assim sendo, neste caso a Igreja de Santo André transpõe já alguma modernidade devida à sua reconstrução oitocentista, apresentando um retábulo mais simplista. No seu exterior, o frontispício destaca-se as três janelas com apontamentos barrocos nas volutas, acantos e entrelaços.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel fácil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. Actualmente encontra-se fechada pois o Museu Carlos Machado está em obras sendo impossibilitada a sua visita.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada. Alusão a vários aspectos culturais locais.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento importante de visita do património cultural do centro histórico. Situa-se perto de outros elementos que fazem parte do roteiro do património Cultural da Câmara Municipal de Ponta Delgada, como a ermida de Santa Bárbara, a Igreja do Colégio e Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Continuar com a remodelação pois a cultura é um bem a preservar que faz parte da identidade de uma nação. Divulgar o roteiro de património cultural já existente.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Apostar também na captação de visitas por parte dos residentes, promovendo aos fins-de-semana actividades como por exemplo “uma tarde no museu” para que a própria população tenha conhecimento dos seus aspectos culturais.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Sousa, N. (1986), *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*, Universidade dos Açores.

DENOMINAÇÃO

Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

Igreja integrante do antigo convento de Nossa Senhora da Conceição, sendo depois transformado em Palácio do Governo Regional. No século XVIII a igreja foi reconstruída demonstrando traços do estilo barroco denotando-se no retábulo da capela-mor a presença da talha dourada. No exterior, o frontispício devido à sua ornamentação corresponde igualmente ao barroco com volutas concheadas e medalhões.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. No que diz respeito à interpretação turística, é inexistente pois não apresenta nenhuma informação nem está aberta ao público.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento importante de visita do património cultural do centro histórico. Situa-se perto de outros elementos que fazem parte do roteiro do património Cultural da Câmara Municipal de Ponta Delgada, como a igreja do Colégio e o convento da Nossa Senhora da Esperança.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Apostar na colocação de um guia local, nomeadamente na época alta do turismo e pelas festividades religiosas. Divulgar o roteiro de património cultural já existente.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e colocação de um painel que facilitasse a interpretação turística com um resumo histórico e dos principais apontamentos que poderão encontrar aquando da visita ao interior, pela ausência de um guia local e conseguir que a mesma esteja aberta ao público.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Sousa, N. (1986), *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*, Universidade dos Açores.

DENOMINAÇÃO

Ermida de Santa Ana



Fonte: pt.wikipedia.org

DESCRIÇÃO

Ermida de recolhimento feminino, muito simples destacando-se o seu exterior de expressão barroca.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. No que diz respeito à interpretação turística, é inexistente pois não apresenta nenhuma informação nem está aberta ao público.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Elemento que faz referência ao recolhimento feminino. Situa-se perto de outros elementos com potencial turístico como o Jardim do Canto.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Vitalizar o imóvel na vertente turística de modo a facilitar a sua interpretação, pois mesmo os locais não têm conhecimento que era uma ermida de recolhimento.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e colocação de um painel que facilitasse a interpretação turística com um resumo histórico e dos principais apontamentos que poderão encontrar aquando da visita ao interior, pela ausência de um guia local e conseguir que a mesma esteja aberta ao público.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Sousa, N. (1986), *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*, Universidade dos Açores.

DENOMINAÇÃO

Igreja de Santa Bárbara



Fonte:
museucarlosmachado.azores.gov.pt

DESCRIÇÃO

A edificação da actual igreja de Santa Bárbara situa-se posterior a 1737 e antes de 1743. No seu interior é notável os seus retábulos de talha joanina, a representação da morte de S. José um baixo relevo que fica no nicho central demonstrando uma execução barroca.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel fácil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. No que diz respeito à interpretação turística, poderá ser feita através do núcleo museológico do Recolhimento de Santa Bárbara.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

É parte integrante do núcleo museológico de Recolhimento de Santa Bárbara, tutelado pelo Museu Carlos Machado.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

As obras de restauro encontram-se concluídas, sendo agora um espaço destinado à realização de concertos, palestras e cursos.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação deste novo instrumento cultural, alertar os visitantes e os residentes para a existência da Igreja em questão e do seu núcleo museológico que é uma mais-valia para a oferta cultural dos Açores.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Sousa, N. (1986), *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*, Universidade dos Açores.

DENOMINAÇÃO

Ermida da Mãe de Deus



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

Ermida em honra de Nossa Senhora da Mãe de Deus. A sua reconstrução remonta a meados do século XX, sendo esta um templo barroco.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Média a pé, má de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. No que diz respeito à interpretação turística, é inexistente pois não contém nenhuma informação no exterior, estando fechada para visitas.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada e é um dos melhores miradouros da cidade.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se perto da Universidade dos Açores, que também é uma atracção turística em termos culturais e naturais.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Não existe nenhum plano de vitalização.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e vitalização da zona envolvente, tornar o edifício apto para interpretação turística, uma vez que está inserido no roteiro de património cultural elaborado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Ermida do Desterro



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

Ermida de estilo barroco sofrendo alterações no século XVIII. Na sua capela-mor destaca-se um baixo-relevo alusivo à fuga da Sagrada Família para o Egipto.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. No que diz respeito à interpretação turística, é inexistente pois não contém nenhuma informação no exterior, estando fechada para visitas.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se perto da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que também está incluída no roteiro de património cultural da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Não existe nenhum plano de vitalização, desconhece-se algum projecto futuro.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e tornar o edifício apto para interpretação turística, uma vez que está inserido no roteiro de património cultural elaborado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Ermida de São Brás



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

Ermida em honra a São Brás, mas vulgarmente mais conhecida por ermida de Santa Luzia, por ter uma imagem desta.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. No que diz respeito à interpretação turística, é inexistente pois não contém nenhuma informação no exterior mas costuma estar aberta ao público.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se perto da Igreja Paroquial da Matriz de S. Sebastião, que é mais um elemento a considerar no roteiro do património cultural da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Não existe nenhum plano de vitalização, desconhece-se algum projecto futuro.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e tornar o edifício apto para interpretação turística, uma vez que está inserido no roteiro de património cultural elaborado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Convento da Graça



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

Primeiramente funcionou como convento e depois da extinção das ordens religiosas (1834), teve aqui lugar o Liceu de Ponta Delgada, cujo Antero Quental e Teófilo de Braga foram alunos.

Presentemente, tem lugar a Academia de Artes. No seu exterior ainda são visíveis elementos barrocos.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura religiosa

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação turística é boa. No que diz respeito à interpretação turística, não existe nenhuma informação no exterior, mas encontra-se aberta ao público.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se perto do Palácio do Canto, que é mais um elemento a considerar no roteiro do património cultural da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Não existe nenhum plano de vitalização, desconhece-se algum projecto futuro.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e tornar o edifício apto para interpretação turística, uma vez que está inserido no roteiro de património cultural elaborado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Forte de S. Brás



Fonte:
cm-pontadelgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

A ordem de construção partiu de D.João III ao longo da campanha de 1667. A sua finalidade consistiu em proteger a cidade de Ponta Delgada e assegurar as rotas comerciais dos ataques dos piratas e corsários ingleses, franceses e argelinos. A estrutura assenta num forte abaluartado, sendo a sua construção de base quadrangular com quatro baluartes nos cantos.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Edifícios isolados

Arquitectura militar

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, boa de automóvel fácil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação é boa. No que diz respeito à interpretação turística, é facilitada pelo facto de ser também o Museu Militar dos Açores.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se perto da igreja de S. José e do Santuário da Esperança. Acresce ainda o facto de o imóvel ser o Museu Militar dos Açores e ser a sede do Comando da Zona Militar dos Açores.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Não existe nenhum plano de vitalização, desconhece-se algum projecto futuro.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgar o Museu Militar através de iniciativas temáticas para captar a atenção dos turistas e da população residente.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Fábrica Melo Abreu



Fonte:
<http://www.meloabreu.com/>

DESCRIÇÃO

João Melo Abreu foi o responsável pela criação da Fábrica de cervejas e refrigerantes João Melo Abreu, Lda. em 1880. Destaca-se na história da fábrica, o navio Funchal da então empresa Insulana de Navegação tendo sido o primeiro navio a servir refrigerantes da Melo Abreu em Agosto de 1891. A visita régia de D. Carlos e D. Amélia aos Açores em 1901, em que o Rei frisou bem a qualidade da cerveja micaelense. Ganhou inúmeros prémios regionais e internacionais pela qualidade da sua cerveja e da kima (refrigerante de maracujá).

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Construção utilitária (infra-estruturas e mobiliário)

Arquitectura industrial

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, boa de automóvel fácil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação é boa. No que diz respeito à interpretação turística, é inexistente, estando aberta apenas para uso laboral.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se em frente do Coliseu Micaelense, perto de outros monumentos históricos como o Convento da Esperança, a igreja de S.José e o Forte de S.Brás.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Não existe nenhum plano de vitalização, desconhece-se algum projecto futuro.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Apostar na interpretação turística, na vertente de Turismo Industrial, podendo os visitantes perceber como funciona a fábrica e mais tarde a oportunidade de experimentar os produtos, estando disponíveis para venda.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Ferreira, M. (1993) *Os Cem Anos da Melo Abreu*, Coingra, Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Calçada Artística nos passeios de Ponta Delgada



Fonte: Fotografia particular

DESCRIÇÃO

O mosaico português ou empedrado artístico à portuguesa com motivos decorativos remonta á década oitocentista romana. No caso de Ponta Delgada o empedrado artístico é alusivo ao século vinteco. A técnica usada no mosaico artístico local assenta num desenho prévio em molde de madeira sendo depois aplicado no passeio após ter sido coberto de areão e polvilhado com cal. Nestes destaca-se o uso da pedra local de basalto e o calcário branco para a aplicação em zonas menos extensas, salvo raras excepções.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

Construção utilitária (infra-estruturas e mobiliário)

Estradas e Mirantes

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, pois o centro histórico de Ponta Delgada está repleto de exemplares.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação é boa. No que diz respeito à interpretação turística, é inexistente, não havendo nenhuma explicação aos motivos geométricos nem às técnicas utilizadas.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

O decorativismo no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Nos *City Tours* são elementos integrantes e poderão ser alvo de referência contribuindo para uma experiência mais enriquecedora.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Não existe nenhum plano de vitalização, desconhece-se algum projecto futuro.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Apostar na interpretação turística, para não cair em desuso e atenuar a tendência de pavimentar com alcatrão levando à perda de elementos culturais e à adulteração da cultura local.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Rego, V. e Sousa, N. (2000), *Calçada Artística nos Passeios de Ponta Delgada*, Açores - Criações Tur'Arte.

DENOMINAÇÃO

Presépios dos séculos XVIII-XIX



Fonte: Fotografia particular

DESCRIÇÃO

O século XVIII fica demarcado como o século do presépio de acordo com Diogo Macedo. No centro histórico de Ponta Delgada pertencem a este século, o presépio da Igreja São José, o de Jorge Gamboa, no museu Carlos Machado e o presépio do coro alto também no museu Carlos Machado. No que respeita ao século XIX, o presépio da Igreja da Matriz de São Sebastião corresponde às características do século em questão.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

Espécies artísticas

Presépios

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Ambos os acessos são bons a pé, médios de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação é boa. No que respeita à sua interpretação turística não é facilitada visto que no local denota-se a ausência de um guia, ou de um intermediário que possa difundir a informação. No caso do museu Carlos Machado a interpretação é facilitada.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

A sua localização é privilegiada encontrando-se no centro histórico de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderão ser articulados num roteiro que foque o turismo religioso, promovendo o trabalho de artesãos locais.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros neste âmbito.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Organizar e apostar na formação dos artesãos, de ofícios antigos para manter a cultura açoriana erudita fazendo um interface entre cultura e turismo.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (2008) *Presépios na Ilha de São Miguel Séculos XVIII-XIX*, Publiçor Editores, Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Estatuária Micaelense



Fonte:

<http://estatuaria-micaelense.blogspot.com/>

DESCRIÇÃO

Nas três freguesias que compõem o centro histórico de Ponta Delgada (São José, São Pedro e São Sebastião) detêm ao todo 57 elementos estatuários e bustos. As figuras que constituem tal homenagem devem-no pelo facto de terem prestado o seu contributo para o desenvolvimento dos Açores.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

Espécies artísticas

Estátuas/Bustos

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Ambos os acessos são bons a pé, médios de automóvel estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A sua apresentação é boa. No que respeita à sua interpretação turística não é facilitada visto que no local denota-se a ausência de um guia, ou de um intermediário que possa difundir a informação, apesar de muitos locais serem de livre acesso. No caso de estátuas e bustos em instituições culturais a interpretação é sempre mais facilitada por alguma informação disponível no espaço envolvente.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

A sua localização é privilegiada encontrando-se no centro histórico de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderão ser articulados num roteiro que foque as figuras que contribuíram para o desenvolvimento do arquipélago dos Açores.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros neste âmbito. No entanto existe já um roteiro de figuras no tempo republicano.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Organizar e apostar mesmo junto da população local roteiros para aprofundarem o conhecimento das raízes açorianas e o contributo do passado que nos ajudou a chegar ao presente de hoje.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Freitas, J., Freitas, R. (2007), *Estatuária Micaelense*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Registos do Senhor Santo Cristo dos Milagres.



Fonte:

<http://www.acorianooriental.pt/noticias/view/216030>

DESCRIÇÃO

Peça de artesanato que homenageia a imagem religiosa micaelense do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Consiste numa estampa da imagem sagrada (remonta ao início do século XIX), concebida a preto com a Madre Teresa da Anunciada ajoelhada e o artesão ornamenta com diversos tipos de flores de penas, de papel e de seda incluindo também frutos de cera.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

Etnográficas

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Elevada**

ACESSIBILIDADES

Encontra-se acessível para venda nas lojas tradicionais açorianas.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom, pois existem vários cursos que promovem esta arte.

A apresentação é boa. Por sua vez, a interpretação turística é inexistente, exceptuando-se aquando de exposições e no caso do Museu Carlos Machado.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

É uma tradição, pois antigamente quase todas as casas tinham um Registo do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá ser articulado no roteiro de Turismo Religioso focando o culto e as festividades do Senhor Santo Cristo e numa segunda instância no âmbito do Artesanato Açoriano.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

O Centro de Apoio ao Artesanato organiza mostras de Artesanato Regional.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgar e apostar na interpretação turística deste recurso, pois reflecte um hábito cultural da população micaelense.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Dias, T. (2006), *Registos do Senhor Santo Cristo dos Milagres*, Secretaria Regional da Economia | Centro Regional de Apoio ao Artesanato.

DENOMINAÇÃO

Viola da Terra



Fonte: <http://www.violadaterra.webs.com/>

DESCRIÇÃO

A sua introdução nos Açores em termos datados desconhece-se, mas vários autores afirmam estar relacionada com o povoamento das Ilhas de São Miguel e de Santa Maria. É um elemento que perpetua o património tradicional açoriano, a sua singularidade reside no recorte de dois corações no tampo da caixa sonora, símbolos populares que de acordo com o Padre Ernesto Ferreira representam a saudade, a gratidão, a ternura, o afecto, o amor ou seja, a expressão dos sentimentos do povo micaelense.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

Etnográficas

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa, pois é possível observá-la no museu Carlos Machado como elemento integrante da cultura popular local.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é actualmente bom devido a iniciativas de uma associação local que voltou a incutir o uso do instrumento. No que diz respeito à interpretação turística é quase ausente pois não é muito divulgada enquanto recurso cultural aliado ao turismo.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

É um instrumento popular açoriano, faz parte da identidade cultural local e é uma singularidade etnográfica e técnica do arquipélago.

COMPLEMENTARIDADES

O Centro de Apoio ao Artesanato pode desenvolver competências neste âmbito de modo a certificar este instrumento como produto dos Açores e existe também a Associação de Juventude Viola da Terra.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se projectos futuros, destacando-se a iniciativa da referida Associação o Concerto do I Encontro de Violas Açorianas em Setembro de 2011.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgar e apostar na interpretação turística deste recurso, criando infra-estruturas que possibilitem a fabricação do instrumento, as aulas e cursos de formação desse instrumento para não cair em desuso, pois são as diferenças que distinguem as culturas e posteriormente o destino turístico.

Criar sinergias entre o Centro de Apoio ao Artesanato de modo a assegurar o fabrico do recurso cultural e através da Associação de Juventude Viola da Terra potenciar a promoção da viola açoriana.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Ferreira, M. (1990), *A Viola de Dois Corações*, Ponta Delgada.
Separata do boletim “Despertar”, nº 100 de dez 1989.

DENOMINAÇÃO

Livraria particular de Antero de Quental



Fonte:

<http://cronicas-portuguesas.blogspot.com/2008/02/uma-carta-particular-de-antero-de.html>

DESCRIÇÃO

A 18 de Abril de 1842, Ponta Delgada viu nascer o poeta e o filósofo Antero de Quental, sendo por muitos considerado como o maior dos poetas portugueses depois de Camões. Em 1865 fez parte do movimento revolucionário da literatura “questão Coimbrã”. A 11 de Setembro suicidou-se dizendo a célebre frase “ Já sossega, depois de tanta luta, Já me descansa em paz o coração”. Os seus sonetos dividem-se em 7 temas: expressão lírica do amor - paixão, apostolado social, sentimento pessimista, desejo de evasão, morte, pensamento de Deus, metafísica e voz interior e amor puro, sempiterno.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

Arquivísticas

Colecções Bibliográficas

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

É necessário fazer marcação prévia junto da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom, sendo que na apresentação dos livros predomina o encadernamento de capa dura com fios doirados. A interpretação é inexistente, pois para assimilar alguma informação sobre o autor e as suas obras é necessário recorrer a alguém para facilitar a interpretação turística.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Espólio importante da cultura açoriana, apresentando vários exemplares literários, como também a primeira carta que Antero de Quental escreveu quando tinha 16 anos de idade ao seu irmão, já em forma de soneto.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá ser integrado no actual roteiro que a Direcção Regional da Cultura (DRAC) elaborou de Antero de Quental, como paragem final podendo contemplar as suas obras literárias.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Como já referi a DRAC elaborou recentemente o roteiro cultural, mas falha no sentido de não mencionar a possibilidade de visitar a sua colecção na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (BPARPD).

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgar o roteiro existente e articular o espólio que pode ser visitado na BPARPD, incutindo nas escolas da Ilha e junto do campo turístico em postos de Turismo e Agências de Viagens.

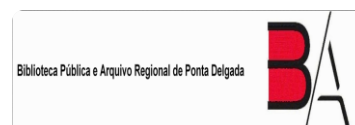
Estabelecer um horário de visitas de modo a facilitar a visibilidade do recurso cultural e a sua interpretação turística.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Portal da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada disponível em: http://www.bparpd.azores.gov.pt/documents/antero_de_quental.html, acedido a 26 de Setembro de 2011.

DENOMINAÇÃO

Livraria particular de Ernesto do Canto



Fonte:

<http://www.bparpd.azores.gov.pt/>

DESCRIÇÃO

Ernesto do Canto nasceu a 12 de Dezembro de 1831 em Ponta Delgada. Prendeu o seu interesse com questões relacionadas com a história dos Açores sendo autor do Arquivo dos Açores, colectânea que envolve vários contributos para a história insular. Por vontade própria doou a sua livraria à Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. A sua livraria contém cerca de 8.000 documentos, sendo que uma parte da documentação encontra-se em depósito.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

Arquivísticas

Colecções Bibliográficas

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

É necessário fazer marcação prévia junto da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

As salas são climatizadas e monitorizadas regularmente, pelo que o estado de conservação é bom. Como já mencionado a falha reside na interpretação, na forma de disponibilizar informação para quem visita, quer seja para escolas, estudiosos, população local e turistas.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Espólio importante da cultura açoriana, facilitador de factos históricos açorianos.

COMPLEMENTARIDADES

Pode ser integrada num roteiro das livrarias particulares, consciencializando a população local para personalidades que contribuíram muito para o desenvolvimento dos Açores.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Pretende-se eliminar a lacuna da interpretação facilitando a assimilação da informação aquando da visita.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Facilitar a interpretação turística e valorizar a cultura local promovendo junto da população residente workshops que permitam o intercâmbio cultural entre gerações mais jovens e adultos, pois existem inúmeros aspectos que nós açorianos desconhecemos enquanto produtores culturais.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Portal da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada disponível em:
http://www.bparpd.azores.gov.pt/documents/antero_de_quental.html, acedido a 26 de Setembro de 2011.

DENOMINAÇÃO

Livraria particular de José do Canto



Fonte:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_do_Canto

DESCRIÇÃO

Na sua livraria particular destaca-se a colecção camoniana e estudos sobre a mesma. É detentor da segunda maior colecção camoniana a nível nacional. Na sua livraria é também possível observar bustos e opúsculos alusivos a Camões e a obras seiscentistas.

A livraria foi adquirida pela Biblioteca em 1982, sendo os móveis originais de José do Canto gravados com as suas próprias insígnias.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

Arquivísticas

Colecções Bibliográficas

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

É necessário fazer marcação prévia junto da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom, no entanto a ausência da interpretação não enriquece e não faz jus ao legado deixado.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Exemplares únicos que podem ser folheados na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Pode ser integrada num roteiro das livrarias particulares com abordagens direccionadas para os vários públicos-alvo como as escolas, os estudiosos e os turistas.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

A inauguração de uma nova sala dedicada à livraria de Teófilo de Braga que já contempla a vertente da interpretação. A longo prazo a preocupação da interpretação poderá ser estendida às livrarias existentes.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgar a existência das livrarias particulares, anunciando o requisito de marcação prévia e como fazemos o pedido de marcação das visitas. A interpretação deverá ser feita na língua materna e em Inglês de forma a “exportar” para as memórias dos viajantes a nossa produção cultural.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Portal da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada disponível em:
http://www.bparpd.azores.gov.pt/documents/antero_de_quental.html, acedido a 26 de Setembro de 2011.

DENOMINAÇÃO

Museu Carlos Machado



Fonte:

<http://www.virtualazores.net/Noticias/mostra.php?nidnot=1102>

DESCRIÇÃO

Inicialmente designado por Museu Açoreano surge no século XIX. Em 1914 o museu assume a designação actual em honra ao seu fundador. A partir de Dezembro de 1934 o museu encontrava-se remodelado para se adaptar às novas funcionalidades. Nas diversas colecções disponíveis ao público estão distribuídas por secções de etnografia regional, de epigrafia e de arquitectura regional, de etnografia conventual e arte religiosa e de ciências naturais.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
- 1.2 Património Cultural Móvel
- 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições**
- 1.4 Bens Imateriais
- 1.5 Eventos
- 2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**
Singularidade **Bom na classe**
Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, visto que se encontra aberto ao público.

No entanto actualmente encontra-se encerrado por motivos de remodelação e ampliação.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada, detendo grande parte do património cultural regional.

COMPLEMENTARIDADES

Fazem parte da mesma instituição o núcleo museológico do Recolhimento de Santa Bárbara e a Igreja do Colégio dos Jesuítas, núcleo de arte sacra.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Actualmente em obras de remodelação e ampliação.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Ajustar a experiência turística ao paradigma actual do turista activo ao invés do turista passivo que não pretende envolver-se e contribuir com algo para a experiência que está a viver.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

(Sem autor), edição presidência do governo regional dos Açores, Direcção Regional da Cultura, 2005 título Roteiro dos Museus dos Açores.

DENOMINAÇÃO

Centro Municipal de Cultura



Fonte:
cm-pontadalgada.azoresdigital.pt

DESCRIÇÃO

O edifício data no século XVII, de arquitectura civil. Actualmente é um Espaço dedicado a exposições e a sessões sendo tutelado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada desde 2002.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
- 1.2 Património Cultural Móvel
- 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições**
- 1.4 Bens Imateriais
- 1.5 Eventos
- 2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**
Singularidade **Média**
Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se perto da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e do Jardim Padre Sena Freitas, que também possuem capacidades atractivas no âmbito cultural e natural.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se possíveis projectos, é um espaço que está só vocacionado para exposições e sessões.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgação e diversificação das actividades culturais para não ficar cingido apenas a exposições.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Mello, J. (s/d), *Roteiro do Património Cultural de Ponta Delgada*, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

DENOMINAÇÃO

Galeria Fonseca Macedo



Fonte:
www.fonsecamacedo.com

DESCRIÇÃO

A galeria iniciou a sua actividade no ano de 2000, tendo como finalidade divulgar a arte contemporânea e promover vários artistas estrangeiros, nacionais e regionais.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
- 1.2 Património Cultural Móvel
- 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições**
- 1.4 Bens Imateriais
- 1.5 Eventos
- 2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**
Singularidade **Bom na classe**
Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, visto que se encontra aberto ao público.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Situa-se perto de vários recursos culturais como o núcleo de arte Sacra do Museu Carlos Machado e a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Sem nenhum projecto de momento que articule o turismo e a cultura.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Apostar numa interligação entre a cultura e o turismo e na divulgação junto dos intervenientes turísticos.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Portal da Galeria Fonseca Macedo disponível em:

<http://www.fonsecamacedo.com/paginainicial.php>, acedido a 21 de Julho de 2011.

DENOMINAÇÃO

Academia das Artes dos Açores



Fonte:

<http://www.viva-agenda.com/local/266/Academia+das+Artes+dos+Açores>

DESCRIÇÃO

Surgiu em Agosto de 1980 como Academia Livre das Artes obtendo a designação actual em 1995. A Academia visa a formação, promoção e divulgação de várias artes plásticas, artesanato, cénicas e musicais. Também organiza eventos culturais e a investigação na área das Artes.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais 1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, visto que se encontra aberto ao público.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá articular-se com eventos culturais e turísticos com várias representações da cultura açoriana.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Sem nenhum projecto de momento que articule o turismo e a cultura.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Apostar numa interligação entre a cultura e o turismo e na divulgação junto dos intervenientes turísticos.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Portal da Academia das Artes dos Açores disponível em:

<http://academiadasartes.no.sapo.pt/ada.html>, acedido a 22 de Julho de 2011

DENOMINAÇÃO

Coliseu Micaelense



Fonte:
<http://www.coliseumicaelense.pt/>

DESCRIÇÃO

Inicialmente denominado Coliseu Avenida, porque a sua estrutura muito se assemelha ao coliseu romano e avenida pela sua localização na avenida Roberto Ivens. Inaugurou-se em 10 de Maio de 1917, este feito foi visto como um progresso para a ilha de S.Miguel. O seu auge vai para os bailes de Carnaval uma tradição da sociedade micaelense. A sua reconstrução em 2004 ficou a dever-se à intervenção da Câmara Municipal de Ponta Delgada. Destaca-se o uso do ferro na sua estrutura e na sua ornamentação.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
- 1.2 Património Cultural Móvel
- 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições**
- 1.4 Bens Imateriais
- 1.5 Eventos
- 2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**
Singularidade **Média**
Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são feitas através do pólo museológico do Coliseu Micaelense, não estando porém aberto ao público todos os dias.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá ser articulado no roteiro a criar para Museus, Centros Culturais e Exposições de modo ao visitante ficar a conhecer o mundo das artes e dos espectáculos micaelenses.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

A projecção de vários eventos de acordo com a agenda cultural do Coliseu Micaelense.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Facilitar a interpretação turística, viabilizando assim um horário menos condicionante para o público podendo igualmente terem uma mini experiência de representação no grandioso palco do Coliseu Micaelense.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

ADIP, (2001) V Fórum Cidadania e Património O Coliseu Micaelense e as Architecturas de Espectáculo, Associação para a Defesa e Investigação para Património, Ponta Delgada.

Coliseu Micaelense disponível em:

<http://www.coliseumicaelense.pt/historia2.asp>, acessido a 1 de Agosto de 2011.

DENOMINAÇÃO

Teatro Micaelense



Fonte:

<http://www.teatromicaelense.pt/quemso-mos.php>

DESCRIÇÃO

O Teatro Micaelense foi edificado em 1865, abriu as suas portas ao público apesar de algumas áreas ainda estarem em fase de construção. É então no dia 25 de Março de 1865 que o Teatro Micaelense funcionou em pleno. Com o incêndio a 9 de Fevereiro de 1930, o teatro ficou reduzido a cinzas e em 1946 tomou-se a decisão de se iniciar nova construção. Em 2001 dá-se a revitalização do mesmo de forma a responder às novas necessidades, tornando-se também um Centro Cultural de Congressos inaugurado a 5 de Setembro de 2004.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
- 1.2 Património Cultural Móvel
- 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições**
- 1.4 Bens Imateriais
- 1.5 Eventos
- 2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

- Capacidade Atractiva **Regional**
- Singularidade **Média**
- Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas quando marcadas com antecedência.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá ser articulado no roteiro a criar para Museus, Centros Culturais e Exposições de modo ao visitante ficar a conhecer o mundo das artes e dos espectáculos micaelenses.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

O conselho de Administração pretende criar um núcleo museológico para que se possa perpetuar o espólio existente.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Divulgar mais o serviço educativo, ou seja os workshops que existem passam um pouco despercebidos à população residente e possivelmente aos turistas, quando existe tanto potencial a explorar.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Dias, H., Figueiredo, G. e Maia, M. (2004) *Teatro Micaelense*, Teatro Micaelense - Centro Cultural e de Congressos, SA, Ponta Delgada.

Portal do Teatro Micaelense disponível em:

<http://www.teatromicaelense.pt/>, acedido a 1 de Agosto de 2011.

DENOMINAÇÃO

Instituto Cultural de Ponta Delgada



Fonte:

<http://www.icpd.pt>

DESCRIÇÃO

Funciona como um centro de preservação do património artístico e cultural do arquipélago. Também tem impulsionado a vertente turística através da promoção dos aspectos naturais, culturais (artísticos, etnográficos e folclóricos). De relevar que é o órgão responsável pela revista carismática “Insvlana”.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
- 1.2 Património Cultural Móvel
- 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições**
- 1.4 Bens Imateriais
- 1.5 Eventos
- 2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Fica perto de outros pontos culturais como o Museu Carlos Machado, o núcleo museológico de Santa Bárbara e de Arte Sacra, a Biblioteca Pública e Arquivo Regional e o Jardim Antero de Quental.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

A agenda cultural do Instituto Cultural está repleta de iniciativas e sugestões.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Acções conjuntas com os outros centros culturais, museus e centro de exposições de forma a promover o património cultural e natural.

Apostar em acções de divulgação junto da população local.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Portal do Instituto Cultural de Ponta Delgada disponível em:

<http://www.icpd.pt>, acedido a 27 de Outubro de 2011.

DENOMINAÇÃO

Linguajar micaelense

"Eh Corisco mal amanhado"

Fonte: Conceção própria

DESCRIÇÃO

A linguagem popular da ilha de São Miguel, caracteriza-se por ser bastante diferente do designado "português continental", no campo fonético devido à nossa pronúncia acentuada no som "u", a nasal "an" e à eliminação da pronúncia do "r" no infinitivo verbal. Existem ainda vários vocabulários populares específicos, como por exemplo o vocabulário sobre agricultura e pecuária.

De relevar que as nove ilhas apresentam dialectos diferentes, contribuindo para esta diversidade o facto da distância e do isolamento a chamada "insularidade".

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
- 1.2 Património Cultural Móvel
- 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
- 1.4 Bens Imateriais**
Tradições e expressões orais
- 1.5 Eventos
2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**
Singularidade **Média**
Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Através do contacto com a população local, ganhando vários conformes consoante a localidade e ilha.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom, apesar de alguns termos arcaicos estarem a cair em desuso, pois a população mais antiga é que recorre mais ao seu uso. A interpretação turística é inexistente.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

A identidade cultural do Destino Açores, 9 ilhas, 9 diversidades.

COMPLEMENTARIDADES

Recurso que passa despercebido, pois não existe nenhuma acção no domínio linguístico que permita a transposição para a linguagem corrente. Poderá ser utilizado em peças de teatros, recriações das tradições antigas e das situações em que se utiliza o vocabulário arcaico.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se algum projecto nesta área.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Viabilizar o recurso imaterial para consumo turístico e divulgação junto da população residente, especialmente nas camadas mais jovens de forma a conhecerem os antepassados da sua linguagem.

Criar um roteiro de aspectos tradicionais “Gentes, usos e costumes”, por exemplo de forma a perpetuar as nossas tradições, ao mesmo tempo que cria emprego em actividades em vias de extinção e reforça a oferta turística e cultural. Seria também interessante fazer um inventário linguístico tradicional açoriano.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Pavão, J. (1981), “Aspectos Populares Arcaizantes do Falar de S.Miguel”, in Secretaria Regional da Educação e Cultura (Ed.), *Aspectos Populares Micaelenses*, Angra do Heroísmo, pp. 57 –107.

DENOMINAÇÃO

Festas do Divino Espírito Santo



Fonte:

<http://www.flickr.com/photos/casimirovalerio/2672859682/>

DESCRIÇÃO

As Festas do Divino Espírito Santo variam consoante as nove ilhas do arquipélago. Estas festividades ocorrem entre as oito semanas que alternam entre a Páscoa e a Trindade. As festas constituem-se através de Domingas e dos Impérios. No caso das Domingas as pessoas reúnem-se em casa do mordomo para rezar ao Divino Espírito Santo. Por sua vez, nos Impérios assiste-se à distribuição das pensões, que são consistem em Pão, Vinho, Carne e Massa Sovada.

No centro Histórico de Ponta Delgada destaca-se o cortejo destas grandes festas com todos os impérios pertencentes ao Concelho de Ponta Delgada que acontece no mês de Julho.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

Práticas sociais, rituais e eventos festivos

Religiosas

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Não se aplica neste caso.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom, tradição que se repercute ao longo do tempo posterior à Pascoa.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas no caso do Centro Histórico de Ponta Delgada, pois visa a captação turística.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Uma tradição açoriana secular.

COMPLEMENTARIDADES

Esta tradição poderá ser divulgada através de exposições de modo aos que nos visitam poderem ter algum conhecimento.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se algum projecto nesta área.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Apostar na interpretação turística, como forma de prevalecer esta tradição motivando a população local a mostrar os seus hábitos culturais, neste caso religiosos.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Leal, J. (1994), "Parte II. Outras Ilhas, Outras Festas", in Tilgráfica SA (Ed.), *As festas do Espírito Santo nos Açores: Um estudo de antropologia social*, Publicações Dom Quixote, Lda., Lisboa, pp. 167 –190.

DENOMINAÇÃO

Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres



Fonte:

<http://www.santo-cristo.com/>

DESCRIÇÃO

O culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres teve na sua devota Madre Teresa da Anunciada a mentora da construção da capela onde hoje se encontra a imagem do Senhor Santo Cristo ficando responsável pelo culto desta. A construção da referida capela resultou das esmolas que as pessoas deixavam à imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Destaca-se o resplendor da imagem pois é uma jóia única em Portugal.

A primeira procissão data-se a 11 de Abril de 1700.

Em 16 de Dezembro de 1713, verifica-se uma procissão sendo impulsionada pelos fiéis que pediram à Madre Teresa Anunciada como forma de cessar os tremores de terra que se haviam sentido. Um aspecto curioso, foi que aquando da procissão a imagem caiu sofrendo poucos danos e os tremores pararam com o acto da queda.

A sua procissão realiza-se no quinto domingo depois da Páscoa, em que o seu circuito faz-se pela passagem próxima de antigos conventos, recolhimentos e igrejas paroquiais.

CATEGORIA

1.1 Património Cultural Imóvel

1.2 Património Cultural Móvel

1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

Práticas sociais, rituais e eventos festivos

Religiosas

1.5 Eventos

2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Internacional**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Elevada**

ACESSIBILIDADES

Não se aplica neste caso.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom, tradição que se repercute ao longo do tempo que antecede a Páscoa, sendo responsável pelas deslocações da comunidade emigrante açoriana.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Uma manifestação religiosa que atrai inúmeros visitantes à ilha de S. Miguel.

COMPLEMENTARIDADES

A programação cultural patente nesta altura das festividades dedicada ao Emigrante no Coliseu Micaelense e os monumentos que se situam na proximidade beneficiam com a afluência das festividades.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se algum projecto nesta área.

ACÇÕES RECOMENDADAS

No tempo das festividades e mesmo durante todo o ano manter uma exposição que explique o culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres de modo a facilitar a interpretação turística e informar que a imagem pode ser visitável às 17:30 no coro baixo do Convento.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Moreira, H. (2000), “A queda da imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres”, in Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres (Ed.), *O Convento de Nossa Senhora da Esperança - Imagem e Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres - Colectânea de artigos*, Ponta Delgada, pp. 233-236.

Moreira, H. (2000), “A primeira procissão do Senhor Santo Cristo”, in Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres (Ed.), *O Convento de Nossa Senhora da Esperança - Imagem e Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres - Colectânea de artigos*, Ponta Delgada, pp. 297-300.

DENOMINAÇÃO

Romarias Quaresmais



Fonte:
<http://azoresgeopark.com/acoes/fe-stividades.php>

DESCRIÇÃO

As romarias verificam-se numa das semanas quaresmais, com objectivo da oração e da penitência percorrendo todas as igrejas e ermidas de invocação a Nossa Senhora. Os grupos que participam são designados por ranchos, constituídos pelos romeiros que levam nas suas mãos um bordão e um terço. A romaria funciona como um retiro espiritual numa época de reflexão como a Quaresma. Os ranchos são formados por freguesia.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
- 1.2 Património Cultural Móvel
- 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

Práticas sociais, rituais e eventos festivos

Religiosas

- 1.5 Eventos
- 2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Não se aplica neste caso.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom, tradição que se repercute ao longo do tempo quaresmal.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas no concelho da Ribeira Grande devido à criação do Projecto Caminho dos Romeiros.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Uma tradição açoriana secular, que percorre vários pontos da ilha de São Miguel.

COMPLEMENTARIDADES

Esta tradição poderá ser divulgada através de exposições de modo aos que nos visitam poderem ter algum conhecimento.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se algum projecto nesta área.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Expandir o projecto Caminho dos Romeiros aos restantes concelhos da Ilha de São Miguel.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Leal, J. (1994), "Parte III. São Miguel: Romarias Quaresmais e Festas do Espírito Santo", in Tilgráfica SA (Ed.), *As festas do Espírito Santo nos Açores: Um estudo de antropologia social*, Publicações Dom Quixote, Lda., Lisboa, pp. 239 – 255.

DENOMINAÇÃO

Cozinha Tradicional



Fonte:

<http://permanentereencontro.blogspot.com/2011/04/lapas-acorianas.html>

DESCRIÇÃO

As ilhas sempre apresentaram terrenos férteis e possuem uma zona económica exclusiva marítima de 100 milhas. Assim sendo, destacam-se quatro ciclos na história socioeconómica dos Açores que influenciaram a gastronomia local. O primeiro, o ciclo do trigo e da cana-doce (séc. XV), o segundo do Pastel (até séc. XVIII), o terceiro dos citrinos (sécs. XVII/XIX) e por fim o ciclo da pecuária e do ananás (fins do séc. XIX inícios do séc. XX).

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
- 1.2 Património Cultural Móvel
- 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições

1.4 Bens Imateriais

Conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo

Gastronomia

- 1.5 Eventos
- 2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Média**

Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Não se aplica neste caso.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é satisfatório, mas certas receitas já caíram em desuso.

A apresentação e interpretação turística são inexistentes.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Uma tradição açoriana secular.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá ser articulada em mostras regionais e internacionais promovendo a cultura gastronómica dos Açores.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se algum projecto nesta área.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Apostar em feiras gastronómicas e mesmo junto dos restaurantes incutir o uso de elementos singulares da cozinha tradicional, de forma a marcar a diferença do destino e do povo açoriano.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Leal, J. (1994), “Breve resenha dos factos que poderão ter influenciado a alimentação na ilha de S. Miguel”, in Tilgráfica SA (Ed.), *As festas do Espírito Santo nos Açores: Um estudo de antropologia social*, Publicações Dom Quixote, Lda., Lisboa, pp. 20-22

DENOMINAÇÃO

Bordado a Matiz



Fonte:

<http://trajesdeportugal.blogspot.com>

DESCRIÇÃO

É usualmente designado por “bordado típico da ilha de São Miguel”, sendo bordado a matiz em linho com dois tons de azul. A mentora desta arte foi a Sra. Lily Bensaúde em 1930. O bordado azul tem como elementos caracterizadores os trevos, as cravinas, florinhas, avencas, pequenos ramos e algumas aves devendo-se estes motivos à ornamentação utilizada na louça chinesa. Os pontos empregues são o matiz, o pé de flor e o de recorte.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
- 1.2 Património Cultural Móvel
- 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
- 1.4 Bens Imateriais**
 - Aptidões ligadas ao artesanato tradicional**
 - Bordados**
- 1.5 Eventos
- 2. Património Natural e Paisagístico

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**
Singularidade **Média**
Notoriedade **Fraca**

ACESSIBILIDADES

Não se aplica neste caso.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação e a interpretação turística é praticamente inexistente, pois só aquando de feiras e exposições é que se denota informação adjacente.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Uma tradição feminina açoriana, da ilha de São Miguel, destacando-se também os bordados da ilha Terceira e da ilha do Faial.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá ser articulada em exposições e feiras regionais e internacionais promovendo o artesanato açoriano.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se algum projecto nesta área.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Apostar na formação dos artesãos e na divulgação dos trabalhos dos mesmos, criando um espaço permanente de exposição etnológico onde poderiam explicar aos visitantes e convidá-los a participar na experiência.

Criação de workshops não só para os turistas como também para enriquecimento da população local.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Direcção Regional da Cultura (2001), “Bordado a Matiz” in Secretaria Regional da Economia, Centro Regional de Apoio ao Artesanato e ARDE, ADELIAÇOR e ASDEPR (Ed.), *Bordado Antigo dos Açores, Elementos para um Inventário Artístico e Técnico*, Publicações Dom Quixote, Lda., Lisboa, pp. 83- 90.

DENOMINAÇÃO

Gruta do Carvão



Fonte:

<http://amigosdosacores.pt/grutadocarvao/>

DESCRIÇÃO

Esta cavidade vulcânica é o maior túnel lávico da ilha de São Miguel. É desde Maio de 2005 uma Área Protegida podendo no seu interior ser observável, paredes com diversas colorações destacando-se no tecto a presença de estalactites lávicas. Existem ainda outras formações vulcânicas como os depósitos minerais secundários de sílica, pontes lávicas, bolas de lava, estalagmites e colunas lávicas.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
 - 1.2 Património Cultural Móvel
 - 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
 - 1.4 Bens Imateriais
 - 1.5 Eventos
 - 2. Património Natural e Paisagístico
- Elementos Singulares e Monumentos Naturais**

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**
Singularidade **Bom na classe**
Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, visto que se encontra aberto ao público e com visitas guiadas a cargo da Associação Amigos dos Açores.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada e é parte integrante no roteiro das Cavidades Vulcânicas dos Açores.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá articular-se com outros centros interpretativos, como o observatório vulcanológico criando um roteiro neste domínio.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Sem nenhum projecto de momento.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Continuar a apostar na sensibilização junto dos que nos visitam para as diversas manifestações do património natural e a sua preservação. Com a população local dar a conhecer a sua ilha.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Nunes, J.,C, J.P Constância, M.P. Costa, P.Barcelos, P.A.V Borges, F.Ferreira, (2011) *Roteiro das Cavidades Vulcânicas dos Açores*, Associação Os Montanheiros e GESPEA.

DENOMINAÇÃO

Jardim José do Canto



Fonte:

<http://www.jardimjosedocanto.com/>

DESCRIÇÃO

José do Canto decidiu construir um palacete e um jardim, que seria uma inovação em território insular, sendo o projecto inicial da autoria do arquitecto de David Mocatta. O jardim demonstra influências europeias devido à fauna exótica existente demarcando-se a pretensão dos elementos do Jardim com a finalidade de criar as valências ideias (físicas e cenográficas).

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
 - 1.2 Património Cultural Móvel
 - 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
 - 1.4 Bens Imateriais
 - 1.5 Eventos
 - 2. Património Natural e Paisagístico
- Parques e Jardins Públicos**

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**
Singularidade **Bom na classe**
Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, visto que se encontra aberto ao público.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá articular-se com eventos culturais e turísticos, recriando a vivência da época a que remonta o surgimento do jardim. Criar workshops de Jardinagem e de arquitectura paisagística.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Sem nenhum projecto de momento.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Valorizar a interpretação turística colocando um guia local para acompanhar na visita de modo a enriquecer a experiência do visitante.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Albergaria, I. (2000), *Quintas, Jardins e Parques da Ilha de São Miguel (1785-1885)*, Quetzal Editores, Lisboa.

DENOMINAÇÃO

Jardim de Santana



Fonte:

<http://www.acores.net/canalacores/view.php?id=493778>

DESCRIÇÃO

Inicialmente designado por Jardim José Jácome Corrêa, devendo-se ao nome do seu proprietário. O projecto do Jardim (1852-1854) ficou a cargo do jardineiro escocês Peter Wallace, sendo o seu modelo marcado pela arte paisagística.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
 - 1.2 Património Cultural Móvel
 - 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
 - 1.4 Bens Imateriais
 - 1.5 Eventos
 - 2. Património Natural e Paisagístico
- Parques e Jardins Públicos**

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**
Singularidade **Bom na classe**
Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são inexistentes, visto que actualmente é a residência oficial do Governo Regional sendo o seu acesso muito limitado, não estando aberto ao público. No entanto, durante os meses de verão é possível visitá-lo através de marcação prévia com o Governo Regional.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá articular-se com eventos culturais e turísticos, aquando de celebrações oficiais como o Dia Mundial da Cultura e do Turismo respectivamente.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Encontra-se actualmente a ser alvo de obras de remodelação.

ACCÕES RECOMENDADAS

Valorizar a interpretação turística colocando um guia local para acompanhar na visita de modo a enriquecer a experiência do visitante.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Albergaria, I. (2000), *Quintas, Jardins e Parques da Ilha de São Miguel (1785-1885)*, Quetzal Editores, Lisboa.

DENOMINAÇÃO

Jardim António Borges



Fonte:

<http://www.acores.net/canalacores/view.php?id=472035>

DESCRIÇÃO

Este jardim ressalta-se por ser um dos melhores marcos da arte paisagística característica do período de Oitocentos. As suas obras decorreram entre 1858-1861. Como é usual todos os jardins, os elementos que predominam são alusivos à água, à vegetação, e à pedra. Destaca-se a presença das grutas e dos túneis vulcânicos harmonicamente integrados na paisagem circundante.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
 - 1.2 Património Cultural Móvel
 - 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
 - 1.4 Bens Imateriais
 - 1.5 Eventos
 - 2. Património Natural e Paisagístico
- Parques e Jardins Públicos**

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Regional**

Singularidade **Bom na classe**

Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, Boa de automóvel fácil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, pois encontra-se aberto ao público. No entanto não existe nenhum painel informativo com os dados históricos nem guia local.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá articular-se com eventos culturais e turísticos, promovendo festivais de verão. Neste caso particular poderá ser levado a cabo workshops de fotografia paisagística. Continuar com a prática inicial de António Borges promovendo representações teatrais.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se algum projecto a decorrer e no futuro.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Valorizar a interpretação turística colocando um guia local para acompanhar na visita de modo a enriquecer a experiência do visitante.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Albergaria, I. (2000), *Quintas, Jardins e Parques da Ilha de São Miguel (1785-1885)*, Quetzal Editores, Lisboa.

DENOMINAÇÃO

Jardim Sena Freitas



Fonte:

http://olhares.aeiou.pt/sena_freitas_foto2347016.html

DESCRIÇÃO

Inicialmente foi edificada neste lugar uma capela de devoção a S. José que funcionou como paroquial. Posteriormente, um incêndio obrigou à remoção da mesma capela surgindo no seu lugar um teatro-ópera neoclássico que também foi fustigado por um incêndio. Então emergiu assim o jardim Padre Sena Freitas em memória do padre micaelense, escritor e orador sacro. A sua envolvente permite aos que o visitam desfrutar da vista para vários edifícios como o Palácio Marquês da Praia que remonta a meados do século XIX, o Solar Medeiros e Albuquerque construído na primeira metade do século XVIII e o Palácio da Conceição edifício do Governo Regional dos Açores.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
 - 1.2 Património Cultural Móvel
 - 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
 - 1.4 Bens Imateriais
 - 1.5 Eventos
 - 2. Património Natural e Paisagístico
- Parques e Jardins Públicos**

AVALIAÇÃO

- Capacidade Atractiva **Regional**
- Singularidade **Média**
- Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, pois encontra-se aberto ao público. No entanto não existe nenhum painel informativo com os dados históricos nem guia local.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá articular-se com eventos culturais e turísticos, promovendo também junto da população local o interesse na cultura e na natureza.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se algum projecto a decorrer e no futuro.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Valorizar a interpretação turística colocando um guia local para acompanhar na visita de modo a enriquecer a experiência do visitante. Apostar nos cursos técnicos e superiores no Turismo, colocando neste espaços alunos de guias e intérpretes de forma a preencher a lacuna da componente prática.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Albergaria, I. (2005), *Parques e Jardins dos Açores*, Argumentum, Lisboa.

DENOMINAÇÃO

Jardim do Campo Mártires da Pátria



Fonte:

http://mariaelisabeteneves.blogspot.com/2008_05_01_archive.html

DESCRIÇÃO

Funciona como um espaço de elo de ligação entre o Centro Municipal da Cultura, da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e do antigo Palácio Fonte Bela (actual Escola Secundária de Antero de Quental). A construção deste espaço em 2001 retirou o acesso ao trânsito neste largo. Destaca-se o busto de Antero de Quental executado por Álvaro Raposo França.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
 - 1.2 Património Cultural Móvel
 - 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
 - 1.4 Bens Imateriais
 - 1.5 Eventos
 - 2. Património Natural e Paisagístico
- Parques e Jardins Públicos**

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**
Singularidade **Média**
Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, pois encontra-se aberto ao público. No entanto não existe nenhum painel informativo com os dados históricos nem guia local.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá articular-se com eventos culturais e turísticos, promovendo sinergias entre o Centro Municipal de Cultura.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se algum projecto a decorrer e no futuro.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Valorizar a interpretação turística colocando um guia local para acompanhar na visita de modo a enriquecer a experiência do visitante. Apostar nos cursos técnicos e superiores no Turismo, colocando neste espaços alunos de guias e intérpretes de forma a preencher a lacuna da componente prática.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Albergaria, I. (2005), *Parques e Jardins dos Açores*, Argumentum, Lisboa.

DENOMINAÇÃO

Jardim Antero Quental



Fonte:

<http://traveling-living.blogspot.com/2011/06/aco-res-parte-vii-ponta-delgada.html>

DESCRIÇÃO

O projecto deste jardim foi levado a cabo pelo engenheiro Francisco Castro assumindo a forma de “meia lua”. A denominação do jardim deve-se ao monumento de Antero Quental executado pelo Micaelense Ernesto Canto da Maia servindo como homenagem ao poeta micaelense.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
 - 1.2 Património Cultural Móvel
 - 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
 - 1.4 Bens Imateriais
 - 1.5 Eventos
 - 2. Património Natural e Paisagístico
- Parques e Jardins Públicos**

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**
Singularidade **Média**
Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, pois encontra-se aberto ao público. No entanto não existe nenhum painel informativo com os dados históricos nem guia local.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá articular-se com eventos culturais e turísticos, promovendo recitais de poesias de forma a manter o legado de Antero de Quental e de novos poetas micaelenses.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se algum projecto a decorrer e no futuro.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Valorizar a interpretação turística colocando um guia local para acompanhar na visita de modo a enriquecer a experiência do visitante. Apostar nos cursos técnicos e superiores no Turismo, colocando neste espaços alunos de guias e intérpretes de forma a preencher a lacuna da componente prática.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Albergaria, I. (2005), *Parques e Jardins dos Açores*, Argumentum, Lisboa.

DENOMINAÇÃO

Alameda Duque de Bragança/Relvão



Fonte:

http://olhares.aeiou.pt/alameda_duque_de_braganca_foto2851124.html

DESCRIÇÃO

Este espaço verde foi palco da preparação de treinos militares do duque de Bragança para os 7500 bravos de Mindelo de forma a derrubar o poder absolutista. Junto da sociedade micaelense o Relvão funcionava como um recinto que albergava exposições, feiras quermesses sendo organizada aqui uma exposição aquando da visita de D.Carlos I e D.Amélia.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
 - 1.2 Património Cultural Móvel
 - 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
 - 1.4 Bens Imateriais
 - 1.5 Eventos
 - 2. Património Natural e Paisagístico
- Parques e Jardins Públicos**

AVALIAÇÃO

- Capacidade Atractiva **Local**
- Singularidade **Média**
- Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, pois encontra-se aberto ao público. No entanto não existe nenhum painel informativo com os dados históricos nem guia local.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá articular-se com eventos culturais e turísticos e estabelecer sinergias com o Pavilhão do Observatório Meteorológico.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Costuma a realizar-se aqui a Feira de Traquitanas.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Valorizar a interpretação turística colocando um guia local para acompanhar na visita de modo a enriquecer a experiência do visitante. Apostar nos cursos técnicos e superiores no Turismo, colocando neste espaços alunos de guias e intérpretes de forma a preencher a lacuna da componente prática.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Albergaria, I. (2005), *Parques e Jardins dos Açores*, Argumentum, Lisboa.

DENOMINAÇÃO

Jardim da Universidade



Fonte:

<http://lages4ever.wordpress.com/2007/02/08/acoes-um-destino-de-sonho/>

DESCRIÇÃO

Inicialmente o jardim foi projectado como parte integrante do palacete do 2º visconde de Porto Formoso Jacinto Fernandes Gil. Sofreu um incêndio mas o jardim não foi muito afectado. Destaca-se a serpentina, que prolonga o jardim tendo na sua envolvente uma gruta vulcânica e diversas espécies de flora.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
 - 1.2 Património Cultural Móvel
 - 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
 - 1.4 Bens Imateriais
 - 1.5 Eventos
 - 2. Património Natural e Paisagístico
- Parques e Jardins Públicos**

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**
Singularidade **Bom na classe**
Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, média de automóvel difícil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, pois encontra-se aberto ao público. No entanto não existe nenhum painel informativo com os dados históricos nem guia local.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá articular-se com eventos culturais e turísticos e promovendo visitas guiadas ao jardim de forma a contribuir para as aulas práticas das licenciaturas ligadas ao Turismo, Biologia e Geologia.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Desconhece-se algum projecto a decorrer e no futuro.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Valorizar a interpretação turística colocando um guia local para acompanhar na visita de modo a enriquecer a experiência do visitante.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Albergaria, I. (2005), *Parques e Jardins dos Açores*, Argumentum, Lisboa.

DENOMINAÇÃO

Campo de São Francisco



Fonte:

http://www.encyclopedia.com.pt/print.php?type=A&item_id=499

DESCRIÇÃO

A sua primeira funcionalidade encontra-se ligada a treinos militares. Posteriormente passou a passeio público tendo por isso adquirido novas funcionalidades no âmbito das festividades do Senhor Santo Cristo dos Milagres devido à sua proximidade e das ocasiões especiais como nascimentos, aniversários e casamentos reais. O actual coreto viria a ser introduzido somente 1870.

CATEGORIA

- 1.1 Património Cultural Imóvel
 - 1.2 Património Cultural Móvel
 - 1.3 Museus, Centros Culturais e Exposições
 - 1.4 Bens Imateriais
 - 1.5 Eventos
 2. Património Natural e Paisagístico
- Parques e Jardins Públicos**

AVALIAÇÃO

Capacidade Atractiva **Local**
Singularidade **Média**
Notoriedade **Média**

ACESSIBILIDADES

Boa a pé, boa de automóvel fácil estacionamento.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO, APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O estado de conservação é bom.

A apresentação e interpretação turística são facilitadas, pois é um espaço aberto público. No entanto não existe nenhum painel informativo com os dados históricos nem guia local.

VALÊNCIA TURÍSTICA ACTUAL

Situa-se no centro histórico da cidade de Ponta Delgada.

COMPLEMENTARIDADES

Poderá articular-se nos roteiros do Centro Histórico de Ponta Delgada, pelo seu legado cultural e natural.

POTENCIAIS/PROJECTOS EM CURSO

Todos os meses de Verão a partir de Junho até Setembro, existe animação nocturna.

ACÇÕES RECOMENDADAS

Expandir a iniciativa da Câmara Municipal de Ponta Delgada ao longo de todo o ano, de modo a revitalizar o espaço.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA

Albergaria, I. (2005), *Parques e Jardins dos Açores*, Argumentum, Lisboa.

Anexo 4. Lista de Agências de Viagens Operacionais divulgada pela ATA em Ponta Delgada.

Açoribérica - Ag. De Viag. e Tur.

Açortravel - Ag. De Viag. e Tur.

Agência de Viagens Francisco C S Martins (Suc.)

Agência de Viagens Interpass (Suc.)

Agência Açoreana de Viagens – Bensaúde Turismo

Almeida Viagens

Melo Travel - Azores

Micaelense Agência de Viagens e Turismo Lda.

Panazórica

Turangra

Top Atlântico DMC Portugal

Viagens Abreu DMC

Total: 12 Agências de Viagens

Anexo 5. Exemplar do Questionário dirigido aos intervenientes turísticos

Cláudia Silveira

claudia.silveira5@hotmail.com

TLM: 918840199

Exmo. Director da Turangra Viagens e Turismo de Ponta Delgada

ASSUNTO: Pedido de colaboração para o preenchimento de questionário, no âmbito de um mestrado sobre “Açores, um destino cultural e paisagístico sustentável”

Eu, Cláudia Maria Pacheco da Silveira, actualmente a frequentar o segundo ano de Mestrado em Turismo com especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, estou a desenvolver uma dissertação com o seguinte tema: Açores, um destino cultural e paisagístico sustentável.

Com a dissertação pretendo dar visibilidade à junção entre o património cultural e natural num produto turístico, afirmando que a natureza também tem aspectos culturais associados. Com esta associação, no meu ponto de vista, aumenta-se a atractividade do destino ao mesmo que tempo que se diversifica a sua oferta. Desta forma, aspectos como a preservação, o planeamento, a oferta turística (pacotes turísticos), a promoção e as sinergias farão parte integrante do estudo. Esta abordagem conjunta entre natureza e cultura será inovadora no caso dos Açores, pois nunca se optou por esta estratégia explícita e sempre se constitui como uma oferta diferenciadora.

Um dos instrumentos de investigação preconizados passa pela realização de um questionário de opinião. O questionário em questão permitirá aferir, junto dos intervenientes turísticos do subsector de Agências de Viagens e Operadores Turísticos, os requisitos de que os Açores necessitam para apostar na introdução do *Touring* Cultural e Paisagístico, a sua visão em termos da potencialidade da junção de elementos culturais aos naturais e as suas estratégias de promoção e comunicação. Em suma, servirá para ter conhecimento da oferta cultural turística actual para que se possa depois alicerçar a informação disponibilizada com a oferta turística paisagística, construindo de raiz uma possível abordagem do *Touring* Cultural e Paisagístico Sustentável nos Açores.

Neste contexto, gostaria como sendo responsável da agência de viagens em questão pudesse disponibilizar-se para preencher este questionário.

Muito agradeço toda a sua colaboração no preenchimento do questionário, pois este é um instrumento que se reveste de especial importância para o estudo.

Pedindo deferimento e agradecendo a atenção dispensada, subscrevo-me com respeito e consideração,

Ponta Delgada, 30 de Junho de 2011

Cláudia Silveira

Questionário aos intervenientes turísticos do subsector de
Agências de Viagens e Operadores Turísticos.

Bom dia! Sou aluna de Mestrado em Turismo da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril decidi investigar o tema “**Açores, um destino cultural e paisagístico sustentável**”. Este questionário tem como objectivo reunir elementos que me ajudarão a formar uma imagem sobre o tema referido. A privacidade dos seus dados são assegurados e só serão usados para fins académicos.

Em média o questionário tem uma duração de 10 minutos. Agradeço toda a colaboração prestada.

I Parte. Informações Gerais

1. Informações sobre a Agência de Viagens ou Operador Turístico

Nome	
Ano em que iniciou a actividade turística	
Localização (Concelho/Ilha)	
Nº de trabalhadores	
Especializados em que tipos de Turismo	

II Parte. Opinião sobre o sector turístico regional

1. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?

Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
1	2	3	4	5

2. Os Açores deverão basear a sua oferta turística num produto único: Turismo de Natureza. Concorda com esta afirmação?

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5

3. Qual o grau de importância que atribui aos aspectos abaixo enumerados para a consolidação de uma oferta turística diversificada e sustentável no Destino Açores?

	Muito	Pouco	Medianamente	Importante	Muito
--	-------	-------	--------------	------------	-------

	pouco importante	importante	importante		importante
Características dos recursos turísticos (Paisagem, Património Cultural, Monumentos, Festas populares, Manifestações religiosas)	1	2	3	4	5
Acessibilidade internacional	1	2	3	4	5
Acessibilidade inter-ilhas	1	2	3	4	5
Acessibilidade local (na ilha)	1	2	3	4	5
Infra-estruturas que respondam às necessidades turísticas (Aeroportos, Alojamento, Restauração, Agências de Viagens, Postos de Turismo, Animação turística)	1	2	3	4	5
Formação de Recursos Humanos	1	2	3	4	5
Gestão Sustentável dos serviços e recursos turísticos	1	2	3	4	5
Preservação e salvaguarda dos recursos turísticos	1	2	3	4	5
Cooperação de esforços entre todos os <i>stakeholders</i> do sistema turístico regional	1	2	3	4	5
Sinergias entre actividades turísticas e de suporte (comércio local)	1	2	3	4	5
Processo de comercialização	1	2	3	4	5
Pacotes Turísticos que dêem ênfase aos recursos que o destino pode oferecer	1	2	3	4	5
Desenvolvimento de estratégias de marketing (interligação entre o desenvolvimento do produto e comunicação)	1	2	3	4	5
Processo de interpretação/comunicação dos Guias Intérpretes Regionais	1	2	3	4	5
Gestão integrada do produto (composto por várias experiências)	1	2	3	4	5
Qualidade de serviço, a	1	2	3	4	5

experiência e satisfação dos visitantes					
Investimentos Governamentais	1	2	3	4	5
Outros. Quais?					

4. Ritchie e Crouch, autores da obra *The Competitive Destination: A Sustainable Perspective*, defendem que um destino sustentável não deve basear a sua oferta no lucro rápido. Concorda com essa afirmação?

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5

5. O conceito de Sustentabilidade resume-se a três dimensões: económica, sócio-cultural e ambiental. O que falta ao destino Açores para compreender uma visão integrada destas vertentes? (Assinale com um X. Pode escolher mais do que uma opção).

Investimento	
Consciencialização	
Estratégias governamentais e privadas	
DMO (<i>Destination Management Organization</i>)	
Formação	
Política unificadora entre todo o sistema turístico regional	
Outros. Quais?	

III Parte. Destino Açores e a sua oferta turística

1. No seu caso em particular, quando promove os Açores quais as valências que salienta? (Assinale com um X. Pode escolher mais do que uma opção).

Natureza	
Identidade cultural	
Gastronomia	
Manifestações religiosas	
Eventos	
Segurança	
Outros. Quais?	

2. O que falta aos Açores para apostarem em novos produtos turísticos? (Assinale com um X. Pode escolher mais do que uma opção).

Investimento	
Inovação	
Estratégias	
Sinergias	
Percepcionar os recursos como elementos base da atracção do destino turístico	
Aferir o seu potencial turístico	
Apoio governamental	
Outros. Quais?	

3. Em média, qual a percentagem de procura turística que regista por motivos específicos de índole cultural? (Assinale com um X).

0 – 10 %	
11-20 %	
21-30 %	
31-40 %	
41-50 %	
51-60 %	
61-70 %	
71-80 %	
81-90 %	
91-100 %	

4. Em que medida pode o destino Açores beneficiar com a introdução do produto *Touring* Cultural e Paisagístico? (Assinale com um X. Pode escolher mais do que uma opção).

Aumento da cadeia de valor	
Novos segmentos de mercados alvo	
Reforço da sustentabilidade da oferta turística	
Revitalização da economia regional	
Maior competitividade	
Outros. Quais?	

5. O produto *Touring* cultural e paisagístico poderá diversificar a oferta turística. Na sua opinião, quais os factores imprescindíveis ao seu desenvolvimento? (Assinale com um X. Pode escolher mais do que uma opção).

A interligação entre o sector turístico e o sector cultural	
Características dos recursos culturais e naturais	
Infra-estruturas adequadas	

Plano de Gestão Estratégico e Operacional	
A sustentabilidade dos recursos e serviços	
Política unificadora entre todo o sistema turístico regional	
Processo de transformação da cultura e da História para fins turísticos	
Processo de comercialização	
Outros. Quais?	

6. O processo de interpretação e de comunicação é muito importante em qualquer experiência turística (Ensaio de Geografia Cultural, 2006). No *Touring Cultural e Paisagístico*, a etapa de interpretação é muito importante, pois a transmissão de valores culturais e aspectos naturais é feita pelos Guias Intérpretes. Em que medida se encontra satisfeito ou insatisfeito com o desempenho actual dos Guias Intérpretes Regionais?

Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
1	2	3	4	5

7. Na abordagem do produto *Touring Cultural e Paisagístico* existem dois pressupostos a ter em consideração: a vertente educacional e a vertente experiencial (Craik, 1997). A população local pode contribuir para a educacional, visto que conhecem bem as realidades culturais e locais (Cunningham, 2009). O que pensa de uma cooperação entre a população local e os intervenientes turísticos?

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5

8. Como se pode concretizar esta cooperação?

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO ☺

TENHA UM BOM DIA!

Anexo 6. Análise de Dados dos Questionários dos intervenientes turísticos com suporte ao sistema SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*)

Frequências

Quadro 1. Nome da Agência de Viagens ou Operador Turístico

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem Acumulada
Açortravel	1	12,5	12,5	12,5
Agência Açoreana de Viagens	1	12,5	12,5	25,0
Agência de Viagens Francsico Martins	1	12,5	12,5	37,5
Almeida Viagens	1	12,5	12,5	50,0
Interpass Viagens	1	12,5	12,5	62,5
Melo,Lda	1	12,5	12,5	75,0
Tui Portugal	1	12,5	12,5	87,5
Turangra Viagens e Turismo	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 2. Ano em que iniciou a actividade turística

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem Acumulada
1955	1	12,5	14,3	14,3
1962	1	12,5	14,3	28,6
1988	1	12,5	14,3	42,9
1992	1	12,5	14,3	57,1
1996	1	12,5	14,3	71,4
2006	1	12,5	14,3	85,7
2009	1	12,5	14,3	100,0
Total	7	87,5	100,0	
Missing System	1	12,5		
Total	8	100,0		

Quadro 3. Localização (Concelho/Ilha)

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Angra do Heroísmo - Terceira	1	12,5	12,5	12,5
Ponta Delgada	2	25,0	25,0	37,5
Ponta Delgada - S.Miguel	1	12,5	12,5	50,0
Ponta Delgada- S.Miguel	2	25,0	25,0	75,0
Ponta Delgada- São Miguel	1	12,5	12,5	87,5
S.Gonçalo PDL	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 4. Número de trabalhadores

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
2	1	12,5	12,5	12,5
4	1	12,5	12,5	25,0
5	2	25,0	25,0	50,0
11	1	12,5	12,5	62,5
14	1	12,5	12,5	75,0
15	1	12,5	12,5	87,5
30	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 5. Especializados em que tipos de Turismo

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Agência de Viagens	1	12,5	12,5	12,5
Consultores Turismo	1	12,5	12,5	25,0
Incoming	1	12,5	12,5	37,5
Incoming/Outgoing	1	12,5	12,5	50,0
Não há	1	12,5	12,5	62,5
Outgoing/Incoming	1	12,5	12,5	75,0
Todo o tipo	1	12,5	12,5	87,5
Todos	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 6. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Insatisfeito	2	25,0	25,0	25,0
Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	2	25,0	25,0	50,0
Satisfeito	4	50,0	50,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 7. Os Açores deverão basear a sua oferta turística num produto único: Turismo de Natureza. Concorda com esta afirmação?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Discordo Totalmente	1	12,5	12,5	12,5
Discordo	2	25,0	25,0	37,5
Não Concordo/Nem Discordo	3	37,5	37,5	75,0
Concordo	1	12,5	12,5	87,5
Concordo Totalmente	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Qual o grau de importância que atribui aos aspectos abaixo enumerados para a consolidação de uma oferta turística diversificada e sustentável no Destino Açores?

Quadro 8. Características dos recursos turísticos (Paisagem, Património Cultural, Monumentos, Festas Populares, Manifestações religiosas)

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Importante	4	50,0	50,0	50,0
Muito Importante	4	50,0	50,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 9. Acessibilidade Internacional

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Importante	2	25,0	25,0	25,0
Muito Importante	6	75,0	75,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 10. Acessibilidade inter-ilhas

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Importante	3	37,5	37,5	37,5
Muito Importante	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 11. Acessibilidade local (na ilha)

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Medianamente Importante	1	12,5	12,5	12,5
Importante	3	37,5	37,5	50,0
Muito Importante	4	50,0	50,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

**Quadro 12. Infra-estruturas que respondam às necessidades turísticas
(Aeroportos, Alojamento, Restauração, Agências de Viagens, Postos de
Turismo, Animação Turística)**

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Medianamente Importante	1	12,5	12,5	12,5
Importante	1	12,5	12,5	25,0
Muito Importante	6	75,0	75,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 13. Formação de Recursos Humanos

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Importante	1	12,5	12,5	12,5
Muito Importante	7	87,5	87,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 14. Gestão Sustentável dos serviços e recursos turísticos

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Importante	2	25,0	25,0	25,0
Muito Importante	6	75,0	75,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 15. Preservação e salvaguarda dos recursos turísticos

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Importante	2	25,0	25,0	25,0
Muito Importante	6	75,0	75,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 16. Cooperação de esforços entre todos os stakeholders do sistema turístico regional

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Importante	1	12,5	12,5	12,5
Muito Importante	7	87,5	87,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 17. Sinergias entre actividades turísticas e de suporte (comércio local)

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Pouco Importante	1	12,5	12,5	12,5
Medianamente Importante	1	12,5	12,5	25,0
Importante	1	12,5	12,5	37,5
Muito Importante	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 18. Processo de comercialização

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Medianamente Importante	1	12,5	12,5	12,5
Importante	3	37,5	37,5	50,0
Muito Importante	4	50,0	50,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 20. Pacotes Turísticos que dêem ênfase aos recursos que o destino pode oferecer

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Medianamente Importante	2	25,0	25,0	25,0
Importante	2	25,0	25,0	50,0
Muito Importante	4	50,0	50,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 21. Desenvolvimento de estratégias de marketing (interligação entre o desenvolvimento do produto e da comunicação)

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Importante	3	37,5	37,5	37,5
Muito Importante	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 22. Processo de interpretação/comunicação dos Guias Intérpretes Regionais

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Importante	3	37,5	37,5	37,5
Muito Importante	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 23. Gestão integrada do produto (composto por várias experiências)

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada

Pouco Importante	1	12,5	12,5	12,5
Importante	3	37,5	37,5	50,0
Muito Importante	4	50,0	50,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 24. Qualidade de serviço, a experiência e satisfação dos visitantes

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Importante	2	25,0	25,0	25,0
Muito Importante	6	75,0	75,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 25. Investimentos Governamentais

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Muito Pouco Importante	1	12,5	12,5	12,5
Medianamente Importante	1	12,5	12,5	25,0
Importante	2	25,0	25,0	50,0
Muito Importante	4	50,0	50,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 26. Ritchie e Crouch, autores da obra *The Competitive Destination: A Sustainable Perspective*, defendem que um destino sustentável não deve basear a sua oferta no lucro rápido. Concorda com essa afirmação?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Concordo	4	50,0	50,0	50,0
Concordo Totalmente	4	50,0	50,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

O conceito de Sustentabilidade resume-se a três dimensões: económica, sócio-cultural e ambiental. O que falta ao destino Açores para compreender uma visão integrada destas vertentes?

Quadro 27. Investimento

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	3	37,5	37,5	37,5
Sim	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 28. Consciencialização

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	3	37,5	37,5	37,5
Sim	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 30. Estratégias governamentais e privadas

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Sim	8	100,0	100,0	100,0

Quadro 31. DMO (Destination Management Organization)

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	7	87,5	87,5	87,5
Sim	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 32. Formação

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	3	37,5	37,5	37,5
Sim	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 33. Política unificadora entre todo o sistema turístico regional

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	2	25,0	25,0	25,0
Sim	6	75,0	75,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

No seu caso em particular, quando promove os Açores quais as valências que salienta?

Quadro 34. Natureza

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Sim	8	100,0	100,0	100,0

Quadro 35. Identidade Cultural

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	1	12,5	12,5	12,5
Sim	7	87,5	87,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 36. Gastronomia

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	2	25,0	25,0	25,0
Sim	6	75,0	75,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 37. Manifestações religiosas

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	6	75,0	75,0	75,0
Sim	2	25,0	25,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 38. Eventos

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	5	62,5	62,5	62,5
Sim	3	37,5	37,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 39. Segurança

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	3	37,5	37,5	37,5
Sim	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

O que falta aos Açores para apostarem em novos produtos turísticos?

Quadro 40. Investimento

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	3	37,5	37,5	37,5
Sim	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 41. Inovação

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Sim	8	100,0	100,0	100,0

Quadro 42. Estratégias

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	3	37,5	37,5	37,5
Sim	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 43. Sinergias

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	5	62,5	62,5	62,5
Sim	3	37,5	37,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 44. Percepcionar os recursos como elementos base da atracção do destino turístico

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	3	37,5	37,5	37,5
Sim	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 45. Aferir o seu potencial turístico

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	6	75,0	75,0	75,0
Sim	2	25,0	25,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 46. Apoio Governamental

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	6	75,0	75,0	75,0
Sim	2	25,0	25,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 47. Em média, qual a percentagem de procura turística que regista por motivos específicos de índole cultural?

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
0-10%	4	50,0	50,0	50,0
11-20%	1	12,5	12,5	62,5
21-30%	2	25,0	25,0	87,5
51-60%	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Em que medida pode o destino Açores beneficiar com a introdução do produto Touring Cultural e Paisagístico?

Quadro 48. Aumento da cadeia de valor

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	5	62,5	62,5	62,5
Sim	3	37,5	37,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 49. Novos segmentos de mercado alvo

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	4	50,0	50,0	50,0
Sim	4	50,0	50,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 50. Reforço da sustentabilidade da oferta turística

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	2	25,0	25,0	25,0
Sim	6	75,0	75,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 51. Revitalização da economia regional

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	3	37,5	37,5	37,5
Sim	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 52. Maior Competitividade

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	8	100,0	100,0	100,0

**O produto Touring Cultural e Paisagístico poderá diversificar a oferta turística.
Na sua opinião, quais os factores imprescindíveis ao seu desenvolvimento?**

Quadro 53. Interligação entre o sector turístico e o sector cultural

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	1	12,5	12,5	12,5
Sim	7	87,5	87,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 54. Características dos recursos culturais e naturais

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	3	37,5	37,5	37,5
Sim	5	62,5	62,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 55. Infra-estruturas adequadas

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	6	75,0	75,0	75,0
Sim	2	25,0	25,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 56. Plano de Gestão Estratégico e Operacional

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	5	62,5	62,5	62,5
Sim	3	37,5	37,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 57. Sustentabilidade dos recursos e dos serviços

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	7	87,5	87,5	87,5
Sim	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 58. Política unificadora entre todo o sistema turístico regional

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	6	75,0	75,0	75,0
Sim	2	25,0	25,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 59. Processo de transformação da cultura e da História para fins turísticos

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	5	62,5	62,5	62,5
Sim	3	37,5	37,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 60. Processo de comercialização

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não	5	62,5	62,5	62,5
Sim	3	37,5	37,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 61. O processo de interpretação e de comunicação é muito importante em qualquer experiência turística (Ensaio de Geografia Cultural, 2006). No Touring Cultural e Paisagístico, a etapa de interpretação é muito importante, pois a transmissão de valores culturais

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Insatisfeito	1	12,5	12,5	12,5
Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	4	50,0	50,0	62,5
Satisfeito	3	37,5	37,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Quadro 62. Na abordagem do produto Touring Cultural e Paisagístico existem dois pressupostos a ter em consideração: a vertente educacional e a vertente experiencial (Craik, 1997). A população local pode contribuir para a educacional, visto que conhecem bem as realidades

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
Não Concordo/Nem Discordo	2	25,0	25,0	25,0
Concordo	4	50,0	50,0	75,0
Concordo Totalmente	2	25,0	25,0	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Teste de Hipóteses “Qui-Quadrado”

Quadro 63. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Características dos recursos turísticos (Paisagem, Património Cultural, Monumentos, Festas Populares, Manifestações religiosas)

		Características dos recursos turísticos (Paisagem, Património Cultural, Monumentos, Festas Populares, Manifestações religiosas)		Total
		Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	1	1	2
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	2	0	2
	Satisfeito	1	3	4
	Total	4	4	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	3,000 ^a	2	,223
Rácio Verosimilhanças	3,819	2	,148
Associação Linear	,636	1	,425
N de Casos Válidos	8		

Quadro 64. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Acessibilidade Internacional

		Acessibilidade Internacional		Total
		Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	0	2	2
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	2	2
	Satisfeito	2	2	4
Total		2	6	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	2,667 ^a	2	,264
Rácio Verosimilhanças	3,452	2	,178
Associação Linear	1,909	1	,167
N de Casos Válidos	8		

Quadro 65. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Acessibilidade inter-ilhas

		Acessibilidade inter-ilhas		Total
		Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	1	1	2
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	2	2
	Satisfeito	2	2	4
Total		3	5	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	1,600 ^a	2	,449
Rácio Verosimilhanças	2,267	2	,322
Associação Linear	,042	1	,837
N de Casos Válidos	8		

Quadro 66. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Acessibilidade local (na ilha)

		Acessibilidade local (na ilha)			Total
		Medianamente Importante	Importante	Muito Importante	
Em que medida está	Insatisfeito	0	1	1	2
satisfeito ou insatisfeito	Nem Satisfeito/Nem	0	0	2	2
com o desenvolvimento do	Insatisfeito				
Turismo nos Açores?	Satisfeito	1	2	1	4
Total		1	3	4	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	3,500 ^a	4	,478
Rácio Verossimilhanças	4,499	4	,343
Associação Linear	1,006	1	,316
N de Casos Válidos	8		

Quadro 67. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Infra-estruturas que respondam às necessidades turísticas (Aeroportos, Alojamento, Restauração, Agências de Viagens, Postos de Turismo, Animação Turística)

		Infra-estruturas que respondam às necessidades turísticas (Aeroportos ,Alojamento, Restauração, Agências de Viagens, Postos de Turismo, Animação Turística			Total
		Medianamente Importante	Importante	Muito Importante	
Em que medida está	Insatisfeito	1	0	1	2
satisfeito ou insatisfeito	Nem Satisfeito/Nem	0	0	2	2
com o desenvolvimento do	Insatisfeito				
Turismo nos Açores?	Satisfeito	0	1	3	4
Total		1	1	6	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	4,333 ^a	4	,363
Rácio Verosimilhanças	4,499	4	,343
Associação Linear	1,006	1	,316
N de Casos Válidos	8		

Quadro 68. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Formação de Recursos Humanos

		Formação de Recursos Humanos		Total
		Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	1	1	2
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	2	2
	Satisfeito	0	4	4
	Total	1	7	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	3,429 ^a	2	,180
Rácio Verosimilhanças	3,256	2	,196
Associação Linear	2,273	1	,132
N de Casos Válidos	8		

Quadro 69. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Gestão Sustentável dos serviços e recursos turísticos

		Gestão Sustentável dos serviços e recursos turísticos		Total
		Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	1	1	2
	Nem Satisfeito/Nem	1	1	2
	Insatisfeito			
	Satisfeito	0	4	4
Total		2	6	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	2,667 ^a	2	,264
Rácio Verossimilhanças	3,452	2	,178
Associação Linear	1,909	1	,167
N de Casos Válidos	8		

Quadro 70. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Preservação e salvaguarda dos recursos turísticos

		Preservação e salvaguarda dos recursos turísticos		Total
		Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	0	2	2
	Nem Satisfeito/Nem	1	1	2
	Insatisfeito			
	Satisfeito	1	3	4
Total		2	6	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	1,333 ^a	2	,513
Rácio Verossimilhanças	1,726	2	,422
Associação Linear	,212	1	,645
N de Casos Válidos	8		

Quadro 71. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Cooperação de esforços entre todos os stakeholders do sistema turístico regional

		Cooperação de esforços entre todos os stakeholders do sistema turístico regional		Total
		Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	0	2	2
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	2	2
	Satisfeito	1	3	4
	Total	1	7	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	1,143 ^a	2	,565
Rácio Verossimilhanças	1,530	2	,465
Associação Linear	,818	1	,366
N de Casos Válidos	8		

Quadro 72. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Sinergias entre actividades turísticas e de suporte (comércio local)

		Sinergias entre actividades turísticas e de suporte (comércio local)				Total
		Pouco Importante	Medianamente e Importante	Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	0	0	1	1	2
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	0	0	2	2
	Satisfeito	1	1	0	2	4
Total		1	1	1	5	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	5,600 ^a	6	,469
Rácio Verosimilhanças	6,086	6	,414
Associação Linear	,837	1	,360
N de Casos Válidos	8		

Quadro 73. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Processo de comercialização

		Processo de comercialização			Total
		Medianamente Importante	Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	0	1	1	2
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	1	1	2
	Satisfeito	1	1	2	4
Total		1	3	4	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	1,333a	4	,856
Rácio Verosimilhanças	1,726	4	,786
Associação Linear	,185	1	,667
N de Casos Válidos	8		

Quadro 74. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Pacotes Turísticos que dêem ênfase aos recursos que o destino pode oferecer

		Pacotes Turísticos que dêem ênfase aos recursos que o destino pode oferecer			Total
		Medianamente Importante	Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	1	0	1	2
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	1	1	2
	Satisfeito	1	1	2	4
	Total	2	2	4	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	2,000 ^a	4	,736
Rácio Verosimilhanças	2,773	4	,597
Associação Linear	,058	1	,810
N de Casos Válidos	8		

Quadro 75. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Desenvolvimento de estratégias de marketing (interligação entre o desenvolvimento do produto e da comunicação)

		Desenvolvimento de estratégias de marketing(interligação entre o desenvolvimento do produto e da comunicação		Total
		Importante	Muito Importante	
Em que medida está	Insatisfeito	1	1	2
satisfeito ou insatisfeito	Nem Satisfeito/Nem	1	1	2
com o desenvolvimento do	Insatisfeito			
Turismo nos Açores?	Satisfeito	1	3	4
Total		3	5	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	,533 ^a	2	,766
Rácio Verossimilhanças	,541	2	,763
Associação Linear	,382	1	,537
N de Casos Válidos	8		

Quadro 76. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Processo de interpretação/comunicação dos Guias Intérpretes Regionais

		Processo de interpretação/comunicação dos Guias Intérpretes Regionais		Total
		Importante	Muito Importante	
Em que medida está	Insatisfeito	0	2	2
satisfeito ou insatisfeito	Nem Satisfeito/Nem	1	1	2
com o desenvolvimento do	Insatisfeito			
Turismo nos Açores?	Satisfeito	2	2	4
Total		3	5	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	1,600 ^a	2	,449
Rácio Verossimilhanças	2,267	2	,322
Associação Linear	1,061	1	,303
N de Casos Válidos	8		

Quadro 77. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Gestão integrada do produto (composto por várias experiências)

		Gestão integrada do produto (composto por várias experiências)			Total
		Pouco Importante	Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	0	1	1	2
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	1	1	2
	Satisfeito	1	1	2	4
	Total	1	3	4	8

Teste Qui- Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	1,333 ^a	4	,856
Rácio Verossimilhanças	1,726	4	,786
Associação Linear	,382	1	,537
N de Casos Válidos	8		

Quadro 78. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Qualidade de serviço, a experiência e satisfação dos visitantes

		Qualidade de serviço, a experiência e satisfação dos visitantes		Total
		Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	1	1	2
	Nem Satisfeito/Nem	1	1	2
	Insatisfeito			
	Satisfeito	0	4	4
Total		2	6	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	2,667 ^a	2	,264
Rácio Verosimilhanças	3,452	2	,178
Associação Linear	1,909	1	,167
N de Casos Válidos	8		

Quadro 79. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores? * Investimentos Governamentais

		Investimentos Governamentais				Total
		Muito Pouco Importante	Medianament e Importante	Importante	Muito Importante	
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Insatisfeito	0	0	2	0	2
	Nem Satisfeito/Nem	0	0	0	2	2
	Insatisfeito					
	Satisfeito	1	1	0	2	4
Total		1	1	2	4	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	10,000 ^a	6	,125
Rácio Verossimilhanças	11,090	6	,086
Associação Linear	,364	1	,546
N de Casos Válidos	8		

Quadro 80. Os Açores deverão basear a sua oferta turística num produto único: Turismo de Natureza. Concorda com esta afirmação? * Ritchie e Crouch, autores da obra *The Competitive Destination: A Sustainable Perspective*, defendem que um destino sustentável não deve basear a sua oferta no lucro rápido. Concorda com essa afirmação?

		Ritchie e Crouch, autores da obra The Competitive Destination: A Sustainable Perspective, defendem que um destino sustentável não deve basear a sua oferta no lucro rápido. Concorda com essa afirmação?		
		Concordo	Concordo Totalmente	Total
Os Açores deverão basear a sua oferta turística num produto único: Turismo de Natureza. Concorda com esta afirmação?	Discordo Totalmente	0	1	1
	Discordo	1	1	2
	Não Concordo/Nem Discordo	2	1	3
	Concordo	1	0	1
	Concordo Totalmente	0	1	1
Total		4	4	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui-Quadrado de Pearson	3,333 ^a	4	,504
Rácio Verosimilhanças	4,499	4	,343
Associação Linear	,080	1	,777
N de Casos Válidos	8		

Quadro 81. O processo de interpretação e de comunicação é muito importante em qualquer experiência turística (Ensaio de Geografia Cultural,2006). No Touring Cultural e Paisagístico, a etapa de interpretação é muito importante, pois a transmissão de valores culturais * Na abordagem do produto Touring Cultural e Paisagístico existem dois pressupostos a ter em consideração: a vertente educacional e a vertente experiencial (Craik,1997). A população local pode contribuir para a educacional, visto que conhecem bem as realidades

		Na abordagem do produto Touring Cultural e Paisagístico existem dois pressupostos a ter em consideração: a vertente educacional e a vertente experiencial (Craik,1997). A população local pode contribuir para a educacional, visto que conhecem bem as realidades			
		Não Concordo/Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
O processo de interpretação e de comunicação é muito importante em qualquer experiência turística (Ensaio de Geografia Cultural,2006). No Touring Cultural e Paisagístico, a etapa de interpretação é muito importante, pois a transmissão de valores culturais	Insatisfeito	1	0	0	1
	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	3	1	4
	Satisfeito	1	1	1	3
	Total	2	4	2	8

Teste Qui-Quadrado

	Valor	df	Valor de Significância
Estatística de Qui- Quadrado de Pearson	4,833 ^a	4	,305
Rácio de Verossimilhanças	5,545	4	,236
Associação linear	,500	1	,480
N de Casos Válidos	8		

Análise de Correspondência

Quadro 82. Tabela de Correspondência

Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Sinergias entre actividades turísticas e de suporte (comércio local)					
	Muito Pouco Importante	Pouco Importante	Medianament e Importante	Importante	Muito Importante	Margem Activa
Muito Insatisfeito	0	0	0	0	0	0
Insatisfeito	0	0	0	1	1	2
Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	0	0	0	2	2
Satisfeito	0	1	1	0	2	4
Muito Satisfeito	0	0	0	0	0	0
Margem Activa	0	1	1	1	5	8

Sumário

Dimensão	Valor Singular	Inertia	Qui-Quadrado	Valor de Significância	Proporção de Inertia		Confidence Singular Value	
					Contabilizada	Acumula da	Desvio de Padrão	Correlação
								2
1	,707	,500			,714	,714	,177	,653
2	,447	,200			,286	1,000	,183	
Total		,700	5,600	,992 ^a	1,000	1,000		

Sumário

Dimensão	Valor Singular	Inertia	Qui-Quadrado	Valor de Significância	Proporção de Inertia		Confidence Singular Value	
					Contabilizada	Acumula da	Desvio de Padrão	Correlação
								2
1	,707	,500			,714	,714	,177	,653
2	,447	,200			,286	1,000	,183	
Total		,700	5,600	,992 ^a	1,000	1,000		

Resultados Gerais dos pontos ROWS

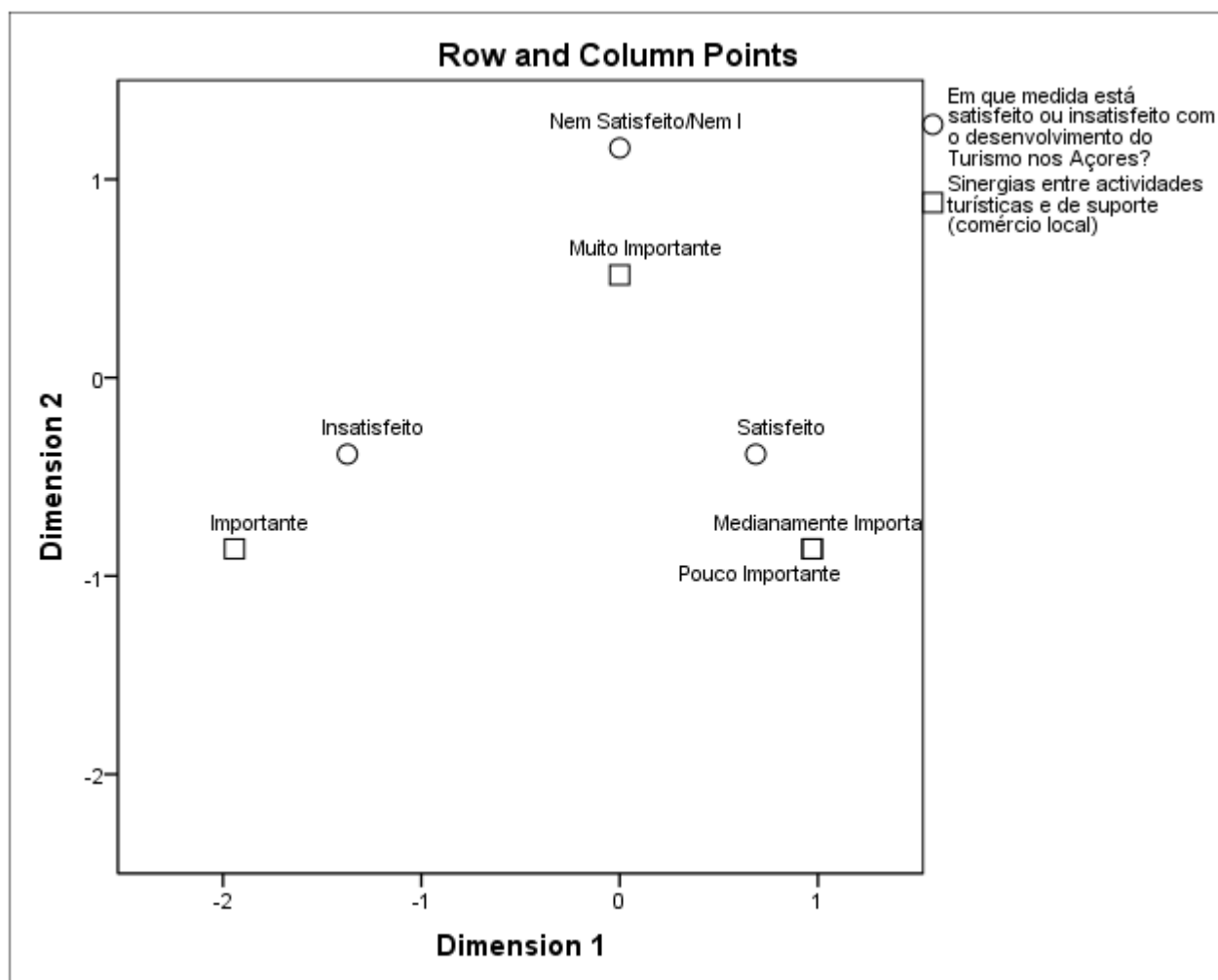
Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Massa	Score da Dimensão		Inércia	Contribuição				
		1	2		Do Ponto para a inércia da dimensão		Da dimensão para a inércia do ponto		
					1	2	1	2	Total
		Muito Insatisfeito	,000	
Insatisfeito	,250	-1,373	-,386	,350	,667	,083	,952	,048	1,000
Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	,250	,000	1,158	,150	,000	,750	,000	1,000	1,000
Satisfeito	,500	,687	-,386	,200	,333	,167	,833	,167	1,000
Muito Satisfeito	,000
Active Total	1,000			,700	1,000	1,000			

Resultados Gerais dos pontos inseridos no eixo da coluna

Sinergias entre actividades turísticas e de suporte (comércio local)	Massa	Score em Dimensão		Inércia	Contribuição				
		1	2		Do Ponto para a inércia da dimensão		Da dimensão para a inércia do ponto		
					1	2	1	2	Total
		Muito Pouco Importante	,000	
Pouco Importante	,125	,971	-,863	,125	,167	,208	,667	,333	1,000
Medianamente Importante	,125	,971	-,863	,125	,167	,208	,667	,333	1,000
Importante	,125	-1,942	-,863	,375	,667	,208	,889	,111	1,000
Muito Importante	,625	,000	,518	,075	,000	,375	,000	1,000	1,000
Active Total	1,000			,700	1,000	1,000			

Quadro 83. Tabela de Correspondência

Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Investimentos Governamentais					
	Muito Pouco Importante	Pouco Importante	Medianamente Importante	Importante	Muito Importante	Margem Activa
Muito Insatisfeito	0	0	0	0	0	0
Insatisfeito	0	0	0	2	0	2
Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	0	0	0	0	2	2
Satisfeito	1	0	1	0	2	4
Muito Satisfeito	0	0	0	0	0	0
Margem Activa	1	0	1	2	4	8



Sumário

Dimensão	Valor Singular	Inertia	Qui- Quadrado	Valor de Significância	Proporção de Inertia		Confidence Singular Value	
					Contabiliza da	Acumulada	Desvio de Padrão	Correlação
								2
1	1,000	1,000			,800	,800	,000	,500
2	,500	,250			,200	1,000	,217	
Total		1,250	10,000	,867 ^a	1,000	1,000		

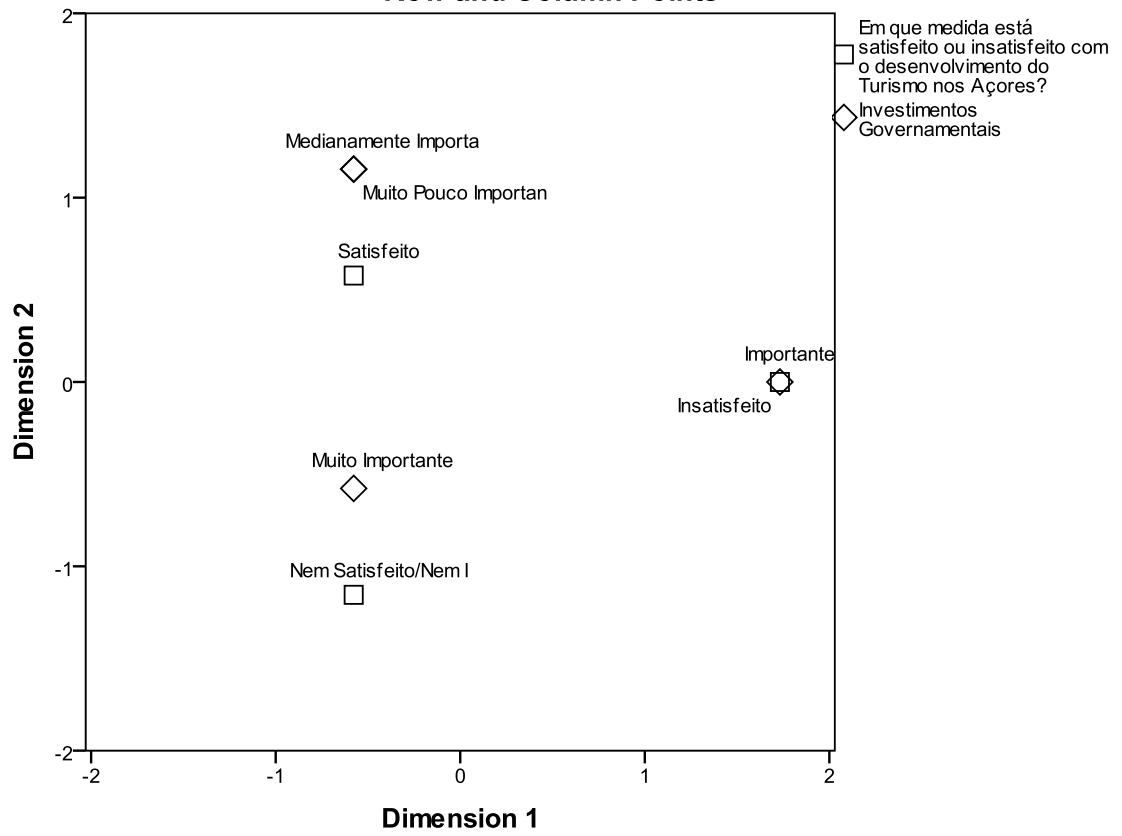
Resultados Gerais dos Pontos inseridos

Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com o desenvolvimento do Turismo nos Açores?	Massa	Score em Dimensão		Inércia	Contribuição				
		1	2		Do Ponto para a inércia da dimensão		Da dimensão para a inércia do ponto		
					1	2	1	2	Total
Muito Insatisfeito	,000								
Insatisfeito	,250	1,732	,000	,750	,750	,000	1,000	,000	1,000
Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	,250	-,577	-1,155	,250	,083	,667	,333	,667	1,000
Satisfeito	,500	-,577	,577	,250	,167	,333	,667	,333	1,000
Muito Satisfeito	,000								
Active Total	1,000			1,250	1,000	1,000			

Resultados Gerais dos Pontos inseridos no eixo da Coluna

Investimentos Governamentais	Massa	Score em Dimensão		Inércia	Contribuição				
		1	2		Do Ponto para a inércia da dimensão		Da dimensão para a inércia do ponto		
					1	2	1	2	Total
Muito Pouco Importante	,125	-,577	1,155	,125	,042	,333	,333	,667	1,000
Pouco Importante Medianamente Importante	,000								
Importante	,125	-,577	1,155	,125	,042	,333	,333	,667	1,000
Muito Importante	,250	1,732	,000	,750	,750	,000	1,000	,000	1,000
	,500	-,577	-,577	,250	,167	,333	,667	,333	1,000

Row and Column Points



Anexo 7. Exemplar do questionário dirigido às instituições culturais

Cláudia Silveira

claudia.silveira5@hotmail.com

TLM: 918840199

Exmo. Senhor Director Regional da Cultura

Dr. Jorge Augusto Paulus Bruno,

ASSUNTO: Pedido de colaboração para o preenchimento de questionário, no âmbito de um mestrado sobre “Açores, um destino cultural e paisagístico sustentável”

Eu, Cláudia Maria Pacheco da Silveira, actualmente a frequentar o segundo ano de Mestrado em Turismo com especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, estou a desenvolver uma dissertação com o seguinte tema: Açores, um destino cultural e paisagístico sustentável.

Com a dissertação pretendo dar visibilidade à junção entre o património cultural e natural num produto turístico, afirmando que a natureza também tem aspectos culturais associados. Com esta associação, no meu ponto de vista, aumenta-se a atractividade do destino ao mesmo que tempo que se diversifica a sua oferta. Desta forma, aspectos como a preservação, o planeamento, a oferta turística (pacotes turísticos), a promoção e as sinergias farão parte integrante do estudo. Esta abordagem conjunta entre natureza e cultura será inovadora no caso dos Açores, pois nunca se optou por esta estratégia explícita e sempre se constitui como uma oferta diferenciadora.

Um dos instrumentos de investigação preconizados passa pela realização de um questionário de opinião. O questionário em questão permitirá aferir, junto dos agentes culturais, os requisitos de que os Açores necessitam para apostar na introdução do *Touring* Cultural e Paisagístico, a sua visão em termos da potencialidade da junção de elementos culturais aos naturais e as suas estratégias de promoção e comunicação. Em suma, servirá para ter conhecimento da oferta cultural actual para que se possa depois alicerçar a informação disponibilizada com a oferta turística paisagística, construindo de raiz uma possível abordagem do *Touring* Cultural e Paisagístico Sustentável nos Açores.

Neste contexto, gostaria que todos os directores de serviços da instituição a que preside, bem como os dos serviços periféricos e outros que entender por bem, pudessem preencher a este questionário. Para tal, vinha solicitar a sua autorização para o efeito e informá-lo de que irei fazer circular o questionário em epígrafe pelas instituições que tutela na área da cultura. No caso da Direcção de Serviços de Bens Patrimoniais e de Acção Cultural, da Divisão para a Promoção e Dinamização da Cultura, da Divisão do Património Arquitectónico e Divisão do Património Móvel e Imaterial vinha requerer que procedesse ao direccionamento do questionário, pois não disponho de nenhuma informação relativa ao endereço das mesmas.

Muito agradeço toda a sua colaboração no preenchimento do questionário, pois este é um instrumento que se reveste de especial importância para o estudo.

Pedindo deferimento e agradecendo a atenção dispensada, subscrevo-me com respeito e consideração,

Ponta Delgada, 30 de Junho de 2011

Cláudia Silveira

Questionário para instituições culturais

Bom dia! Sou aluna de Mestrado em Turismo da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril decidi investigar o tema “**Açores, um destino cultural e paisagístico sustentável**”. Este questionário tem como objectivo reunir elementos que me ajudarão a formar uma imagem sobre o tema referido. A privacidade dos seus dados são assegurados e só serão usados para fins académicos.

Em média o questionário tem uma duração de 10 minutos. Agradeço toda a colaboração prestada.

I Parte. Informações Gerais

1. Informações sobre a instituição cultural

Nome	
Ano da sua abertura ao público	
Localização (Concelho/Ilha)	
Nº de trabalhadores	
Especializações em que tipo de manifestações culturais (se aplicável)	

2. Informações sobre o responsável da instituição cultural

Nome	
Ano em que começou a desempenhar as funções	
Nº de anos no sector cultural	
Habilitações literárias	
Área de formação	

II Parte. O sector cultural na Região

1. Em que medida está satisfeito com o desenvolvimento do sector cultural nos Açores?

Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
1	2	3	4	5

2. Quando pensa na cultura açoriana que atributos devem, na sua opinião, ser realçados? (Assinale com um X. Pode escolher mais do que uma opção).

A singularidade	
As tradições	
As personalidades literárias	
O património material e imaterial	
Os valores da população local	
A interligação entre o passado e o presente da cultura açoriana	
Outros. Quais?	

3. Em média quantas iniciativas culturais são levadas a cabo por ano pela instituição?

4. Dessas iniciativas, em média, quantas têm um objectivo eminentemente turístico?

III Parte. Cultura e Turismo

1. Segundo Ritchie e Crouch (2003), a cultura é um factor atractivo num destino turístico. Concorda com esta afirmação?

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5

2. Concorda com o “uso” da cultura pelo turismo?

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5

3. Considera necessário proceder-se a um processo de “adaptação” da cultura para a sua comercialização enquanto produto turístico? (Assinale com um X)

Não	Sim

4. Quais os aspectos que considera relevantes nessa transformação da cultura em produto turístico?

	Muito pouco importante	Pouco importante	Medianamente importante	Importante	Muito importante
Atractividade dos recursos turísticos	1	2	3	4	5
Compreender como os recursos culturais podem ser parte integrante da oferta turística dos Açores	1	2	3	4	5
Preservação e salvaguarda dos recursos e dos valores culturais	1	2	3	4	5
Infra-estruturas que respondam às necessidades turísticas	1	2	3	4	5
Gestão Sustentável dos serviços e recursos culturais	1	2	3	4	5
Cooperação de esforços entre todos os intervenientes do sistema cultural e turístico regional	1	2	3	4	5
Investimentos Governamentais	1	2	3	4	5
Formação de Recursos Humanos	1	2	3	4	5
Processo de comercialização Desenvolvimento de estratégias de marketing (interligação entre o desenvolvimento do produto e comunicação)	1	2	3	4	5
Processo de interpretação/comunicação dos Guias Intérpretes Regionais	1	2	3	4	5
Ferramentas que possibilitem a transmissão dos aspectos culturais aos visitantes (audiovisuais, folhetos e plataformas informáticas acessíveis a todas as pessoas partindo do princípio de Turismo Acessível).	1	2	3	4	5
Gestão integrada do produto (interligação entre várias experiências)	1	2	3	4	5
Qualidade de serviço, a experiência e satisfação dos visitantes	1	2	3	4	5

Outros. Quais?	
----------------	--

5. Na sua opinião, em que medida o Turismo pode contribuir para valorizar a cultura açoriana? (Assinale com um X. Pode escolher mais do que uma opção).

Difusão dos valores culturais	
Conservação do património	
Aumento de postos de trabalho	
Revalorização dos recursos degradados	
Retorno económico	
Revitalização dos centros urbanos	
Dinamização nas áreas rurais	
Outros. Quais?	

6. O que falta ao Destino Açores para promover a cultura local junto dos que nos visitam? (Assinale com um X. Pode escolher mais do que uma opção).

Conhecer a atractividade e potencialidade dos recursos culturais	
Colaboração entre as várias entidades culturais	
Análise do desempenho do sector cultural	
Auscultação junto dos visitantes	
Investimento	
Divulgação	
Outros. Quais?	

7. O produto turístico *Touring Cultural* e Paisagístico pode ser uma oportunidade para o destino Açores aliar o património cultural e o património natural. Na sua opinião, quais os factores críticos na implementação e desenvolvimento do produto? (Assinale com um X. Pode escolher mais do que uma opção).

Atractividade dos recursos culturais e naturais	
Análise das oportunidades e ameaças do produto na região	
A interligação entre o sector turístico e o sector cultural	
Infra-estruturas adequadas	

Plano de Gestão Estratégico e Operacional	
A sustentabilidade dos recursos e serviços	
Processo de adaptação da cultura e da História para fins turísticos	
Recursos Humanos especializados	
Processo de comercialização	
Outros. Quais?	

8. Vários autores defendem que a natureza tem aspectos culturais reflectidos. O que pensa de uma política de Paisagem eco-cultural?

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo/Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5

9. A exploração do património para fins turísticos, se não for correctamente planeada, pode correr o risco de cair na banalização contribuindo para a estandardização do património intangível (Ho & McKercher, 2004). Na sua opinião, de que forma se pode evitar a banalização ou a “culturistificação”? (Assinale com um X. Pode escolher mais do que uma opção).

Tornar a cultura acessível de forma autêntica	
Reunir esforços entre todos os responsáveis das instituições no âmbito cultural	
Planeamento e monitorização dos recursos e infra-estruturas	
Regulação da carga turística (nº de turistas)	
Promovendo iniciativas de turismo responsável junto das instituições e dos visitantes incitando práticas sustentáveis e conscientes	
Disponibilizar o resultado final dessas acções aos que visitam	
Outros. Quais?	

10. A qualidade, a experiência e a satisfação dos visitantes são factores muito importantes e actualmente o turista prima por uma experiência activa. Acha que a oferta cultural actual dos Açores tem potencial para corresponder a esse paradigma?

Muito pouco	Pouco	Médio	Bastante	Muito
1	2	3	4	5

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO☺

TENHA UM BOM DIA!

Anexo 8. Ofício enviado pelo Director Regional da Cultura



PRESIDÊNCIA DO GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES
DIRECÇÃO REGIONAL DA CULTURA

Ex.ma Senhora
Cláudia Maria Pacheco da Silveira
Rua da Caloura, nº 5
9560-211 Água de Pau - Lagoa

Sua referência	Sua comunicação de	Nossa Referência	Processo	Data
		SAI- DRAC/2011/4258		22-07-2011

Assunto: ENVIO DE QUESTIONÁRIO

Em resposta à sua solicitação de 30 de Junho de 2011, entrada na Direcção Regional da Cultura em 11 do corrente mês de Julho, no sentido da colaboração no preenchimento de um questionário do âmbito de um Mestrado sobre os Açores como "destino cultural e paisagístico sustentável", se remete a V. Exa., em anexo, um dos quatro exemplares recebidos, preenchido com os dados tidos como resposta global da Direcção Regional da Cultura às questões levantadas nos termos formulados, não se justificando, assim, o envio de questionários parcelares, preenchidos separadamente por Órgãos e Serviços.

Com os melhores cumprimentos,

O Director Regional da Cultura

Jorge Augusto Paulus Bruno

RB

Anexo: O indicado

Anexo 9. Enunciado da entrevista ao responsável da Associação Amigos dos Açores – Mestre Diogo Caetano.

1. A Associação Amigos dos Açores é uma organização não governamental que visa a sensibilização e a preservação da natureza junto da população local e dos que visitam os Açores. Qual é o estado de conservação do património natural dos Açores?
2. Que iniciativas têm levado a cabo e que retorno as mesmas têm?
3. Como acha que o Turismo tem sido desenvolvido em torno da natureza? (de forma sustentável ou irresponsável)
4. O princípio da Sustentabilidade pressupõe três vertentes a económica, a ambiental e a sociocultural. Na sua opinião qual é a que tem sido mais descurada nos Açores, enquanto Destino Turístico?
5. Acha que os Açores só devem apostar no Turismo de Natureza?
6. O que pensa da interligação entre a natureza e a cultura numa experiência turística?
7. Na abordagem do produto *Touring* Cultural e Paisagístico existem dois pressupostos a ter em consideração a vertente educacional e a vertente experiencial (Craik, 1997). A população local pode contribuir para a educacional, visto que conhecem bem as realidades culturais e locais (Cunnigham, 2009). O que pensa de uma cooperação entre a população local e os intervenientes turísticos?

Anexo 10. Entrevista ao Responsável pela Associação Ecológica Amigos dos Açores - Mestre Diogo Caetano

Cláudia Silveira - A Associação Amigos dos Açores é uma organização não governamental que visa a sensibilização e a preservação da natureza junto da população local e dos que visitam os Açores. Qual é o estado de conservação do património natural dos Açores?

Mestre Diogo Caetano – Pergunta muito vasta... de um modo geral o património não se pode dizer que o nível de conservação seja muito baixo, mas por outro lado também não se pode dizer que seja muito elevado e que esteja bem protegido. Na minha opinião pessoal, a gestão do património natural é vista com algumas medidas de protecção mas não com uma estratégia, portanto existem actos de protecção não concertados nas várias ilhas, não existe uma estratégia para a conservação da natureza. Foi decretada há alguns anos com a criação dos Parques de Ilha em 2006, no entanto quando se esperava que houvessem planos de ordenamento, esses planos não surgiam e agora alguns dos parques naturais de ilha que têm saído em termos de legislação, já falam num plano de acção que nunca terá a perspectiva de planeamento, será mais uma perspectiva de remediação no decurso das situações que surjam, penso que o que é mais crítico é o planeamento e a estratégia, porque falar de como está é complexo porque são nove ilhas muito diferentes e áreas muito diferentes. O que deveria haver era uma estratégia, se calhar para dar um exemplo na Lagoa de Fogo, em São Miguel move muitas paixões, é um local que é uma reserva natural um dos maiores da classificação da área natural, é um local que deveria ser regulado disciplinado onde se deveria visitar noutras condições com outro suporte e com outra vigilância e é naquele género vai-se falando disso mas todos os anos há situações ilegais, por exemplo o campismo ou fogareiros etc... fazer lume que é proibido na lagoa, todos os anos no Verão, obviamente tem sido mais no Verão. O trilho pedestre que existe até à lagoa do fogo não está classificado enquanto trilho, chegou a estar com uma escada quase a partir causava alguma dificuldade e podia causar danos no visitante. Não há uma estratégia com toda a discussão que poderia haver se fosse fechar e não deixar e conservar, nem por outro lado deixar de evitar regras, há sempre um meio-termo que neste tipo de situações que depois a médio e a longo prazo acabam por degradar o próprio património natural, penso que essa situação da Lagoa do Fogo pode ser de certa maneira uma ideia de quando não se tem estratégia.

Cláudia Silveira - Que iniciativas têm levado a cabo e que retorno as mesmas têm?

Mestre Diogo Caetano – Dentro da área do património natural, as mais participadas são as actividades de natureza principalmente os percursos pedestres temos um por mês, fazemos às vezes um outro extra, é a actividade que temos mais gente pode ser, é à volta de 50 pessoas por

mês, podendo existir depois uma actividade secundária, complementar que pode levar umas 30 pessoas. Às vezes fazemos observação de aves não de forma calendarizada e normal, fazemos também visitas de grutas, não por nós gerirmos, a gruta de Carvão que faz parte do parque de ilha, mas depois fazemos visitas a outras grutas que não estão preparadas para a visita, não é de forma regular também não tem tantas grutas como passeios, dentro de 3 meses estavam todas visitadas, São Miguel deve ter 26, mas a maior parte delas não tem dimensão não tem muito interesse. Acabamos depois, por fazer não no plano de actividades ou no terreno, publicações, roteiros pedestres, guias de plantas, guia da lagoa do fogo, relacionadas com as cavidades vulcânicas é uma área onde também temos muita actividade. Depois temos bastante actividade enquanto grupo de pressão para tentar ver se algumas questões através de serviço de tomada de associação pública, de petições de manifestos, existe sempre uma necessidade considerável, que uma actividade que se tolere e que por si resultam em nada material mas que podem no fundo despertar sentimentos e muitas das vezes algumas das situações não terão efeito prático mas que podem servir para consciencializar. No fundo toda a nossa acção que envolve desde os passeios onde as pessoas acabam por ir a locais que não conhecem e constituir conhecimento desses mesmos locais, nós chamamos a actividade “Conhecer para Proteger”, porque entendemos que sem conhecer não é possível proteger e então a nossa ideia é a de levar as pessoas aos locais um pouco pela ilha na perspectiva de haverem mais pessoas a conhecerem, de gostarem de ver e quererem preservar e deverem coisas menos boas e ficarem à alerta que surjam. O retorno maior indo à pergunta, é tentar que a sociedade, desde logo os participantes das nossas actividades e de um modo indirecto a sociedade, fiquem mais sensibilizados e acima de tudo participativos.

Cláudia Silveira - Como acha que o Turismo tem sido desenvolvido em torno da natureza? (de forma sustentável ou irresponsável)

Mestre Diogo Caetano – Eu diria nem sustentável, nem irresponsável mas insustentável seria melhor. A questão é a seguinte, vendo as actividades mais consolidadas do turismo de natureza, considerando as excursões com guias intérpretes, veículo particular talvez sejam as actividades mais generalizadas, mais fácil para quem tem pouco tempo para conhecer a ilha suficientemente. Ao nível de actividades de natureza propriamente dita, além dos percursos terrestres que já tínhamos falado, o whale watching, os jeep Tours tem vindo a crescer em termos de número, mas talvez algumas das excursões sejam duvidosas em termos de qualidade, por exemplo a rede de trilhos é fácil ir ao site para ver quantos estão fechados, quantos é que não estão preparados, ir ao local de alguns que estão abertos que poderiam estar melhor cuidados e não é cimentados, melhoria de vista às vezes desviar a água que tem no piso para evitar o infastamento, coisas simples que podem fazer a diferença e que dão uma visibilidade diferente de alguns trajectos que nós temos que até têm alguma procura, mas que têm pouco

integração no interface da natureza e do turismo. Eu penso que há todo o conjunto de medidas que poderia tornar o turismo sustentável mas que talvez pela mesma razão que estávamos a falar do património natural não ser visto o produto turístico, animação turística como um valor integrado fazem-se coisas isoladas que acabam por dispersar a ideia dos Açores, enquanto destino ecoturístico. Apesar de nós muitas das vezes por sermos pouco eficientes, ah sim isso é muito interessante, mas quem vem de zonas realmente, um turista experiente que vem de locais que estão realmente vocacionados para o ecoturismo, mas ecoturismo mesmo. Falando isso de outra forma, tentamos vender uma coisa que não corresponde, certamente que fica um pouco desiludido pela falta de preparação dos locais no aspecto natural, não estou a falar de infra-estruturas nem do aspecto turístico “per si” que também não é nada favorável. O turismo em torno natureza acho que não tem sido aproveitado ao nível que poderia ser comparativamente a outros locais que têm menos e comparando assim no contexto Açores, Madeira e Canárias que são ambientes aproximados, nós acabamos por ser talvez o que têm mais argumentos em termos naturais e se calhar dos que aproveitamos menos. Poderemos colocar outras questões que as Canárias estão mais próximas de África ou que têm mais população, de qualquer das formas nós não invalida que pudéssemos aproveitar melhor porque temos muito mais elementos e acabamos por não lhe dar a visibilidade que poderiam ter, apesar de vendermos o turismo com uma visão idílica, mas é vendida de forma tão idílica tão perfeita, tão perfeita que as pessoas que vêm nos postais que cá vêm pois, só vêm aqueles três ou quatro pontos que correspondem realmente à ideia preconcebida de mundo idílico de mundo perfeito, não há um em termos naturais uma integração completa.

Cláudia Silveira - O princípio da Sustentabilidade pressupõe três vertentes a económica, a ambiental e a sociocultural. Na sua opinião qual é a que tem sido mais descurada nos Açores, enquanto Destino Turístico?

Mestre Diogo Caetano – Todas, porque elas são interdependentes. Porque se formos a ver estamos a falar da vertente ambiental, da ambiental e da natureza que são coisas distintas, uma questão será a conservação da natureza, dos locais ecologicamente mais conservados. Outra coisa é a questão ambiental que vai desde termos modelos energéticos eficientes e de serem pouco poluentes, ambiente é muito mais do que natureza. A questão, nós já tínhamos feito essa análise não está assim tão desenvolvido, se formos a ver do ponto de vista de actividades desde a restauração à hotelaria não temos também uma qualidade de serviço como é possível encontrar noutros locais até à partida com menos valias, menos argumentos talvez que nós, que acabam por ter um serviço muito completo, muito diversificado e nós acabamos por ter uma dificuldade muito grande porque que há uma ideia instituída de que as “paisagens enchem barrigas”. Depois em termos de serviço, não há um serviço coerente e uma outra postura perante quem nos visita e

isso reflecte-se economicamente e socialmente porque se nós tivéssemos mais actividades de natureza, a área de natureza bem conseguida e que fizessem ficar mais pessoas mais tempo, dava mais dinheiro porque as pessoas ficavam, dormiam e comiam, alugavam mais carros, andavam de autocarro teriam sempre que consumir mais e esse consumo dariam mais emprego. Descurado é uma palavra um bocadinho forte, eu penso que um destino turístico, uma coisa leva á outra, a única que pode ficar de fora eventualmente é o ambiente em alguns destinos turístico que se viram muito para questões de massa. Penso que quando se consegue levar realmente o ambiente enquanto vértice deste triângulo certamente que os outros vão atrás, porque o turismo de natureza pois também não vale única e exclusivamente por si, o turismo cultural também num interdependente porque é complementar porque as pessoas que vêm conhecer a natureza acabam por conhecer a cultura.

Cláudia Silveira - Acha que os Açores só devem apostar no Turismo de Natureza? /O que pensa da interligação entre a natureza e a cultura numa experiência turística?

Mestre Diogo Caetano – Eu penso que não. Principalmente a cultura, acredito que existem alguns locais, algumas pessoas podem visitar, que podem vir de outros locais, podem entender que 500 anos de história é pouca história comparando com o grande centro da Europa, ou até mesmo Portugal Continental que podem ter muito mais história, mas não deixa de ser rica pelos 500 anos e não deixa de ser rica pela diferença cultural que existe de ilha para ilha porque o isolamento leva também à diversidade cultural e nesse aspecto acho que deve ser também toda a questão cultural deve ser bem estudada e viabilizada porque é muito complementar, pois penso que a maior parte dos turistas de natureza vêm à procura de conhecimento de ver os locais e as paisagens de conhecer mais e noutra perspectiva associada muita das vezes à actividade física, aqueles que vêm cá especificamente para fazer mergulho ou canoing, actividades que são mais duras fisicamente, mas de qualquer das formas há sempre uma ideia de conhecimento associada a essas actividades, neste aspecto o mesmo turista penso também não vindo propriamente à procura só da cultura, a cultura é complementar, até no próprio guia de turismo da natureza onde as actividades decorrem a maior parte delas durante o dia, é normal que quem vem queira saber o que as pessoas cá fazem, até para gastar o restante de tempo que têm. Não querendo descurar os que alguns vêm propriamente à procura da cultura, penso que não deixaria de ser uma aposta interessante em termos turísticos.

Cláudia Silveira - Na abordagem do produto *Touring* Cultural e Paisagístico existem dois pressupostos a ter em consideração a vertente educacional e a vertente experiencial (Craik, 1997). A população local pode contribuir para a educacional, visto que conhecem bem as

realidades culturais e locais (Cunnigham, 2009). O que pensa de uma cooperação entre a população local e os intervenientes turísticos?

Mestre Diogo Caetano – Penso que se não houver cooperação entre a população local e os intervenientes turísticos não há turismo. Quer dizer haver turismo pode haver mas o produto não é consolidado, se nós não tivermos gosto em vender, em mostrar receberemos sempre, mas captaremos menos do que quando nós somos conhecedores e entusiastas do nosso próprio património e diversidade cultural. Penso que a população local deve ser mais envolvida mas também deixar envolver-se, depois também se formos a ver isto numa análise mais completa talvez teremos em algumas das ilhas, nomeadamente a de São Miguel uma cultura que não é muita aberta à actividade turística, o que depois acaba por beliscar a possível qualidade do produto turístico como um todo, não vendo aqui a questão da natureza, sobretudo leva depois a uma avaliação, o nível de satisfação não acaba só nas paisagens. Penso que a questão da população local ir mais além do que receber bem, os ecomuseus foi uma ideia que surgiu em S. Jorge, consistia em actividades tradicionais, as próprias pessoas que trabalharam nestas actividades num contexto turístico, era importante para que o turismo pudesse dar postos de trabalho nas áreas rurais. Nós muitas das vezes o temos que fazer é procurar ajustar o produto, como também acho que o Touring Cultural a nível das cidades, Ponta Delgada, Angra e Horta poderia ter mais expressão. Em Ponta Delgada não existe trilhos urbanos, são trajectos definidos com marcação própria tendo factos históricos, poderia ter-se um pacote.

Cláudia Silveira -Na questão paisagística concorda que a natureza tem aspectos culturais reflectidos?

Mestre Diogo Caetano – Sim, a Paisagem das Sete Cidades, é eminentemente cultural das Furnas. Se for à legislação do Parque de Ilha, tudo o que seja intitulado Paisagem Protegida, pela própria definição que está na legislação, não é uma paisagem protegida pela sua conservação, é pela interacção dos elementos da natureza com a actividade humana. Se olharmos para a caldeira das Sete Cidades quase nada é natural, toda a paisagem está transformada contrariamente á Lagoa do Fogo que está muito menos transformada. Penso que em termos culturais, quem diz portanto do Monte da Guia do Faial, no Faial e do Monte Brasil, na Terceira não deixam de ser a mesma situação. Mas de qualquer das formas existem variadíssimas paisagens que têm interacção humana e outras que não, se formos para a Tronqueira (ilha de S. Miguel) a interacção humana ainda é menor do que na Lagoa do Fogo, mas não deixa também de ser uma parte de cultura pois as pessoas não deixam de ter uma ligação, uma certa afinidade com a paisagem. No aspecto de paisagem com intervenção humana, as paisagens protegidas são uma ligação directa à cultura e á sociedade porque são

paisagens transformadas, no caso das Setes Cidades ou das Furnas vivem populações dentro da própria área protegida o que leva que aquela área está muito ligada à actividade humana. No paisagismo, nós tentamos muitas vezes vender um turismo exclusivamente paisagista, e esse se calhar é o maior erro, pensa-se que a pessoa chegue às Sete Cidades e desde que tenha aquela paisagem naquele sítio tudo o resto está bom, vivemos muito do momento, portanto por exemplo uma imagem que é altamente explorada a Lagoa das Patas nas Flores, se a maior parte das pessoas soubesse da falta de qualidade que existe generalizada no serviço turístico que existe nas Flores, se calhar alguns pensavam duas vezes, por exemplo o serviço de restauração etc, está muito pouco desenvolvido, a ilha é pequena mas tudo tem que ser ajustado com poucos custos, tem que se pensar muito bem não lamentando o facto de sermos pequenos, mas saber trabalhar bem o produto turístico.

Anexo 11. Enunciado da entrevista ao Director Regional do Turismo – Dr. Miguel Cymbron.

1. A estrutura orgânica actual que abrange a actuação governamental na área de Turismo tem correspondido às exigências do mercado? (de que forma)
2. O Turismo enquanto actividade económica, é reconhecido pelos benefícios que acarreta como os seus efeitos multiplicadores (aumento de posto de trabalho, valorização da cultura local e posteriormente os fluxos económicos deixados na Região). No geral como descreve a contribuição do Turismo no destino Açores?
3. No que diz respeito ao ciclo de vida de um destino Turístico, em que fase na sua opinião se encontram os Açores?
4. Os Açores têm sido muitas vezes descritos como um Destino de eleição para Turismo de Natureza. Na promoção aquando da FITUR 2011 constata-se a sua afirmação: “(...) a imagem da Região como um destino de Natureza que valoriza cada vez mais o turismo experiencial”. Acha correcto um Destino Turístico basear a sua oferta turística num só produto turístico, como parece ser o caso dos Açores?
5. Um Destino Sustentável deve ter uma oferta diversificada, que assegure a consistência da actividade turística. O que falta ao destino Açores para potenciar novos produtos turísticos?
6. Existe actualmente alguma estratégia que alie o turismo e a cultura?
7. O *Touring* Cultural e Paisagístico poderá ser um produto benéfico para o Destino Açores, na medida em que na parte paisagística (natureza/paisagem) também a cultura está presente. Na parte cultural seria aproveitar todos os monumentos com valores históricos, patrimoniais e arquitectónicos. Qual a razão para este produto ainda ser sobrevalorizado?

(Identidade cultural/complemento ao produto de natureza com uma visão inovadora Paisagem = Natureza+ Cultura).

Anexo 12. Entrevista ao Director Regional do Turismo - Dr. Miguel Cymbron

Cláudia Silveira - A estrutura orgânica actual que abrange a actuação governamental na área de Turismo tem correspondido às exigências do mercado? (de que forma)

Dr. Miguel Cymbron – Sim. O Turismo de Portugal estabeleceu as ARPT (Agências Regionais de Promoção Turística), neste caso é a ATA (Associação de Turismo dos Açores), que possui o direito privado de contratualização com o Turismo de Portugal a nível de verbas para a promoção. Existem assim dois órgãos operativos a Direcção Regional do Turismo que implementa linhas e a ATA que promove.

Cláudia Silveira -O Turismo enquanto actividade económica, é reconhecido pelos benefícios que acarreta como os seus efeitos multiplicadores (aumento de posto de trabalho, valorização da cultura local e posteriormente os fluxos económicos deixados na Região). No geral como descreve a contribuição do Turismo no destino Açores?

Dr. Miguel Cymbron - (falou sobre os vários impactos económicos que abrangem todos os destinos turísticos).

Cláudia Silveira - No que diz respeito ao ciclo de vida de um destino Turístico, em que fase na sua opinião se encontram os Açores?

Dr. Miguel Cymbron – Os Açores estão em fase de crescimento.

Cláudia Silveira - Os Açores têm sido muitas vezes descritos como um Destino de eleição para Turismo de Natureza. Na promoção aquando da FITUR 2011 constata-se a sua afirmação: “(...) a imagem da Região como um destino de Natureza que valoriza cada vez mais o turismo experiencial”. Acha correcto um Destino Turístico basear a sua oferta turística num só produto turístico, como parece ser o caso dos Açores?

Dr. Miguel Cymbron –

Cláudia Silveira – Um Destino Sustentável deve ter uma oferta diversificada, que assegure a consistência da actividade turística. O que falta ao destino Açores para potenciar novos produtos turísticos?

Dr. Miguel Cymbron – Consolidar os produtos actuais, sendo a nova aposta no Turismo de Saúde e Bem-Estar.

Cláudia Silveira - Existe actualmente alguma estratégia que alie o turismo e a cultura?

Dr. Miguel Cymbron – Existem várias estratégias, apesar de a nossa diferença cultural não nos permitir um impacto forte ao invés do Turismo de Natureza.

Cláudia Silveira - O *Touring Cultural e Paisagístico* poderá ser um produto benéfico para o Destino Açores, na medida em que na parte paisagística (natureza/paisagem) também a cultura está presente. Na parte cultural seria aproveitar todos os monumentos com valores históricos, patrimoniais e arquitectónicos. Qual a razão para este produto ainda ser sobrevalorizado?

Dr. Miguel Cymbron – É o produto mais antigo, o *Touring Cultural e Paisagístico*, sendo especialmente apreciado pelo mercado nacional.

Anexo 13. Enunciado da entrevista ao Director Regional da Cultura - Dr. Jorge Bruno

1. A Direcção Regional da Cultura é um órgão que actua na área da cultura. Quais são as suas competências no sector cultural?
2. Que iniciativas têm sido levadas a cabo para promover a cultura açoriana?
3. Existem estratégias que visam a captação do público estrangeiro em específico ou são de carácter abrangente?
4. No caso dos Açores, enquanto destino turístico, a cultura de acordo com os inquéritos de satisfação dos turistas no Destino Açores desenvolvidos pelo Observatório de turismo dos Açores com a colaboração do Centro de Estudos de Economia aplicado do Atlântico, referente ao Inverno de 2007/2008 a cultura apresenta valores baixos (1,53) considerando as motivações dos turistas. Como explica estes dados?
5. Quais os esforços que têm sido feitos no *interface* entre o turismo e a cultura?
6. No que diz respeito às infra-estruturas culturais acha que estão aptas para responder às necessidades dos turistas?
7. O Produto *Touring* Cultural e Paisagístico privilegia rotas temáticas de diversos tipos de património natural, paisagístico, histórico e cultural. Como tem sido feita a sua aplicação nos Açores?

Anexo 14. Entrevista ao Director Regional da Cultura - Dr. Jorge Bruno

(A entrevista foi suporte por áudio, mas por problemas técnicos, não consegui recuperar na íntegra a dimensão da mesma. Assim sendo, a informação abaixo escrita resultou das notas retiradas aquando do momento da entrevista)

Cláudia Silveira - A Direcção Regional da Cultura é um órgão que actua na área da cultura. Quais são as suas competências no sector cultural?

Dr. Jorge Bruno – A estrutura governativa possui vastas competências, mas dentro da temática do seu estudo interessa-lhe mais as questões relacionadas com a política do património cultural (imaterial como as tradições, móvel as colecções particulares e o imóvel sendo o caso dos centros históricos). No fundo possui a competência de política de gestão do património através de iniciativas como os inventários (avaliam o estado de conservação do imóvel), a garantia da conservação dos bens patrimoniais para as gerações futuras e o estímulo à criação artística criando condições para tal.

Cláudia Silveira - Que iniciativas têm sido levadas a cabo para promover a cultura açoriana?

Dr. Jorge Bruno – São de contexto muito vasto, como a promoção da continuidade de produção cultural disponibilizando condições eficazes. Os sistemas de apoios na publicação de livros, nas filarmónicas. Ao nível do património o apoio à conservação e revitalização junto dos imóveis classificados e a zona adjacente de forma a corrigir toda a dissonância existente. De relevar igualmente o plano de investimentos.

Cláudia Silveira - Existem estratégias que visam a captação do público estrangeiro em específico ou são de carácter abrangente?

Dr. Jorge Bruno – São de carácter abrangente. Cabe ao sector do turismo captar os nichos para os produtos turísticos. A cultura é criada para consumo local de forma a perpetuar o valor patrimonial existente.

Cláudia Silveira - No caso dos Açores, enquanto destino turístico, a cultura de acordo com os inquéritos de satisfação dos turistas no Destino Açores desenvolvidos pelo Observatório de turismo dos Açores com a colaboração do Centro de Estudos de Economia aplicado do Atlântico, referente ao Inverno de 2007/2008 a cultura apresenta valores baixos (1,53) considerando as motivações dos turistas. Como explica estes dados?

Dr. Jorge Bruno – Esta pergunta deverá ser colocado ao sector do Turismo, pois primeiramente a cultura é produzida para o consumo da população local. É normal que no inverno os museus não tenham tanta afluência, mas nós oferecemos os mesmos produtos de inverno ou de verão. Os turistas não vêm por outras questões o clima, não estão no seu período de férias... Claro que no verão procuramos facilitar as visitas através de um reforço a nível de horários por parte das instituições culturais.

Cláudia Silveira - Quais os esforços que têm sido feitos no *interface* entre o turismo e a cultura?

Dr. Jorge Bruno – Uma das linhas de estratégia do governo regional passa pela articulação de sinergias entre a cultura, o ambiente e o turismo. Neste caso destacam-se o lançamento de dois roteiros culturais “Roteiros Personalidades”, Roteiro de Antero de Quental (Ponta Delgada), Roteiro de Vitorino Nemésio (vários pontos da ilha Terceira) e Roteiro Manuel de Arriaga (Faial e Pico). Assim os turistas poderão através de um mapa em papel ou pode ser descarregado em pdf aceder aos roteiros e fazê-lo através da informação contida nos mesmos, tanto para a população local (escolas e outras) como também para os turistas.

Cláudia Silveira - No que diz respeito às infra-estruturas culturais acha que estão aptas para responder às necessidades dos turistas?

Dr. Jorge Bruno – Penso que sim, a rede regional de Museus encontra-se actualmente em processo de requalificação, sendo este um processo longo que envolve montantes avultados. Por exemplo o Museu de Santa Maria possui um museu dedicado ao barro e à cerâmica e em breve irá proceder-se à edificação de um pólo na vila de porto de forma a facilitar o acesso. O museu Polinucleado de Carlos Machado foi alvo de remodelação nos seus núcleos de Santo André e de Santa Bárbara. O museu de Angra do Heroísmo tem patente uma exposição que reflecte momentos da história local. O museu da Graciosa possui a estrutura museológica mais recente sendo concluída em Dezembro do ano passado. O museu dos Baleeiros, na ilha do Pico bate os recordes em número de visitantes de acordo com as estatísticas de frequência aos museus, virá a ser ampliado com um auditório possibilitando as valências para lançamentos de livros, conferências. O museu da Indústria Baleeira de S. Roque do Pico, mais concretamente os seus espaços exteriores irão sofrer alterações. No que diz respeito ao museu da paisagem cultural da ilha do Pico (UNESCO), no mês de Agosto o museu já se encontra dotado de interpretação turística explicando a história do vinho e como se processavam as vindimas. O museu da Horta necessita de alterações, para posteriormente levar a cabo uma exposição alusiva ao mar, às navegações, pois a ilha do Faial teve o contributo do mar para o seu desenvolvimento. O museu

das Flores irá proceder à reformulação da exposição dotando-o de um núcleo referente à antiga fábrica da baleia.

A linguagem museológica não é intemporal, pois é um ciclo contínuo sofrendo alterações de cinco em cinco anos sendo necessário adoptar as estruturas para a progressividade da evolução cultural.

Cláudia Silveira – O Produto *Touring* Cultural e Paisagístico privilegia rotas temáticas de diversos tipos de património natural, paisagístico, histórico e cultural. Como tem sido feita a sua aplicação nos Açores?

Dr. Jorge Bruno - Esta aplicação é feita através do investimento de cada sector respeitante ao seu domínio cultural, turístico e ambiental. Cada um tem investido na sua área, criando produtos com a direcção regional do turismo e com a direcção regional do ambiente. Ao nível do terreno os directores dos museus fazem a ligação com os intervenientes turísticos procurando auscultar quais as motivações e necessidades sentidas por parte dos turistas.

Anexo 15. Enunciado da entrevista à Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada - Dr^a Berta Cabral

1. A nível da estrutura orgânica, existe na Câmara Municipal de Ponta Delgada algum departamento direccionado para o âmbito turístico?
2. Pelo que pude constatar não existe nenhum Plano Estratégico de Turismo para nenhum município dos Açores. Como justifica esta ausência numa região que vê no Turismo um dos pilares da sua economia?
3. Como caracteriza actualmente o Turismo no centro histórico de Ponta Delgada?
4. Na sua opinião o que falta ao centro histórico de Ponta Delgada para se tornar acessível para consumo turístico?
5. O seu mandato tem vindo a ser demarcado pelas iniciativas culturais. Porque atribui tanta importância à proliferação da nossa cultura?
6. A Câmara Municipal de Ponta Delgada elaborou um roteiro do Património Cultural. O que despoletou esta iniciativa?
7. A importância do inventário de recursos turísticos reside na informação que após o levantamento dos recursos contém, sendo útil para o delineamento de objectivos, estratégias e programas operacionais da oferta turística (Umbelino, Portugal, Ferreira e Sousa, 1993). Porque razão ainda não existe um inventário dos recursos turísticos para o Centro Histórico de Ponta Delgada?
8. O Touring Cultural e Paisagístico poderá ser um produto benéfico para o Destino Açores, na medida em que na parte paisagística (natureza/paisagem) também a cultura está presente. Na parte cultural seria aproveitar todos os monumentos com valores históricos, patrimoniais e arquitectónicos. Qual a razão para este produto ainda ser sobrevalorizado?

Anexo 16. Testemunho escrito pela Dra. Berta Cabral, Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Testemunho da Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada no âmbito de um pedido de entrevista integrado num mestrado de Turismo, solicitado pela licenciada Cláudia Maria Pacheco da Silveira.

12 de Setembro de 2011



Trabalho da CMPD no Turismo: A Câmara Municipal de Ponta Delgada não tem propriamente um departamento ligado ao turismo. No entanto, também trabalha sempre neste sentido, quer através da realização das grandes obras no campo das acessibilidades, quer na criação de infra estruturas ambientais, quer na divulgação dos nossos costumes e tradições, quer ainda na realização de inúmeras iniciativas que promovem a animação da cidade.

Nas acessibilidades podemos citar apenas duas, entre muitas, das mais importantes obras da autarquia, pelo facto de estas terem contribuído para unir e aproximar várias freguesias do concelho à cidade.

O primeiro exemplo é a Avenida do Mar, uma das intervenções estruturantes do Município com impacto económico e social, no Turismo e no Ambiente. Esta obra permitiu a requalificação, consolidação e valorização ambiental da frente marítima de São Roque, oferecendo condições melhores e mais seguras para os munícipes residentes ao longo da costa. Garantiu, ainda, uma via litoral de interesse turístico, que agora liga o complexo de piscinas e a marina de Ponta Delgada à zona das praias na freguesia de São Roque. Assegurou a plena integração da freguesia da mesma freguesia na malha urbana da cidade, com impacto seguramente positivo para o desenvolvimento local de carácter social e económico. Criou, ao mesmo tempo, uma alternativa vantajosa à complexa circulação automóvel na estrada regional e bem assim a solução de estacionamento para dezenas de viaturas em dois novos parques estrategicamente localizados. Disponibilizou, também, estruturas adequadas para atividades

saudáveis – ciclovia, parques infantis, passeio pedonal e circuito de manutenção – capazes de contribuir para uma vida com qualidade. Possibilitou, ainda, a recuperação e valorização de património edificado com interesse histórico, como a muralha do Poço Velho e, sobretudo, o antigo Forno da Cal agora adaptado a miradouro.

A valorização paisagística e a criação de condições para o turismo formam a dicotomia perfeita entre a proteção do meio ambiente e a conservação da natureza. A praia, enquanto símbolo de lazer, de interação, de desfrutar do sol e dos banhos que o mar nos alimenta, é um lugar que merece ser preservado. Valorizar e criar condições para que esta realidade seja um estilo e um modo de vida saudáveis e dignos de contemplação pessoal, familiar e social é um desafio que a Câmara Municipal de Ponta Delgada tem conseguido atingir.

O segundo exemplo, é a Radial do Pico do Funcho, que liga a cidade e as freguesias urbanas a toda a costa norte do concelho. Esta obra promove um incentivo ao investimento privado em novos territórios, novas vivências e novas formas de mobilidade.

A Radial do Pico do Funcho foi uma intervenção sem precedentes e com o emblema do poder local; foi uma obra pensada, projetada, concebida e concretizada com responsabilidade e rigor. Este é um exemplo de que no nosso concelho não existem distâncias que inibam o contacto com cada espaço de Ponta Delgada.

Com a nova via, Ponta Delgada conquistou uma nova visibilidade, proximidade e maturidade.

No ambiente, não podemos esquecer a criação do Parque Urbano da Cidade, o maior património natural concebido de raiz por uma Câmara Municipal nos Açores e consolida uma nova era para Ponta Delgada.

Criado numa área de 20 hectares, o Parque Urbano é um símbolo de sustentabilidade ambiental, que incentiva e sensibiliza os munícipes, da criança ao idoso, para a adopção de estilos de vida saudáveis, além de

confirmar o interesse e especial preocupação do Município pela saúde, bem-estar e hábitos saudáveis dos nossos munícipes.

Esta obra feita com os olhos postos no futuro, tem vindo a contribuir para fomentar uma mudança na forma como os indivíduos e as comunidades pensam, compreendem e tomam decisões sobre as suas práticas quotidianas em prol da saúde e bem-estar.

Com o novo pulmão verde a autarquia aposta na qualidade ambiental, no progresso e até mesmo no turismo.

Plano Turismo: A Região Autónoma dos Açores possui um plano de turismo e as autarquias participam neste importante sector de desenvolvimento pelo trabalho que fazem individualmente pelos respectivos concelhos. Aliás, o trabalho das autarquias é meritório a todos os níveis de desenvolvimento, até porque com menos verbas conseguem fazer sempre mais e melhor trabalho, quer na criação de infra-estruturas, quer na divulgação das suas realidades específicas a quem nos visita.

Actualmente, Ponta Delgada conhece um desenvolvimento sem precedentes, ao nível da habitação, da rede viária, da economia, da construção civil, de equipamentos desportivos e culturais, do apoio social, da animação entre outros.

Somos, na verdade, o maior concelho dos Açores e aquele que reúne a maior diversidade de oferta seja ao nível económico, turístico ou recreativo e cultural.

Ponta Delgada é um concelho que preserva as suas raízes através de tradições e padrões culturais, incrementa novas formas urbanas tendo em linha de conta a requalificação dos seus traços históricos.

Ponta Delgada cria mecanismos de sustentabilidade pela maximização do ambiente e do contacto com a natureza e com o mar, incentiva o empreendedorismo e o tecido empresarial, impulsiona relações assertivas e de proximidade com as pessoas residentes em todas as freguesias ao mesmo

tempo que se mantém próxima dos nossos emigrantes da Diáspora, e conquista os visitantes com uma oferta diversificada de cultura e de lazer que a tornam única no país.

É neste quadro de referência que a Câmara Municipal de Ponta Delgada tem vindo a trabalhar nos últimos anos em prol do desenvolvimento do concelho.

Aliás, fazer crescer este concelho, torná-lo mais competitivo e digno de oportunidades tem sido uma meta que atingimos em cada passo que damos, desde as estratégias concebidas para o centro da cidade aos recursos aplicados em todas as freguesias. Na verdade, para o nosso trabalho as distâncias não têm sido barreiras. São motivos que nos fazem querer fazer muito mais e melhor.

Temos cinco praias, três conjuntos de piscinas, campos de golfe e de ténis, desportos náuticos, marina, o maior número de unidades hoteleiras, comércio, restauração e bares, infra estruturas de apoio ao turismo de congressos, um valioso património edificado de cariz cultural e, sobretudo, uma paisagem deslumbrante na cidade e no meio rural. Destaque aqui para os nossos jardins, recheados de história e de espécies arbóreas, cujos recantos merecem uma visita detalhada.

Possuímos, igualmente, um cartaz de eventos recheado de tradição e modernidade, desde o Carnaval, às Festas do Senhor Santo Cristo, ao Sata Rally Açores ou as Grandes Festas do Divino Espírito Santo, impondo-se sempre uma visita a uma das mais emblemáticas salas de espectáculos dos Açores: o Coliseu Micaelense.

O visitante encontra em Ponta Delgada uma porta de entrada que caracteriza a atmosfera dos Açores e que identifica a tradição de um povo com a modernidade incrementada nos processos de mudança adequadamente concebidos.

A arte do bem receber, que tanto nos caracteriza, com o incentivo na diversidade da oferta turística faz de Ponta Delgada um concelho de

referência cada vez mais procurado por visitantes de todas as partes do mundo.

Centro Histórico: O Centro Histórico de Ponta Delgada tem sofrido várias remodelações nos últimos anos, o que tem contribuído para se tornar cada vez mais atractivo para quem nos visita. É um local de paragem obrigatória para aqueles que escolhem a nossa cidade para passar férias ou até mesmo para os que aqui vêm em trabalho.

O Centro Histórico de Ponta Delgada, além de ser um dos palcos privilegiados da animação de Verão na cidade (animação de rua, sobretudo), está também a sofrer uma alteração significativa ao nível da recuperação de imóveis.

A Câmara Municipal em acordo com a Câmara do Comércio e através do programa REVIVA, está a contribuir para a revitalização do centro histórico e comercial da cidade, quer em relação aos incentivos de isenção de taxas, quer em relação ao investimento de marketing.

O programa de reabilitação do centro histórico de Ponta Delgada (REVIVA) começou em 2007, com um diagnóstico da situação social e económica do centro histórico. Seguiu-se um conjunto de visitas a várias cidades nacionais onde existem programas de dinamização e reabilitação com resultados palpáveis. No final daquele ano, a autarquia aprovou um pacote de medidas de combate à crise e uma nova proposta de benefícios fiscais para 2008 associados à reabilitação urbana da cidade.

Em 2009, a Câmara Municipal renovou o conjunto de incentivos fiscais que ajudaram, de forma substancial, a travar os custos de construção, reconstrução, alteração, ampliação, demolição e conservação de edifícios, loteamentos e obras de urbanização que tenham por objectivo a recuperação e reconversão urbanística de edificações na área do centro histórico de Ponta Delgada, definido no Plano Director Municipal e no Plano de Urbanização.

Estamos em 2011 e o REVIVA já contribuiu para a reabilitação de centenas de imóveis do Centro Histórico de Ponta Delgada.

Cultura: Ponta Delgada tem vindo a apostar na cultura com vista ao desenvolvimento, tendo como princípio fundamental a subordinação dos objectivos, dos meios e das estratégias de desenvolvimento aos modos de sentir, pensar e agir das pessoas e dos grupos, a cujas necessidades cabe dar satisfação e cujas aspirações e projectos devemos concretizar em nome da riqueza cultural do nosso concelho.

Apoiar, promover, divulgar são acções que para a Câmara Municipal se conjugam bem com cultura e com liberdade. Ponta Delgada é um concelho com uma agenda cultural própria, rica e diversificada. Um projecto de que não prescindimos e que tem de ser sempre fomentado em nome das nossas gentes.

Do Jazz ao rock, do folclore à música clássica, da música étnica ao teatro, da dança ao cinema, das artes plásticas à literatura, colaboramos em centenas de eventos em prol da cultura.

O nosso investimento em mais e melhor cultura revela uma especial preocupação da Câmara em alavancar todos os mecanismos para colocar Ponta Delgada no mapa das capitais culturais como um templo urbano de cultura.

Volvidos quase 11 anos desde que assumimos o compromisso de fazer de Ponta Delgada um concelho feliz, conseguimos cartografar a distribuição de práticas culturais por diferentes localidades. Proporcionamos a ocupação de espaços culturais em cada uma das nossas 24 freguesias.

O investimento tem sido grande mas vale a pena porque garantir o acesso de todos os munícipes à cultura é assegurar a primazia da inteligência e promover a formação integral dos nossos concidadãos.

A política cultural desenvolvida pela autarquia tem assentado em dois vectores essenciais: a promoção dos valores culturais e o estabelecimento de condições para que os criadores culturais possam divulgar as suas obras ao grande público.

Através do Coliseu e da empresa municipal ANIMA, temos diversificado a oferta cultural na cidade. Mas temos procurado igualmente descentralizar os eventos culturais, não só através das semanas culturais que apoiamos em todas as freguesias do concelho, como ainda levando espectáculos de música e de teatro a cada uma delas.

Divulgar a cultura e promover a animação turística são, para nós, um projeto de continuidade. São o abrir as portas do conhecimento a todos aqueles que desejam compreender melhor os Açores e os Açorianos que, nestas ilhas de futuro, insistem em honrar a nossa história e o nosso passado.

Encontramos em Ponta Delgada um dos mais emblemáticos projectos da empresa municipal ANIMA – Cultura, que é o programa “Noites de Verão”, que decorre desde 2002 no Campo de São Francisco e se desenvolve entre os meses de Junho e Setembro. É um programa criado com o intuito de revitalizar um dos principais centros históricos de Ponta Delgada, com estruturas de comes e bebes, animação diária de grupos musicais e exposição e venda do artesanato regional.

As Noites de Verão criaram espaço e oportunidade para também incentivar os novos talentos e valorizar os projectos musicais oriundos das diferentes freguesias do concelho e do arquipélago.

Património: A publicação do Roteiro do Património Cultural serviu, sobretudo, para consciencializar os munícipes e os turistas da importância dos monumentos e do seu usufruto.

Este roteiro gratuito, onde estão representados 18 monumentos da cidade, entre casas e igrejas, constitui um novo produto que pretende fomentar um ambiente cultural e de fidelização de um turismo de qualidade.

A Câmara Municipal de Ponta Delgada lançou este roteiro inédito, no qual estão representados imóveis erguidos entre os séculos XVI e XX.

Paralelamente, a autarquia está envolvida noutro projecto, iniciativa da ARDE (Associação Regional para o Desenvolvimento) que visa a criação dos guias culturais das 20 freguesias rurais do concelho. Também neste caso o objectivo é divulgar a promoção destas freguesias em termos culturais e turísticos.

Estes guias abordam a riqueza tradicional, a situação actual e a perspectiva futura do património cultural (material e imaterial) de cada freguesia, inseridos no seu contexto social. Além disso, divulgam e valorizam as potencialidades próprias de cada uma das 20 freguesias não citadinas do concelho junto do grande público, designadamente com interesse turístico.

Recurso Turísticos, Culturais e Paisagísticos: Os recursos culturais já estão divulgados, quer através do Roteiro do Património, quer através da agenda anual distribuída gratuitamente, quer também através dos Guias Culturais das freguesias rurais.

Quanto aos recursos turísticos e paisagísticos existentes no concelho de Ponta Delgada são amplamente conhecidos de quem nos visita. Todavia, os Guias Culturais das 20 freguesias rurais do nosso concelho, também acabam por divulgar mais esses mesmos recursos. Este é, de resto, um dos objectivos da iniciativa da ARDE, que conta com o apoio da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Por outro lado, convém referir que Divisão de Acção Social da Câmara Municipal de Ponta Delgada tem entre mãos o Roteiro Saudável da cidade e do concelho. Trata-se de uma brochura na qual podem ser encontrados todos os espaços, quer ao ar livre, quer entre portas, onde os munícipes

podem adquirir hábitos de vida saudável. Este roteiro também poderá ser útil para os nossos turistas que procuram, sobretudo, a natureza.

Desde o Parque Urbano, passando pela Avenida do Mar ou pelo Jardim António Borges e muitos outros espaços verdes e propícios à prática de exercícios físicos, até aos inúmeros espaços de lazer criados na cidade e nas freguesias do concelho, o Roteiro da Cidade Saudável vai incluir toda a informação útil para os munícipes, mas também para os turistas, uma vez que será distribuído pelas Juntas de Freguesia, pelas empresas ligadas ao turismo e pelas Agências de Viagens.